

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MEMÓRIAS VIVAS E A POLONIDADE NO MUNICÍPIO DE  
GUARANI DAS MISSÕES/RS**

**ALINE CARLISE SLODKOWSKI**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ÁLVARO LUIZ HEIDRICH**

**Porto Alegre, 2013.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MEMÓRIAS VIVAS E A POLONIDADE NO MUNICÍPIO DE  
GUARANI DAS MISSÕES/RS**

**ALINE CARLISE SLODKOWSKI**

**Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich**

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet (UNIOESTE)  
Prof. Dra. Cláudia Luísa Zeferino Pires (POSGEA/ UFRGS)  
Prof. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros (POSGEA/UFRGS)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Porto Alegre, 2013

Slodkowski, Aline Carlise

Memórias vivas e a polonidade no município de Guarani das Missões/RS / Aline Carlise Slodkowski - Porto Alegre : IGEO/UFRGS, 2013.

[121 f.] il.

Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2013.

Orientador: Álvaro Luiz Heidrich

1. Identidade polonesa. 2. Guarani das Missões. 3. Memórias vivas. I. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Miriam Alves CRB 10/1947

## AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de cursar um ensino público e gratuito de qualidade.

Aos professores do Departamento de Geografia, pelas disciplinas que auxiliaram a pesquisa, pelos ensinamentos e indicações de leitura....

Ao professor Álvaro pela oportunidade e, acolhimento desta proposta de pesquisa, pelo seu olhar crítico, pelos ensinamentos e paciência...

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de cursar o mestrado.

A todas as pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa, contribuindo com seus depoimentos orais, fotografias e objetos e, também por terem ajudado a criar minha rede de informantes.

Aos meus pais Augusto e Eli pelo amor e carinho, força e incentivo à minha formação pessoal e profissional e, principalmente por terem me acompanhado nos trabalhos de campo pelo município.

À minha irmã Adriane pela motivação e amizade e, ao meu cunhado Idelmar.

Aos meus amigos especiais durante a pesquisa; Nola e Christiano Ricardo, pela amizade, conselhos, indicações...

À minha amiga Rejane pela grande amizade e acolhida.

As minhas amigas de 'longa data' que sempre me apoiaram para cursar o mestrado; Mariane, Caroline, Valesca, Cibele, Angela pela força e entusiasmo...

A todos os amigos, pelo companheirismo, momentos de descontração e força.

Aos colegas do Curso de Geografia.

Enfim, a todos que de alguma forma me auxiliaram nessa trajetória meus sinceros agradecimentos...

*Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil de amar. (Paulo Freire, 1968).*

## RESUMO

A presente dissertação tem como foco de análise compreender as identidades culturais atuais e a relação com sua cultura de origem. Para este trabalho, tomou-se como área de estudo o município de Guarani das Missões/RS, espaço caracterizado pela intensa imigração polonesa no período de formação das colônias no Estado do Rio Grande do Sul e, considerada a “Capital Polonesa dos Gaúchos”. Teve-se como objetivo geral a busca de uma compreensão do grupo cultural polonês, investigando suas formas de organização, suas simbologias e, as intencionalidades com as quais os mesmos (re) organizam o território, por meio de suas histórias de vida e do discurso da polonidade. Para tal perspectiva, em termos metodológicos primou-se pela valorização das memórias vivas como uma forma de compreender as representações que cercam estes indivíduos e, como a identidade polonesa pode ou não influenciar na organização do seu espaço social, no seu modo de vida e, na relação com as novas gerações. Ao tecer nossa dissertação, indagamos como estas identidades foram sendo produzidas em determinadas configurações temporais e espaciais, pois a marca de uma cultura está em seu movimento e dinamismo. Mudanças e permanências cercam este lugar, assim pretendemos discutir aqui, como estas relações de contradição estão inscritas na construção do imaginário da identidade do brasileiro *versus* o ‘apagamento’ de uma identidade polonesa entre os diferentes atores que vivem no município.

Palavras-chave: Identidade polonesa. Guarani das Missões. Memórias vivas.

## ABSTRACT

This dissertation aims to understand current cultural identities and their relation with their original culture. For this study, the city of Guarani das Missões/RS was the area of analysis, which is characterized by its intense Polish immigration in the period of colony formations in the State of *Rio Grande do Sul*, and is also considered the Polish Capital of the *Gaúchos*". The general objective was to understand thoroughly the Polish cultural group by investigating its organization, symbols, and the international aspects with which they organize their territory, considering their life stories and the Polish discourse. From this perspective, in terms of methodology, live memories were prioritized as a way to comprehend the representations surrounding these people, and also to understand how the Polish identity may or may not influence in the organization of the social space, lifestyle and relationship with new generations. While writing this dissertation, we asked how these identities were produced in determined spatial and temporal configurations since the mark of a culture relies in its movement and dynamism. Changes and permanence surround this place, so the discussion here focus on how these contradiction relations are subscribed in the construction of the Brazilian identity imaginary versus the 'erasing' of a Polish identity among the different subjects who live in this city.

Key-words: Polish identity. Guarani das Missões. Live memories.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Evolução da população do município de Guarani das Missões entre 1970/2010.....	28
GRÁFICO 2: Evolução da população jovem no município de Guarani das Missões entre 1970/2010.....	29
GRÁFICO 3: Evolução da população idosa no município de Guarani das Missões entre 1970/2010.....	30
GRÁFICO 4: Porcentagem da lavoura temporária plantada no município de Guarani das Missões/RS.....	83

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Guarani das Missões/RS.....	26
Figura 2: Localização da área urbana do Município de Guarani das Missões/RS....	27
Figura 3: Rede socioespacial de informantes.....	35
Figura 4: Características definidoras da Análise de Conteúdo.....	39
Figura 5: Ilustração dos âmbitos territoriais na concepção de Dematteis (1964).....	53
Figura 6: Símbolos religiosos visualizados casas dos moradores do município.....	57
Figura 7: Símbolos religiosos visualizados casas dos moradores do município.....	58
Figura 8: Imagens de Nossa Senhora de Czestochowa, do Papa e também do folclore polonês na forma de imãs de geladeira.....	59
Figura 9: Estátua do Papa João Paulo II/Guarani das Missões/RS.....	59
Figura 10: Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa.....	60
Figura 11: Imagem de Nossa Senhora.....	60
Figura 12: CD-ROM do Grupo Polonês Czestochowa /Guarani das Missões/RS....	62
Figura 13: Casamento típico polonês.....	69
Figura 14: Festejos nas famílias com a utilização do Bandoneon.....	70
Figura 15: Folder de divulgação da 21ª Romaria de Nossa Senhora de Czestochowa.....	72
Figura 16: Almoço típico polonês.....	74
Figura 17: Exemplo da configuração de uma nova espacialidade rural.....	81
Figura 18: Fontes de renda do município de Guarani das Missões.....	83
Figura 19: Atributos da cultura polonesa e gaúcha no seio das famílias.....	90
Figura 20: Sede da Braspol em Guarani das Missões.....	92
Figura 21: Casa Polonesa, Guarani das Missões/RS.....	94
Figura 22: Pórtico em homenagem ao imigrante.....	94
Figura 23: Grupo Folclórico Águia Branca.....	95

Figura 24: Grupo Folclórico Águia Branca.....	96
Figura 25: Artesanato típico polonês presente na residência da informante.....	97
Figura 26: Ovos de Páscoa, artesanato típico presente na residência da informante.....	97
Figura 27: Encontro da moradora do município com o Papa polonês.....	99

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 A cultura polonesa em cena: pequeno histórico dos estudos já realizados....	18
<b>2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE GUARANI DAS MISSÕES</b> .....	23
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	32
3.1 Concretizando os objetivos propostos.....	32
3.2 Histórias orais e sua interpretação nessa pesquisa.....	37
3.3 Nossa aproximação com o objeto de pesquisa.....	39
<b>4. MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO</b> .....	43
4.1 As perdas de sentido: mudanças e permanências.....	47
4.2 Atributos culturais de afirmação da identidade polonesa.....	54
4.2.1 A religiosidade preconizada.....	55
4.2.2 A expressão polonesa pela língua materna.....	63
4.2.3 O sentido das festas.....	67
4.2.4 A cultura polonesa como referência identitária: algumas considerações..	75
<b>5. O ESPAÇO (RE) TRANSFORMADO E O SENTIDO DA IDENTIDADE</b> .....	77
5.1 De ‘colono’ a agricultor.....	79
5.2 A polonidade entre os jovens.....	86
5.3 Ações para a continuidade da cultura polonesa.....	91
5.4 O desejo de conhecer suas origens: a Polônia hoje.....	93
<b>6. REFLEXÕES FINAIS</b> .....	101
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
<b>APÊNDICE A:</b> Reportagem ‘Dia de celebrar a beatificação do Papa João Paulo II’ (Clic RBS).....	115
<b>APÊNDICE B:</b> Reportagem Guarani das Missões se prepara para celebrar a beatificação do papa João Paulo II (Zero Hora).....	116
<b>APÊNDICE C:</b> Levantamento dos elementos do Patrimônio turístico-cultural da região missioneira.....	117

## 1. Introdução

*A geografia cultural é, atualmente, uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes, até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. (McDowell, 1996, p.159).*

Este trabalho insere-se na temática da Geografia Cultural, tendo como principal problemática discutir as questões da identidade no contexto atual. Para isso, a escolha de um grupo cultural proveniente de outro espaço geográfico, o processo de reconstrução de sua identidade e a inter-relação com as feições da contemporaneidade compõem as principais características que identificam essa pesquisa.

Fundamentado no estudo das memórias vivas, propôs-se pensar como a (s) identidade (s) cultural (is) que cerca os atores do município de Guarani das Missões/RS, espaço caracterizado pela intensa imigração polonesa no período de formação das colônias, no Estado do Rio Grande do Sul e, considerada a “Capital Polonesa dos Gaúchos”, influencia na organização do seu espaço social, no seu modo de vida, e na relação com as novas gerações.

Tem-se como objetivo geral buscar uma compreensão do grupo cultural polonês, investigando suas formas de organização, as expressões das geograficidades e, as intencionalidades com as quais os mesmos (re) organizam o território, por meio de suas histórias de vida e do discurso da polonidade.

Ressalta-se que esse discurso mantém, muitas vezes, uma relação com convicções enraizadas em seu passado colonial (lugares de memórias para esses descendentes) *versus* o processo de integração que, ao mesmo tempo, em que tente a metamorfosear, a imprimir novas funções e formas, o lugar por

sua vez, sob uma forma de tensão expressa marcas identitárias através de representações sociais que elaboram os aspectos constituintes da identidade do descendente de polonês.

Entre os objetivos específicos, destacam-se inquietudes que se propuseram a: 1) investigar o processo de adaptação do imigrante colono em terras sulinas, salientando aspectos que marcaram a construção do estereótipo do imigrante polaco e seus descendentes em relação às demais correntes migratórias; 2) realizar a (re) construção da identidade polonesa através das narrativas de vida dos moradores do município, buscando em perfis diferenciados compreender como a cultura se perpetua entre as gerações, considerando as práticas cotidianas no seu espaço de vivência; 3) buscar nos alicerces teóricos relativos à Geografia cultural, a identidade e ao território o imbricamento de uma realidade que é vivida, sentida e representada dentre os seus atores sociais e perante a sociedade; 4) identificar quais os atributos mais significativos que, assim, representam a chamada “identidade polonesa” atual e; 5) analisar como os atributos culturais são, de alguma maneira, utilizados para promover práticas e eventos que reverenciam o município como a Capital Polonesa dos Gaúchos.

Tendo como pressuposto norteador do trabalho, que o homem apropria-se do espaço, seja de maneira concreta ou subjetiva, compartilhamos do pensamento de Bonnemaïson (2002), para o autor cultura e sociedade são as duas faces de uma mesma realidade com funções sociais e simbólicas. Organização, produção e significação compõem teias de relação que marcam o espaço construído e vivenciado.

Aliada a tal perspectiva, a relevância da pesquisa centra-se na compreensão da relação natureza-sociedade, sendo o homem um ser cultural, que materializa no espaço códigos que são expressão de sua identidade, tornando-o distinto dos demais, devido à multiplicidade de formas, de paisagens, de valores e de crenças. A origem desse processo de identificação nos faz refletir sobre as migrações, suas causas e consequências, principalmente, em relação a sua bagagem cultural procedente dos locais de origem e às adaptações às novas condições presentes no Rio Grande do Sul.

É de importância ressaltar, também, que ao tecer nossa dissertação, indagamos como essas identidades foram sendo produzidas em determinadas

configurações temporais e espaciais, pois a marca de uma cultura está em seu movimento e dinamismo. Mudanças e permanências cercam esse lugar, assim, pretendemos discutir como essas relações de contradição estão inscritas na construção do imaginário de identidade do brasileiro *versus* o ‘apagamento’ de uma identidade polonesa.

Nesse sentido, a investigação através das narrativas identitárias possibilitou reconhecer as percepções que esses atores apresentam sobre seu espaço de vivência, a sociabilidade e o *ethos* à luz dos conceitos de memória e identidade, entre um tempo passado, um tempo presente e suas ideações para o futuro, sendo que um está contido no outro, e as suas representações revelam as transformações sofridas, os acréscimos e as continuidades que marcam esta cultura.

Nesse entrelace, trazemos a ideia de compreender este cenário a partir de suas geograficidades, ou seja, interpretar o mundo vivido à luz de suas experiências variadas e contraditórias. Estas experiências estão embutidas no relacionamento do homem com espaços, paisagens e lugares (RELPH, 1979). Isso não significa apenas topofilia ao meio, inclui também desejos e atitudes conflitantes. Dardel (1952, p.2) nos auxilia a compreender o termo quando nos diz que, “(...) um relacionamento definido liga o homem a terra – uma geograficidade do homem que é o seu modo de existência e seu destino”. Decodificar esta vivência influi em analisar o relacionamento do homem com a natureza, não apenas em uma visão romantizada, mas sim, como toda experiência ambiental, rural ou urbana que caracteriza o tecido social.

Outra questão que levamos em conta, condiz com o contexto interétnico, uma vez que, alguns pontos pertinentes precisam ser considerados, primeiro, porque todos os imigrantes independentes do grupo étnico já possuíam uma identidade coletiva, qual seja a de ‘colono’, sendo a mesma formulada para diferenciar esses atores dos brasileiros. O segundo ponto dizia respeito à tentativa de construção de uma identidade étnica própria, referenciando a pátria mãe.

Dessa forma, foi importante considerar o hibridismo cultural acerca dessas comunidades polonesas e, sobretudo investigar os mecanismos institucionalizadores e os elementos propagadores da chamada “identidade polonesa” que se esboça pela manutenção de suas tradições, reforçada pelo

discurso legitimador da polonidade enraizada na tríade igreja-escola-associação. Consideram-se essas instituições como locais de afirmação, onde os descendentes reunidos professavam sua fé católica, ensinavam de geração a geração a língua materna e os costumes e, mantinham laços de entretenimento nos clubes organizados.

Para iniciar a explicar sobre nossa justificativa, cabe aqui, primeiramente, ilustrar o porquê do presente tema de pesquisa, um desafio que antecedeu os minutos nervosos de nossa seleção para o ingresso no programa de Pós-Graduação. Formada pela Universidade Federal de Santa Maria, trilhei meus projetos acadêmicos, inicialmente, transitando entre as chamadas Geografia Física x Geografia Humana, já que, não podemos entender nem uma, nem outra, a não ser pelo emaranhado de seus conceitos. Despertada por um pequeno projeto de pesquisa, elaborado com fins de aproveitamento para a disciplina de Metodologia Científica, no terceiro semestre do curso, propus compreender as “influências” da cultura polonesa na organização do espaço do município de Guarani das Missões/RS.

Após um ano, retomei a ideia que já havia adormecido e, como descendente de imigrantes poloneses, dei os primeiros passos na pesquisa em Geografia Cultural, como bolsista e, após, durante o trabalho de conclusão de curso, no qual busquei o entrelaçamento da cultura polonesa e os saberes didáticos referentes ao estudo do município para educandos da rede fundamental de ensino.

Impulsionada em continuar os estudos, nova etapa transcorreu, o ingresso no mestrado agora então, em nova instituição de ensino, localizada ainda mais longe da família e da área de estudo. Novos olhares e orientações ampliaram a modesta visão que tinha sobre os problemas culturais relacionados à cultura polonesa. Como descendente de imigrantes, acreditava que por ter passado grande parte nesse convívio fosse, talvez, mais fácil o transcorrer de uma investigação científica.

Modesta visão repito, pois a partir das conversas com meu orientador, notei que necessitava de um distanciamento em relação ao meu problema de pesquisa, para, então, poder analisar com um caráter acadêmico, desmistificando as ideologias e, compreendendo como meu conhecimento empírico poderia contribuir na análise das hipóteses dessa pesquisa. Com a

participação no IV Colóquio sobre Representações e Espaço, deparei-me com pesquisadores com os mesmos anseios, ou seja, é necessário ser polonesa para estudar essa etnia? Ou homossexual para compreender esse grupo social, dentre outros exemplos? Se por um lado, sinto-me a vontade entre a rede de informantes que criei e por ter meu papel reconhecido na comunidade de estudo, por outro; creio que este foi um desafio, na busca por uma análise fidedigna e de uma compreensão sobre todas as entranhas que cercam esse tema.

Colocada essa trajetória, faz-se necessário buscar compreender a importância desse estudo e suas contribuições para uma análise de cunho Geocultural. Considerando o homem como um ator social que (re) organiza seu espaço de vivência e imprime características específicas, temos na formação do gaúcho a incorporação de traços culturais europeus, que retratam uma organização socioespacial determinada. Imbricada a um solo e a costumes já existentes, podemos considerar o espaço dessa forma fracionado entre intencionalidades e representações que os diferentes grupos conferem na sua prática cultural.

Essa teia de relações e sua evolução predizem ao que hoje denominamos hibridismo cultural, ou seja, o desenvolver e a mistura das culturas tornam as mesmas distintas das organizações fechadas que marcaram a época da colonização, com núcleos separados. Se as mesmas não podem ser igualadas a esses fatores, pois a dinâmica é a marca principal de uma cultura e, conseqüentemente, da identidade de um grupo, pode-se dizer que, ainda hoje, há marcas identitárias e discursos que representam esses locais formados por descendentes de imigrantes. Assim, é por meio desses sinais identificadores da cultura que se dá o processo de investigação geográfica.

A vivência e o cultivo das práticas trazidas por esses imigrantes são adaptadas às novas funções que a contemporaneidade confere, desse modo, novos instrumentos se interpelam no viver do camponês atual que mescla seus conhecimentos passados, de geração a geração, às novas exigências impostas pela sociedade. Mas, nem por isso, ele deixa de ser o descendente de imigrante que reserva alguns momentos para a prática das tradições e, é esse polonês híbrido o intento desse trabalho. Buscando entender como se dá a (re) construção da identidade do descendente de imigrante é que se poderá

compreender a organização do espaço de vivência, a expressão das territorialidades e as intencionalidades que ultrapassam o senso comum do que é ser polonês, esse propósito é que subsidia a justificativa da presente pesquisa.

Na busca de uma compreensão do que é a polonidade, organizamos nossa pesquisa em capítulos, a fim de melhor ilustrar os dados colhidos em campo. Primeiramente distinguimos nossa área de estudo, capítulo denominado caracterização socioespacial, procuramos considerar seus dados políticos, históricos, econômicos, sociais para imbricá-los a uma realidade cultural, a qual é caracterizada pelo elemento polaco.

No tópico que diz respeito à metodologia de pesquisa, buscamos delinear como a pesquisa foi realizada, quais os subsídios utilizados, a fim de se interar com as pessoas da comunidade. A escolha do método história oral e sua análise de conteúdo possibilitou uma aproximação maior com as narrativas identitárias, buscando compreender os desvios, as concepções, discursos e utopias que cada um carrega.

O desenvolvimento da pesquisa está ilustrado no quarto e quinto capítulo. Dividimos segundo as narrativas colhidas em campo dois vieses de análise, o primeiro, considerando a fala das pessoas idosas e sua vivência, como era o espaço e como estes atores viram, vivem e acompanham as mudanças da atualidade. Já o quinto capítulo, buscou enfatizar como se encontra esse 'espaço transformado', ou seja, quais as modificações no cenário da paisagem, que estes atores enfatizaram, que ultrapassam o modo de lidar com a terra, agindo também, na forma de relacionamento entre as pessoas, suas convicções, sensações e perspectivas. Considerou-se nesta análise, além das narrativas das pessoas adultas, a visão dos jovens frente a esta realidade, buscando desse modo, compreender de que forma ele convive com a cultura, em um momento que a contemporaneidade oferece 'atrativos' culturais diferenciados.

Nas considerações finais, buscamos uma compreensão maior do que é esta polonidade, a partir do que colhemos em campo aliado aos subsídios teóricos em que está pesquisa se alicerçou. Ao findar nossas reflexões analisamos em uma totalidade como se deu este trajeto, suas dificuldades e os pontos que nos despertaram atenção.

Além disso, apresentamos a seguir os estudos que já foram realizados, tendo como enfoque a cultura polonesa, os mesmos nos ajudaram a visualizar outros tramas culturais que estão acontecendo, e quais as formas que estes autores buscaram para decodificar seus problemas de pesquisa.

### **1.1 A cultura polonesa em cena: pequeno histórico dos estudos já realizados**

A imigração polonesa para o Brasil tem despertado o interesse de estudo sob diversos enfoques, como da geografia, da história, da antropologia entre outros, realizando um entrelace dos seus saberes para o entendimento do processo de imigração e caracterização destas comunidades. Nesse espaço, procuro ilustrar as principais fontes consultadas e o perfil desses trabalhos que auxiliaram como subsídio teórico para a pesquisa.

Enfatiza-se que grande parte das pesquisas realizadas refere-se ao estado do Paraná, extensão territorial que recebeu o maior contingente de imigrantes poloneses dentre as três regiões sulinas. Destaca-se primeiramente a dissertação de Ruy Christovam Wachovicz com seu caráter pioneiro nessa temática, mestre em História em 1974 pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), sua pesquisa intitulada *Abranches: paróquia da imigração polonesa: um estudo de história demográfica*, na qual faz ênfase às atividades realizadas na comunidade, principalmente no tocante a função da paróquia durante a imigração. O autor realiza esse trabalho com base em dados de nascimentos, batizados, casamentos e óbitos registrados.

Neda Mohtadi Doustdar, também, mestre em História (UFPR) em 1990, buscou através da pesquisa *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito* conhecimentos sobre a Colônia de Tomás Coelho e a lógica imigracionista. Abordou os preconceitos disseminados a esses atores e, os valores cultuados principalmente vinculados à religiosidade e a sua identidade étnica.

Também, na linha de pesquisa de história e historiografia com o mestrado em Educação pela UFPR em 2009, Valquiria Elita Renk procurou investigar o

bilinguismo dos imigrantes. No seu trabalho: *Aprendi falar português na escola! o processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná* Renk buscou delinear os caminhos da construção das comunidades étnicas e de suas escolas, sejam elas religiosas ou laicas. Os objetivos que motivaram a pesquisadora eram compreender as formas de resistência das escolas étnicas ante o processo de nacionalização e as táticas de manutenção da identidade cultural, como também, entender o papel da escola para a homogeneização dos saberes e da população; e, além disso, discutir o significado do aprendizado e do uso da língua nacional para o Estado e para os grupos étnicos.

Prosseguindo, com ênfase, destaco o trabalho de Ulisses Iarochinski, autor amplamente citado nessa pesquisa, o qual a partir de sua dissertação editada para o livro *Polaco: Identidade Cultural do brasileiro descendente de imigrante da Polônia* da Universidade Iaquielônica de Cracóvia obteve no sistema polonês de ensino a nota 5,0 a qual corresponde, no Brasil, à nota 10 do sistema vigente. De grande contribuição, Ulisses procurou desmistificar as principais circunstâncias que marcaram todas as caracterizações enigmáticas do polaco, buscando nas mais diversas fontes as origens do termo e as diferenças entre o correto e o adequado: o polaco ou o polonês.

Na Geografia Alcimara Aparecida Foetsch em dissertação *Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet – PR*, pela UFPR em 2006, a autora buscou nos aportes geográficos para o estudo da paisagem a visualização dos códigos culturais poloneses, referenciando, assim, os elementos religiosos na paisagem, a dinâmica dos elementos sociais nela e a conseqüente integração de novos elementos. Através da percepção dos moradores Alcimara (re) construiu a dinâmica na cultura expressa na paisagem do município.

Em relação a trabalhos de conclusão de curso, destaco as tarefas de Lourival de Araujo Filho em monografia de Graduação em história pela UFPR em 2003. Lourival em sua pesquisa *A dicotomia cultural do imigrante e a polonidade anunciada* busca compreender o processo de imigração e a instalação em Curitiba por parte desses imigrantes, analisando o discurso legitimador da polonidade e os valores que cercavam esses atores.

A cerca dos artigos publicados sobre a temática Krzysztof Smolana aborda, em 1979, aspectos sobre a gênese do estereótipo do Polonês na América Latina (caso brasileiro), discutindo, assim, questões pertinentes e abordadas por outros autores, ou seja, os preconceitos estilizados aos imigrantes desta etnia. O conflito étnico/ cultural e interlinguístico entre os imigrantes constitui no tema do artigo de Clarice Nadir von Borstel, a autora buscou salientar em suas colocações o caráter da cultura, da memória e da identidade utilizando autores como Hall e Certeau para apreender as narrativas identitárias. Abrange, também, as cenas de estigma de ser polaco no Brasil e os conflitos linguísticos encontrados.

Trabalhos realizados em Santa Catarina também fazem parte do arsenal desta pesquisa, no seu mestrado em Educação Isabel Conti Schilling publica o artigo (2010) *Os traços da identidade cultural polonesa nas práticas educacionais da escola Casemiro Stachurscki*, na tentativa de elucidar os fatos que marcaram o estabelecimento do município de Criciúma, bem como analisar os processos de construção e manutenção identitária (seja pelo uso da linguagem, seja pela preservação dos costumes, seja pela criação de práticas institucionais, como a escola, por exemplo) em contraponto com os movimentos históricos nacionais, discutindo desse modo, qual o papel da escola nesse processo.

Vera Lúcia Chacon Valença doutora em Psicologia Aplicada, também referencia seus estudos abordando as *crianças catarinenses de descendência polonesa: valores estético/culturais predominantes*, sendo esse artigo uma continuação de estudos realizados desde 2000. Valença busca compreender entre as crianças as tradições culturais, as vivências culturais atuais e a definição de um padrão físico de beleza. Assim, a identificação de preferências por parte das crianças, moradoras de Itaiópolis, em relação à leituras, programas de televisão, brincadeiras, artes, festas, cinemas entre outras atividades demonstraram que o modo de vida que elas cultivam “de não terem tempo ocioso, de não ficarem o dia inteiro na frente da televisão parece saudável e distingue suas respostas daquelas dadas por outras crianças sujeitas a uma forte influência da mídia e do marketing consumista” (2008, p. 323). Notou-se na sua pesquisa que vários dos costumes e artefatos poloneses

ainda fazem parte de suas vidas, principalmente quando se comenta a respeito de comemorações como a Páscoa e o Natal.

Em relação a livros publicados, destaco aqui as obras de Victor Stawinski (1976), em seu estudo sobre os Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul; Isabel Rosa Gritti sobre Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: A emergência do Preconceito e, duas obras de destaque para o município de Guarani das Missões escritas pelo historiador Paulo Tomaz Marmilicz; A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais (1996) e, Linha Bom Jardim: Cem anos de Colonização - 1898-1998, (1998).

Como mídias visuais, cito o documentário *Walachai*, sob direção de Rejane Zilles, ainda que o mesmo seja uma reprodução de uma colônia de imigração alemã, a vida do camponês reportada aqui, transpassa todas as correntes imigratórias. O documentário retrata de maneira muito interessante um pequeno povoado de imigração alemã que ainda vive isolado de qualquer ímpeto globalizante e, como se fosse uma provocação do destino, chama-se Walachai. Em alemão significa “lugar distante, onde o tempo parou” informa a sinopse do filme. Assim, cenas da vida rural, reportando a religiosidade constituem-se as vivências dos informantes que participam dessa gravação. *Poloneses no Paraná* é um raro filme de 1953, realizado em Santa Cândida, Curitiba. O documentário expõe cenas da vida cotidiana dos colonos poloneses demonstrando o folclore, as festas, com destaque para o casamento polonês, suas comilanças e danças que tinham a duração de dois a três dias, além da festa da colheita de grande alegria para os colonos. A descoberta desse filme proporcionou a gravação dos Poloneses no Paraná (segunda parte) realizada em 2011 pelo programa da RPC Rede Paranaense de Televisão, no qual alguns participantes da gravação realizada em 1953 se emocionam com seus depoimentos. Esta edição tem como finalidade retratar de que maneira ainda, hoje, os costumes poloneses fazem-se presentes na terceira e quarta geração de imigrantes presentes no Brasil. Editado no Paraná, a visualização do mesmo a descendentes outros lugares e, a mim como pesquisadora, faz lembrar algumas práticas vividas em comunidade.

Os exemplos acima não traduzem todos os trabalhos realizados sobre a temática da imigração polonesa, constituem-se sim, em uma base orientadora

para o seguimento dessa pesquisa, como subsídio e, também, como foco de inquietação para novos olhares que o estudo da cultura está a despertar na seara geográfica, constituindo-se dessa maneira num campo próspero e fecundo.

## 2. Caracterização socioespacial do município de Guarani das Missões

*Morei desde pequena nesta comunidade, então eu conheço bem porque vivi minha infância, juventude e agora também estou aqui. Eu comecei a estudar aos sete anos nesta comunidade e eu lembro muita coisa sobre aqui (...) sobre os princípios que a gente aprendia, sobre a parte religiosa, sobre os costumes (...) (agricultora, 64 anos, zona rural do município).*

Conhecida como a Capital Polonesa dos Gaúchos, Guarani das Missões é um município do estado do Rio Grande do Sul que se caracteriza por apresentar em sua constituição identitária o elemento denominado “polaco”. A grande leva de imigrantes europeus destinada ao território sulino no período da colonização fez com que porções de terra fossem organizadas em pequenas propriedades rurais. Considerando a caracterização etnocultural, as colônias inicialmente eram organizadas de maneira fechada, o que permitiu salvaguardar suas tradições. Deste modo, a afirmação dos mesmos em território desconhecido ocorreu na condição de pequenos camponeses, ofício trazido da pátria mãe. Juntamente ao trabalho empreendido as tradições e costumes passam a constituir marca de cada local, produzindo-se forte associação entre origem étnica e paisagem, constituindo-a no lócus de representação de respectivas simbologias culturais.

Dando ênfase ao entendimento de como os imigrantes poloneses chegaram a terras sulinas, considera-se importante um pequeno resgate do processo histórico da imigração polonesa. Ocorrido de maneira mais significativa entre os anos de 1890 a 1894, fazem-se necessários alguns apontamentos que marcaram essa trajetória. Com Garcez (1997, p.7) temos que, para a imigração polonesa

[...] a primeira constatação a fazer é a de que chegaram com algum retardamento ao Rio Grande do Sul, quando já eram extensos e volumosos os assentamentos de imigrantes de outras etnias. Embora os primeiros grupos de colonos poloneses tenham chegado quase concomitantemente aos italianos de Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu, é certo que o movimento migratório só se intensificou a partir de 1890.

O desejo de imigrar ostentado pelas precárias condições em que se apresentava a Polônia na época é ilustrado nas palavras de Dill (2008, p.13) “Por sua vez o Brasil acenava com trabalho, terras e liberdade. Ele imigra. Chega às diversas regiões do Rio Grande do Sul: Áurea, Guarani das Missões, Erechim, Dom Feliciano, Caxias, etc...”. Nesse mesmo contexto, Gritti (2004 apud RACOSKI, 2006, p. 32) aponta que “Para o camponês polonês, as representações construídas giram em torno da propriedade da terra. Agora, ele é o senhor. A conquista da terra, o tornar-se patrão de si mesmo (...)”.

O estabelecimento nas propriedades e o esforço empreendido por esses imigrantes passam a marcar e identificar os discursos destes atores. A prosperidade alcançada pelo trabalho cria um sentimento de identidade territorial que os ligava à nova terra e que, ao mesmo tempo, buscava recriar um cenário que se assemelhasse à pátria mãe, onde as tradições herdadas faziam da tríade: família, educação e religião os alicerces para a vida em comunidade.

Baseada nestas características passa-se a analisar a organização territorial desempenhada pelos imigrantes poloneses e seu trabalho e, por seus descendentes, em Guarani das Missões, que hoje também fazem parte desta história, marcada por tradições que evoluem conforme a contemporaneidade impõe novos usos e costumes no cotidiano destes sujeitos.

De acordo com Gordolinski (1976 apud MARMILICZ, 1996, p.69) temos que “[...] fundada em 1891, a colônia Guarani das Missões abrangia a área ao redor de dois mil lotes rurais. Pertence à chamada região missioneira”. No que diz respeito aos primeiros colonizadores Marmilicz (1996, p. 69) salienta que

Os primeiros colonizadores da colônia Guarani foram os imigrantes poloneses, alemães, húngaros, suecos e elementos nativos, predominou, porém, a corrente migratória polonesa, principalmente no decênio de 1890. Primeiramente atraídos pelas terras férteis, inúmeras famílias se deslocaram da antiga colônia de Ijuí, posteriormente, novas levadas de poloneses das colônias de Santa Tereza, Santa Bárbara, Alfredo Chaves (Veranópolis), Antônio Prado entre outras, se deslocaram para Guarani das Missões.

Segundo estimativas, no período de 1891 a 1895 podiam ser contabilizados cerca de 1200 habitantes na Colônia Guarani, a maioria de descendência polonesa. Em 1913, quando já se somavam cinco mil habitantes, registrou-se um novo fluxo de imigrantes provindos diretamente da Polônia, elevando ainda mais o percentual populacional desta etnia. Estatística de 1925 apontou a presença do elemento polaco em praticamente todos os estabelecimentos do município (IARUCHINSKI, 2000).

Dada esta trajetória, atualmente o município conta com uma população de 8.081 habitantes segundo o censo de 2011 (FEE), tendo uma área de 290,5 km<sup>2</sup>. (FIGURA 1).

Situado ao noroeste do estado gaúcho, faz parte da Rota Turística das Missões. A colonização do município iniciou com o nome de Núcleo Comandaí, designação que provém do rio que abastece a cidade, em 1898 passou a ser denominado Santa Teresa de Guarani, em 1899 passou à categoria de 5º Distrito de São Luiz Gonzaga, de Guaramano em 1944 e posteriormente a adoção do atual nome em 1950, em homenagem a presença indígena nesta região. O município foi criado pela Lei Estadual nº 3.699 de 31 de janeiro de 1959, a posse do primeiro prefeito foi realizada em 27 de maio do mesmo ano, data em que é comemorado o Dia do Município (FIGURA 2).

Em relação a sua estrutura econômica, destaca-se o setor primário, com destaque para os agricultores minifundiários. Os principais produtos cultivados são a soja com área colhida de 17.500 hectares, o milho com área de 5.000 hectares colhida, o trigo, a linhaça e a canola em menores quantidades (FEE, 2012). Guarani das Missões é considerada a pioneira na cultura da soja, introduzida com significação no Brasil pelo cientista polonês Ceslaw Mário Biezanko em 1932, com a distribuição de sementes da oleaginosa aos alunos da antiga escola Agrônômica (PREFEITURA DE GUARANI DAS MISSÕES).

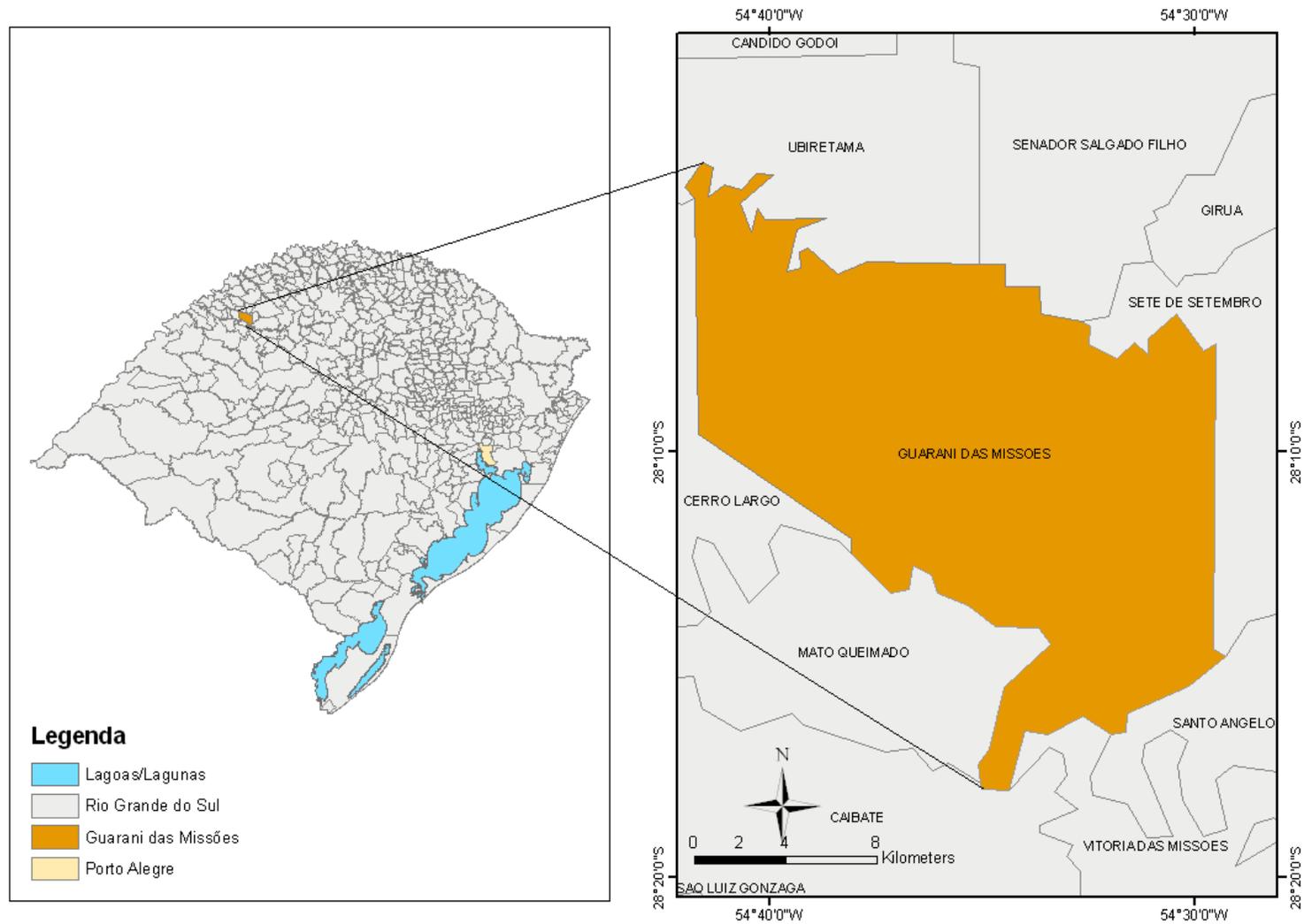


FIGURA 1: Mapa de localização do município de Guarani das Missões/RS.  
Org.: GAMALHO, N.; SLODKOWSKI, A.C. 2012.

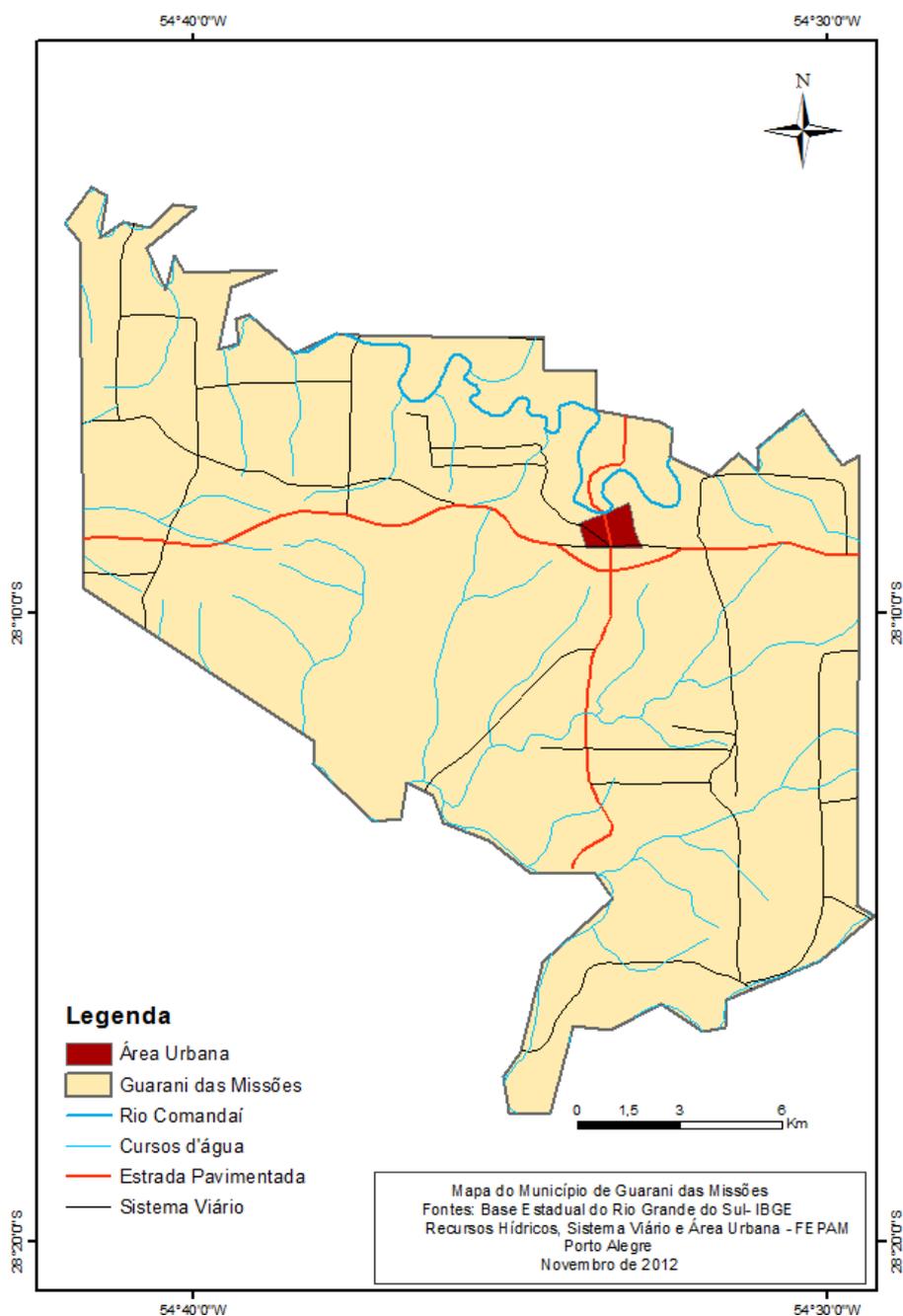


FIGURA 2: Localização da área urbana do Município de Guarani das Missões/RS.  
 Org.: GAMALHO, N.; SLODKOWSKI, A.C. 2012

A pecuária também é difundida no município com a criação de suínos, bovinos de corte, destacando-se principalmente a bovinocultura de leite, sendo esta a segunda principal atividade econômica no meio rural, perdendo apenas para o cultivo da soja.

No tocante a estrutura populacional do município, destaco alguns gráficos que exemplificam a evolução da população. O primeiro a ser analisado diz

respeito ao período compreendido entre os anos 1970 e 2010. Tomando a população total como base, podemos dizer que, a mesma encontra-se em declínio. Fatores associados ao êxodo rural, a busca de empregos em centros urbanos, maior profissionalização e a pouca rentabilidade oferecida pela agricultura familiar faz com que haja um deslocamento da população em busca de melhores condições (GRÁFICO 1).

Tal fato, também foi ressaltado junto aos depoimentos colhidos nos trabalhos de campo, as histórias contadas pelas famílias do espaço rural, como do espaço urbano salientaram a diminuição da população no município. As narrativas ressaltam as mudanças ocorridas na sociedade, no relacionamento das pessoas e na vida em comunidade.

Acho que antigamente tinha bem mais gente, as pessoas eram bem participativas, hoje são sempre os mesmos né (...) as pessoas tem pouco interesse parece, tem poucos jovens, não existe mais jovens no interior, todos se foram para a cidade, estudar fazer sua vida (...) antigamente tinha três times de futebol aqui na comunidade, hoje não tem nem pra formar um sete (...) os jovens se foram (...) e a própria população não existe mais, os antigos, uns foram para o cemitério, outros foram para a cidade e os jovens vão indo procurar a grande cidade, aqui praticamente não existe jovens (...) (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

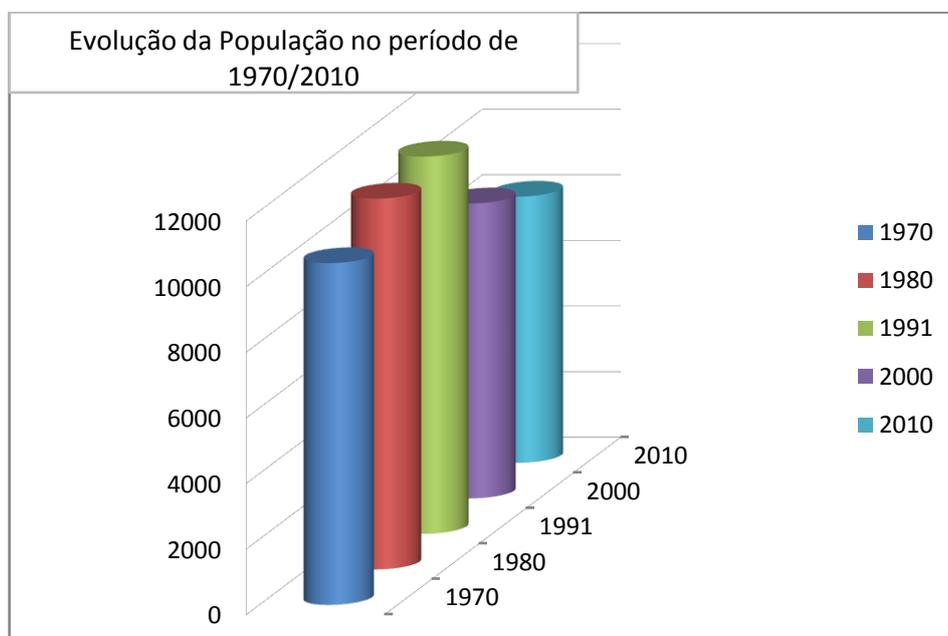


GRÁFICO 1: Evolução da população do município de Guarani das Missões entre 1970/2010

Fonte: FEE DADOS

Org.: SLODKOWSKI, A.C. 2012.

Em consideração ao evoluir da população jovem no município, nota-se uma queda significativa nesta faixa etária. O jovem diante das possibilidades de uma maior profissionalização, vê nos grandes centros urbanos uma oportunidade não encontrada em localidades onde o meio ainda não tenha condições para receber o aparato tecnológico e científico. Outra questão que desperta interesse são as opções de lazer como eventos culturais que instigam o jovem a sair do campo. Segundo Godoy; Pérez e Wizniewsky et al (2010, p.03) o meio rural não apresenta atrativos para a permanência dos jovens no campo, fatores associados às dificuldades para o acesso do ensino escolar e a insatisfação com o rendimento obtido na agricultura desestimulam a juventude rural, os autores enfatizam também que “(...) a penosidade e a imagem negativa do trabalho agrícola e a falta de lazer, colaboram para que o meio rural não apresente atrativos para a permanência dos jovens e em consequência teremos o envelhecimento e a masculinização do meio rural”. Mediante a análise da população jovem na faixa etária entre os 15 a 24 anos durante as décadas de 1970 a 2010 nota-se uma diminuição nessa parcela da população, conforme o gráfico a seguir (GRÁFICO 2).

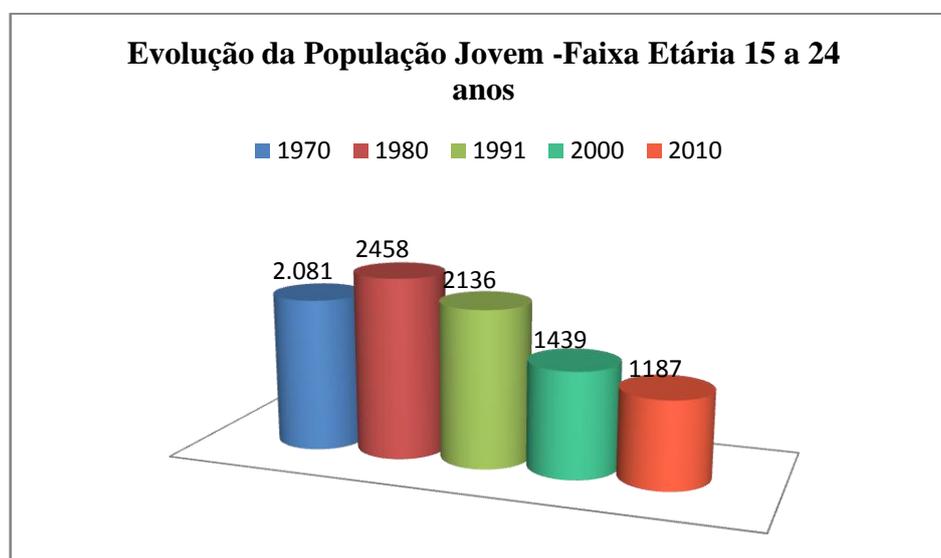


GRÁFICO 2 : Evolução da população jovem no município de Guarani das Missões entre 1970/2010  
Fonte: FEE DADOS  
Org.: SLODKOWSKI, A.C. 2012.

Em contrapartida, analisando-se a trajetória da população idosa visualiza-se seu contínuo crescimento. Característica do período atual, a

elevação da população idosa no Brasil vem de encontro a determinados fatores, como a diminuição do número de filhos por família, devido à inserção da mulher no mercado de trabalho e, o aumento da expectativa de vida. Tais condicionantes implicam em mudanças na sociedade e na maneira de se tratar esta faixa etária. Segundo Veras; Ramos e Kalache (1987, p. 227) um fato comum que marca esta transição é que “Para os idosos que tiveram por toda a sua vida uma grande família, rodeados de muitas crianças, essa mudança de padrão social pode ser extremamente difícil de ser absorvida, principalmente nessa fase final de vida.” Tal preocupação é recorrente nos depoimentos vivenciados pela comunidade enfatizada, a mudança na estrutura familiar cria um sentimento de desconforto para os mais velhos que de alguma forma se vêm desamparados “(...) no tempo nosso tinha mais jovens, eu tinha dezesseis irmãos, os outros vizinhos tinham de oito, dez, cinco filhos, a gente ia entre trinta para a igreja, era tanta gente (...)” (agricultora, 79 anos, zona rural do município). Conforme o gráfico a seguir, pode-se visualizar tal modificação na estrutura da faixa etária referida (GRÁFICO 3).

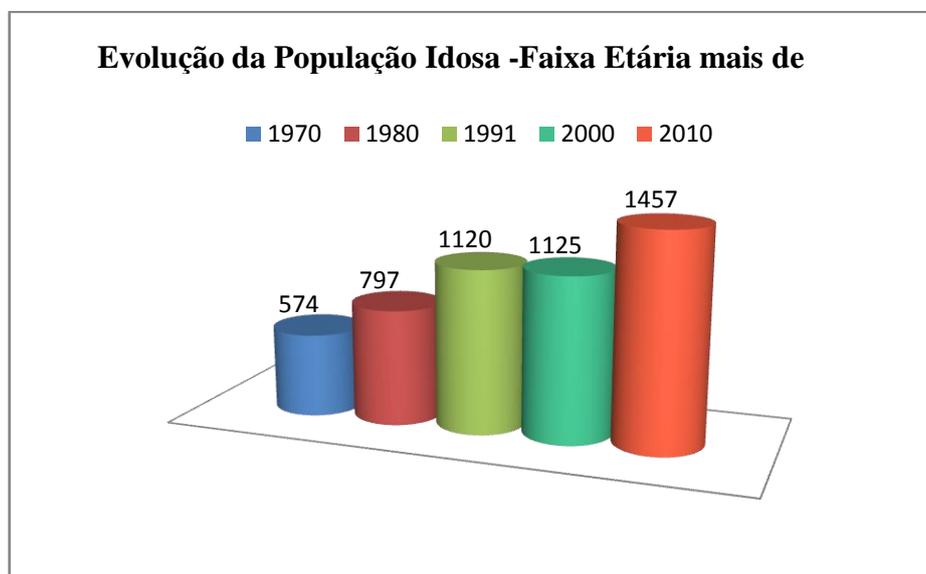


GRÁFICO 3: Evolução da população idosa no município de Guarani das Missões entre 1970/2010

Fonte: FEE DADOS

Org.: SLODKOWSKI, A.C. 2012.

No tocante a descrição dessas características geográficas, históricas, sociais e culturais do município em questão, a seguir apresenta-se a

metodologia proposta para esta pesquisa, a fim de buscar alcançar os objetivos e, também, aprender com estes atores sociais que fizeram parte do trabalho, contando fatos singulares e marcantes sobre seu olhar sobre o mundo.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Concretizando os objetivos propostos**

O caminhar durante a pesquisa, as idas e vindas dos trabalhos de campo, fazem-nos refletir de como as respostas, as angústias e os sentimentos desses sujeitos sociais, encontradas em suas narrativas, nas suas expressões e, no seu modo de vida, podem agora responder nossas inquietações levantadas por esse trabalho. Além de buscar responder os pontos investigativos, a convivência com a comunidade faz enriquecer o trabalho do pesquisador, apropriando-se também do conhecimento que esses atores possuem e a forma como os mesmos vêem o espaço geográfico a sua volta. A base para nossas interpretações são suas histórias de vida, carregadas de lembranças e de representações, que reunidas como que, juntando retalhos de uma colcha reconstróem a identidade desse grupo.

Para situar o leitor, teve-se como premissa principal a reconstrução da identidade cultural dos descendentes de poloneses. Para tal finalidade primou-se, primeiramente, pela escolha do método de pesquisa que pudesse instigar os sentidos e concepções que o grupo tem sobre si, sua família, sua comunidade, ou seja, sobre o seu modo de vida. Seguindo esse preceito, optou-se pela metodologia qualitativa, utilizando-se da história oral como principal alicerce.

Dessa forma, buscou-se nos relatos dos entrevistados não só a objetividade dos fatos, mas também, a subjetividade, as relações cotidianas, o envolvimento individual e coletivo no viver da cultura analisada. Para Ferreira; Amado (2001, p.16) é importante que se faça alguns apontamentos

[...] a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática.

Com isso, a escolha de um método prediz um caminho, um meio e, não um fim. Para tanto, o pesquisador na análise de suas entrevistas não apenas tem a função de analisar as descrições, como também a subjetividade presente nos depoimentos, as distorções nas falas, as omissões, os silêncios profundos e inesperados, a percepção, tudo isso deve ser encarado com um olhar especial. Conforme Pollak (1989, p. 8) “[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”.”, que precisam ser analisados com cautela e, ainda “Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.” Ainda de acordo com Bosi (2003, p. 18) é importante “[...] interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento [...] esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas”.

As afirmações acima condizem com o tema da imigração em que o colono trabalhador, descendente de imigrante traz em suas memórias as lutas vividas pelos seus antepassados, as guerras, a violência, a miséria e os conflitos com os países vizinhos. Isso pode ser notado na fala dos descendentes onde, muitas vezes, venera-se o passado de seus familiares, já em outros momentos, prefere-se resguardar certos aspectos, que podem “ferir” a imagem de seu grupo. Assim, atenção especial requer-se do pesquisador para não coibir as falas e passar um ar de tranquilidade aos entrevistados.

Ressalta-se que, o texto produzido pela história oral, quando findo, torna-se um documento que necessita ser interpretado e analisado como se faria com as demais fontes históricas. Considerando a utilização da história oral no processo investigativo, sob o olhar da cultura polonesa e da formação da identidade étnica cultural, compartilha-se o pensamento de Khoury (2001, p. 84).

Cada pessoa, valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização, cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.

Segundo Portelli (1992), os relatos de história oral giram em torno de acontecimentos, personagens e lugares. Assim, eventos importantes ligados a um passado longínquo, pessoas que lhe dizem respeito e por elas cativam um afeto e, lugares de memória são fatos comumente lembrados nas falas dos informantes. Para o autor “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (1989, p. 9). No olhar de Bosi

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas do presente, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (2003, p.36).

A autora considera desse modo que, “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.” (*ibidem*, p.53). Dessa forma, as narrativas tramam relações de vivência social e afetiva, conotações espaciais e temporais são lembradas ao contar sobre fatos que marcaram a sua vida.

Escolhida a história oral como instrumento metodológico, enfatiza-se os atores que contaram suas histórias. Diferentemente dos dados quantitativos que requerem uma amostra da população estipulada antes mesmo de ir a campo, “A finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2007, p.68).

Assim, foi formada uma rede de informantes. E quantas entrevistas foram necessárias? Segundo Gaskell essa interrogativa seria análoga a “que tamanho tem uma corda? na qual a resposta seria “depende”. De tal modo, para referir o número de histórias orais, devem ser considerados alguns aspectos quanto à natureza do tópico, ao número de ambientes considerados relevantes, aos recursos disponíveis. Para o autor, deve-se ter em mente um ponto-chave em relação às entrevistas “[...] permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam

a uma compreensão mais detalhada” (*ibidem*, p. 71). Há na visão do autor um número de versões da realidade, o que pode ser comprovado no transcorrer dos relatos, “As primeiras são cheias de surpresas, as diferenças entre as narrativas são chocantes [...] Contudo, temas comuns começam a aparecer [...]”. Atingido o ponto de saturação das informações é sinal que é tempo de parar.

Quanto à natureza dos informantes buscou-se criar uma rede com perfis diferenciados, com a finalidade de mapear os níveis de significância entre a população rural ou urbana, as diferentes faixas etárias, gêneros, profissões etc. Buscou-se nesses perfis individualizados identificar os discursos da polonidade, em torno de uma identidade que é mutável, que possui ideologias, interesses e concepções.

O primeiro contato deu-se com pessoas ligadas à vida religiosa, uma vez que, o polonês se caracteriza pelo seu catolicismo. Além do contato com setores ligados à Igreja, o estudo das memórias primou pela valorização de pessoas idosas, nas quais é possível verificar uma história social bem desenvolvida, pois as mesmas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas e, que já possuem quadros de referência familiar e culturais igualmente reconhecíveis (BOSI, 1994). Assim propôs-se a seguinte rede socioespacial de informantes (Figura 3)

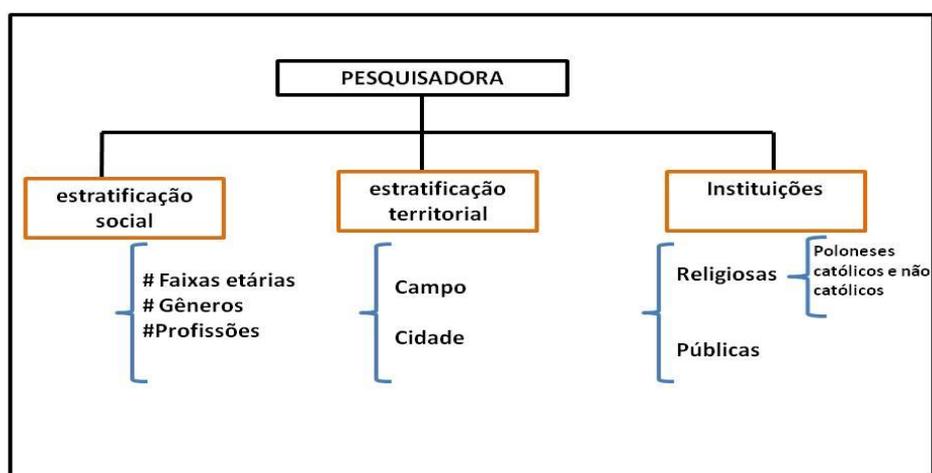


Figura 3: Rede Socioespacial de informantes.  
Org.: SLODKOWSKI. A. C. 2013.

Buscamos através dessa rede, eleger pessoas com diferentes peculiares. Uma das principais características foi a idade, essa constante nos possibilitou transitar durante as análises em distintas temporalidades vividas. A vivência no campo e na cidade também foi levada em consideração, pois demonstrou o relacionamento com o espaço e com os atributos culturais presentes. Diferentes enquadramentos sociais e concepções religiosas nos levaram a refletir sobre o relacionamento entre as pessoas, suas concepções, indiferenças, sentimentos etc.

O prosseguimento da pesquisa ocorreu com a efetivação das histórias orais, ou seja, criar um diálogo com estes atores por meio de suas histórias de vida, a fim de não influenciar respostas, deixando um ambiente livre de conversação, sendo que alguns pontos podem ser ressaltados com a finalidade de esclarecer certas incógnitas que podem surgir durante o processo, assim “Um bom tópico guia irá criar um referencial fácil e confortável para uma discussão [...]” (Gaskell, 2007, p. 67).

Cabe ainda ressaltar o importante pensamento de Bosi (2003, p. 56) quando se refere à memória como não sendo passividade, mas sim forma organizadora, nesse viés “[...] é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo [...]”. No mesmo entendimento tem-se que “[...] o entrevistado define como quiser o “campo a explorar” sem se submeter a uma estruturação predeterminada” (Michelat; Simon, 1977 apud Thiollent, 1982, p. 85). Assim, a geração de dados por meio de narrativas mais abertas, como é o caso da história de vida, favorece a captação de informações mais profundas do que outros métodos de investigação.

Durante a geração de dados por meio da oralidade, propôs-se aos informantes, um diálogo juntamente com álbum de fotografias, cartas antigas ou artefatos que se referem ao convívio com signos da cultura polonesa, por exemplo, fotos de festas de casamento, batizados, eventos culturais que lembrem a gastronomia típica, vestuário, etc. De acordo com Loizos (2007, p.143) “A fotografia [...] pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que

fossem lembradas espontaneamente [...]”. Nessa mesma ênfase, Nora (1993, p. 13) nos coloca que

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Assim com o auxílio destes artefatos constituintes dos lugares de memória desencadeia-se um diálogo que pode ser mais frutífero e intenso.

### 3.2 Histórias orais e sua interpretação nessa pesquisa

Para a análise dos dados gerados em trabalho de campo optou-se pela utilização da Análise de Conteúdo (AC) como uma forma de compreender o real significados das mensagens preconizadas. Segundo Bardin (2002, p. 38) a análise de conteúdo constitui em “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Franco (2008, p. 19) também corrobora neste sentido afirmando que “O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a **mensagem** [...]”, seja a mesma verbal (oral ou escrita), silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

Na definição de Moraes (1999, p. 2) a mesma pode ser descrita como

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Assim a análise de conteúdo serve de suporte para captar o sentido simbólico do texto com significados diversos. Tendo como plano de fundo a mensagem que responde perguntas do tipo: O que se fala? O que se escreve? Qual a intensidade? A freqüência? Quais os símbolos figurativos utilizados para expressar as ideias? E os silêncios? Entre outras, a Análise de Conteúdo proporciona subsídios ao pesquisador de realizar inferências sobre os elementos encontrados (FRANCO, 2008).

Moraes (1999) observa que a mensagem da comunicação é simbólica, para entendermos os significados de um texto é preciso levar também o contexto em consideração. Franco retoma esse raciocínio quando diz que é por meio do conteúdo manifesto e explícito que se inicia o processo de análise, porém, não deve ser deixada de lado, uma análise das mensagens *ocultas* e suas entrelinhas, as quais podem ser identificadas mediante códigos especiais e simbólicos. Esse procedimento tende a valorizar o material a ser analisado “[...] especialmente se a interpretação do conteúdo “latente” estipular, como parâmetros, os contextos sociais e históricos nos quais foram produzidos” (*Ibidem*, 2008, p. 28).

As AC são também úteis para “(...) analisar em profundidade cada expressão específica de uma pessoa ou grupo envolvido num debate”. (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 37). Para os autores o principal objetivo da AC é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção com a ajuda de indicadores.

Franco divide a fase de análise (Unidades de Análise) em duas etapas: as Unidades de Registro e as Unidades de Contexto “A Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (2008, p. 41). Ela é dividida em tipos: a palavra, como sendo a menor unidade de análise, o tema, o personagem ou o item. A autora ressalta que o tema “(...) é considerado como a mais útil unidade de registro, em análise de conteúdo. Indispensável em estudos sobre propaganda, representações, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças”. (*ibidem*, p. 43).

Já as Unidades de Contexto constituem-se na parte mais ampla a ser analisada, as mesmas podem ser consideradas “(...) como o “pano de fundo” que imprime significados as Unidades de Análise.” (*Ibidem*, p.46). Podem ser obtidas quando considera-se: as características dos informantes, condições de subsistência, vivência em grupos sociais diferenciados, perfis profissionais e vínculos com instituições.

Bardin também preconiza que a técnica de AC se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados e interpretação. A mencionada autora delinea a primeira etapa como a fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos como:

leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro (FIGURA 4).

Na última etapa realizou-se a categorização, que consiste na classificação dos elementos de acordo com suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns.

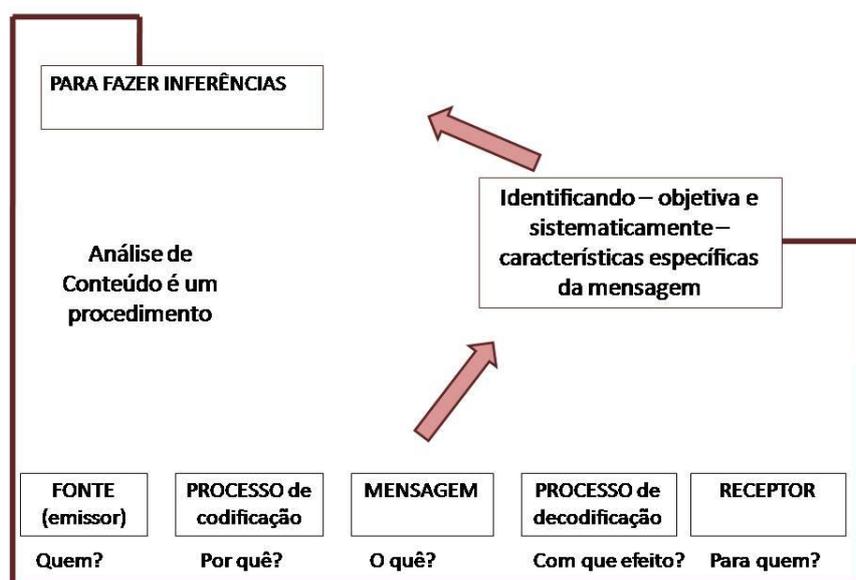


Figura 4: Características definidoras da Análise de Conteúdo.  
 Fonte: FRANCO, M. L. P. B., 2008.  
 Org. SLODKOWSKI, A. C., 2012.

### 3.3 Despertando as narrativas identitárias

Esquematizada a rede de informantes para o trabalho de campo, com os perfis que abrangessem os pontos intrigantes para a pesquisa, partiu-se para o primeiro contato com os atores sociais. Aproximando-se das residências das pessoas, várias foram as reações quanto à presença do pesquisador. Enquanto uns imaginavam ser apenas uma visita, pelo fato da pesquisadora fazer parte desta comunidade, com vínculos também familiares, outros apresentavam receios e certa timidez, uma vez que acreditavam que o seu conhecimento e vivência cultural não seriam importantes para um trabalho

acadêmico. Receosos num primeiro momento, com o início da conversa logo se sentiam a vontade, pois ao contar a sua história de vida relembavam fatos marcantes que estavam adormecidos, emocionando-os.

Dessa forma, aos poucos, esses atores sentiam-se integrantes da história do município e da sua comunidade, a própria narrativa de sua vivência acabava por revelar acontecimentos que, até então, não tinham muita importância para os mesmos. Para o desenvolvimento das conversas foi necessário o esclarecimento de alguns pontos importantes. A aproximação com os entrevistados consistiu em realizar a apresentação desse projeto de pesquisa, ilustrando a importância de se valorizar as memórias vivas como uma forma de reescrever a história e identificar a identidade cultural que rodeia esses indivíduos, exprimindo-se em concepções e ideologias que os mesmos carregam no seu cotidiano.

Realizada esta apresentação prévia, novos comentários surgiam por parte dos entrevistados, muitos se sentiram lisonjeados por poder contribuir, contudo, ao final da conversa sempre ressaltavam que essa era a sua opinião, a sua vivência e o seu conhecimento sobre a realidade, sempre com certo receio de estarem errados. Levando-se em conta essas considerações, optou-se por mencionar após a transcrição de cada narrativa, como uma forma de identificar o perfil desses atores e situar o leitor, o gênero ao qual pertence o informante, sua profissão, idade e se pertencia ao espaço rural ou urbano do município. Essa identificação possibilita situar o contexto em que esse informante se apresenta ao mesmo tempo em que, não permite identificá-lo perante os demais do grupo. Essa escolha partiu dos comentários presenciados em campo, respeitando assim a fidelidade do pesquisador quanto seu objeto de pesquisa.

Tranquilizados quanto à forma que iam expor suas ideias, os informantes começavam a contar suas histórias de vida, enfatizando principalmente sua origem étnica. Para as pessoas adultas fazia-se necessário lembrar como eram as práticas e costumes de antigamente, para assim realizar um elo com o presente. Em suas narrativas foram sublinhados temas ligados à estrutura familiar, ao trabalho braçal dos pais e avós que vivenciaram a construção do município, à religiosidade, às festas e manifestações culturais e, principalmente a relação atual que os mesmos possuem com os desejos da

juventude. Por outro lado, a faixa etária jovem entrevistada deu ênfase em suas narrativas como um todo, à sua vivência na comunidade, seus anseios com o futuro e, as preocupações profissionais que estão presentes em seu cotidiano.

Ressalta-se que, durante as conversas foram utilizados mecanismos de estímulo, como por exemplo, o uso de álbuns de fotografias, utensílios e pertences da casa que relembassem fatos interessantes, bem como, a própria organização da propriedade, da horta, do jardim, que também, foi citada em algumas narrativas. Outro ponto que despertava o continuar da conversa consistia em realizar algumas perguntas ligadas a própria fala que estava sendo feita, com novas intervenções e relações introduzidas pelo pesquisador.

Após a coleta das informações em campo, a próxima etapa consistiu na transcrição das entrevistas e seleção de alguns critérios para a sua discussão. Juntamente com a análise de conteúdo e o aporte teórico que embasa a pesquisa passou-se a pensar como esses dados seriam apresentados, uma vez que, dados qualitativos requerem um tratamento diferenciado. Buscou-se aliar, dessa forma, os conhecimentos empíricos, a vivência dessas pessoas, o seu olhar sobre o espaço com a sistematização do saber acadêmico. Mencionam-se assim, conceitos que se fazem significativos no momento, tais como: espaço vivido, com suas relações de afetividade com o meio e, a identidade territorial desses atores, que nos faz pensar na apropriação política, econômica e cultural do território e suas formas de organização e poder.

Realizada essas colocações, tem-se num primeiro momentos de análise, que as identidades que cercam esses atores perpassam diferentes espaços e concepções com distintas temporalidades, que vão desde uma identidade originária de fundo camponês mesclando-se com concepções que a contemporaneidade introduz no meio, modificando a organização espacial e também os usos e costumes da população.

Tendo como referência esses marcos principais optou-se por dividir os resultados da pesquisa em dois grandes eixos temáticos apresentados a seguir. A discussão dos resultados veio ao encontro ao aporte teórico utilizado, realizando um entrelaçamento dos mesmos, para assim, aliar a teoria com a prática vivenciada em campo. A bifurcação em duas linhas de análise partiu da reflexão sobre as visões que os entrevistados apresentaram em suas narrativas.

Dessa maneira, no primeiro momento passa-se a discutir ‘o espaço em transformação’, ou seja, de que maneira esses descendentes de imigrantes continuaram o trabalho nas comunidades, nas propriedades, tendo como plano de fundo as tradições camponesas repassadas pelos imigrantes que vieram da Polônia. No segundo momento, discute-se a relação de como esse espaço se apresenta atualmente, com as modificações que ocorreram no decorrer do tempo, a evolução dos costumes, a inserção de novos saberes no seio das famílias e, de que forma esses fatores implicam na estrutura dessas comunidades. Passa-se a pensar como as heranças culturais guiam esses atores e, onde se encontram hoje as espacialidades da cultura polonesa, sejam em termos de manifestações culturais, monumentos e eventos festivos, considerados atribuições concretas da cultura, mas principalmente em suas concepções de vida, nas simbologias e formas de pensar desses indivíduos.

Essa mediação sobre o tema fez-se possível com o uso da metodologia qualitativa que busca nesse trabalho inter-relacionar o enraizamento cultural *versus* a plasticidade, o novo que se apresenta para estes atores sociais. Há para muitos um clima de insegurança nessa transição, os quais tendem a buscar nos conhecimentos passados uma “linha de fuga” quanto suas perdas de sentido. O modo camponês tradicional já não consegue se adaptar ao novo contexto, a dinâmica do espaço vem se transformando, impondo novas regras ligadas ao capitalismo, cada vez mais novos objetos se interpelam no cotidiano dessas pessoas e a identidade cultural, também, vem acompanhando esse processo. Haesbaert contribui nessa passagem dizendo que

Diante da aparente perda de referenciais identitário-territoriais e/ou frente a uma crescente fragilização material e simbólica, ou ainda através de uma avaliação crítica (por aversão e/ou temor) em relação à velocidade das transformações e multiplicidade desses referenciais, muitos grupos se apegam às suas “raízes” identitárias, que se tornam assim uma espécie de último “capital” (simbólico), reconstruído através da história e da geografia e, por isto, tido como sólido e “indestrutível” (HAESBAERT, 2007, p. 51).

Dessa forma, fala-se em identidades culturais, nas quais os indivíduos transitam conforme o “andar da carruagem”. São essas maneiras de pensar que se refletem na organização do território e que se constituem nosso foco de análise.

#### 4. Memórias de um espaço...

Para Tedesco (2004) 'as representações criadas se amalgamam entre um passado que escorre das suas mãos e um presente que nunca se realiza plenamente', segundo esse pensamento busca-se nesse momento transitar entre espaços e tempos distintos considerando as narrativas das pessoas mais velhas.

Os valores culturais superpostos e as histórias contadas pelos migrantes aparecem carregados de subjetividade; não são exatamente as representações do passado porque são adaptadas às situações atuais, ou seja, ajustadas às identidades no presente. Nas narrativas históricas misturam-se sonhos, imaginação e realidade; imaginações compartilhadas entre os habitantes dos espaços em múltiplas camadas de tempo e de espaço (...) (Tedesco, 2004, p. 234).

Tomando como referência os depoimentos de campo, visualiza-se num primeiro momento, que o discurso de pertencimento à cultura polonesa é recorrente entre as pessoas adultas, lembrando fatos vividos pelos seus antepassados na conquista de um território portador. Assim, a preservação das simbologias e peculiaridades próprias, é utilizada como que, uma forma de defesa face ao *novo* que se apresenta.

As maneiras como cada um do grupo vem elaborando uma representação de si próprio e do outro que se apresenta como diferente, evidenciam um conjunto de valores, que engloba a maneira de pensar do grupo, seus atributos culturais como a língua, a culinária, as festas, a religiosidade etc., que os fazem ser reconhecidos como brasileiros descendentes de poloneses e, como esse sentir-se pertencer a uma cultura influi no seu cotidiano e nos seus hábitos familiares, no relacionamento em comunidade e no contexto do município.

Considerando as camadas de tempo e espaço que estão superpostas nos diálogos dos informantes, mesclam-se conhecimentos tradicionais e novos que, influenciam no modo de pensar e, no processo de constituição das identidades. Partindo dessa concepção, faz-se necessário inicialmente discutir o que é a identidade? Buscar entender de que forma os indivíduos expressam, alimentam e articulam-se a essa identidade étnica polonesa? E, também, como

estas diferentes identidades que hoje constituem o sujeito podem influenciar na organização do espaço geográfico, face às mudanças contínuas da contemporaneidade. Essas questões suscitadas e o entrelace ao objetivo deste capítulo nos fazem pensar como os valores da cultura polonesa são partilhados entre as pessoas mais velhas e, de que maneira os mesmos são reinterpretados pelos jovens, tal fato condiz com o pensamento de Cunha quando afirma que

[...] traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa perspectiva está, assim, em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. (Cunha, 1986, p. 116).

Consoante ao caráter dinâmico da cultura está, também, o movimento ativo que a identidade apresenta. Num constante processo de reelaboração e codificação de novas informações, ressignificando assim a noção de identidade. Pode-se falar nesse sentido, em nuances de polonidade, segundo as quais, uns se consideram mais puros que os outros. Tal afirmativa condiz com a análise das narrativas, as quais revelam denominados *níveis* de interação com a cultura em questão. Enquanto uns exaltam, gostam e praticam os atributos culturais poloneses, outros relatam o pouco envolvimento com ações que dizem respeito a uma matriz cultural polonesa, caindo muitas vezes no *esquecimento*.

Para compreender um pouco mais o sentido que a identidade assume, pontuam-se as contribuições de Claval (1999, p.15), para o autor “A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder a questão: “quem sou eu?”. Buscando responder as questões que envolvem a identidade do sujeito, no seu contrapondo aparece conseqüentemente a interrogativa *quem são eles*, pois “O diferente é o *outro*, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são *como eu sou*” (Brandão, 1986, p.7). Assim, a definição da identidade perpassa os campos do jogo dialético da semelhança e da diferença.

Esse fato pode ser identificado nas narrativas de campo, a caracterização e o enaltecimento aparecem como uma forma de defesa dos seus semelhantes e de demarcação da diferença entre os demais. As características que antes estigmatizavam o grupo passam a ser elementos que agora são exaltados e, que possuem um valor agregado; a condição camponesa de seus antepassados.

Nossos antepassados vieram com um objetivo: desbravar e plantar essas terras e manter a família, dar prosseguimento as pessoas, as gerações e eles tinham mais filhos apesar das dificuldades, porque não era mole né ficar aqui distante 60 ou 70 quilômetros de uma cidade um pouquinho maior e ainda a pé, mas graças à força e a coragem deles e principalmente a fé que nossos antepassados tinham e, que passaram para nós, então nisso eles se basearam e com isso eles sobreviveram (...) (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Nota-se pela narrativa do informante, que os descendentes que vivem no município acionam através de alguns sinais característicos, a sua identidade de origem. “Trabalho e fé” conforme enfatiza o agricultor compõem simbologias próprias que ajudam a definir o conceito de grupo étnico, uma vez que, “Ser membro de um grupo étnico na diáspora implica exhibir permanentemente sinais diacríticos que atestem que se pertence ao grupo e se seguem suas regras e, portanto que se pode ser um depositário fiel” (Cunha, 1986, p. 93). Outra fala recorrente nos discursos diz respeito à afirmação da sua nacionalidade de origem por meio dos primeiros imigrantes da colônia Guarani “(...) meus pais também nasceram aqui, meus pais são brasileiros descendentes de poloneses, já meus avós vieram direto da Polônia” (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

Tem-se, também, nessa linha de compreensão a grande contribuição weberiana (1998), a qual considera na definição de grupos étnicos principalmente os valores calcados em crenças subjetivas, em um mito de origem não importando para tal, laços consanguíneos. Tomando o exemplo da imigração polonesa para o estado do Paraná, criou-se o seguinte mito que ilustra esse contexto: “(...) descoberto, dissipando-se o denso nevoeiro que durante séculos o envolvera. Foi a Virgem Maria quem, compadecida da sorte dos camponeses da Polônia, lhe apontara a nova terra, dizendo que fossem povoá-la”. (DAVATZ, 1980, p.19). Considerando que o culto predominante entre os poloneses é o catolicismo (PREFEITURA DE GUARANI DAS

MISSÕES), pode-se dizer que, a fé mobiliza e congrega esses mitos de origem.

Entrelaçando o sentido da etnia com o olhar geográfico de Bonnemaïson (2004, p. 97) temos que "(...) assim como a ideia de cultura caminha par a par com a ideia de etnia, toda cultura se encarna, para além de um discurso, em uma forma de territorialidade". Para tanto, uma análise Geocultural não pode se desprender das relações recíprocas existentes entre uma etnia e sua cultura e, conseqüentemente a extensão territorial por ela abarcada, seja considerando os itinerários e seus lugares, seja as estruturas de significação cultural, que nas sociedades tradicionais revelam-se por meio de mitos fundadores, de uma origem comum e de um discurso de afirmação de identidade.

Baseando-se na compreensão de Bonnemaïson (2002), visualizamos a cultura como um feixe de valores entrelaçados na feição espaço-território, o que significa afirmar que não possam existir grupos étnicos sem um território-portador. Desterritorializar uma cultura exprime a perda dos valores e o conseqüente "desmanche" de uma etnia. Relacionando essa temática a *des-re-territorialização* empreendida pelos imigrantes, em período de planejamento e estruturação das colônias em terras sulinas, nota-se que a busca constante de um território portador representava a condição se serem e continuarem *camponeses produtores*.

Tendo como uma das referências que 'o imigrante é o colono' e, a lembrança é o campo passamos a pensar de que forma os mesmos se encontram atualmente. Investiga-se como a condição camponesa, principal atividade desenvolvida pelos seus antecessores, desenvolve-se face ao novo retrato da agricultura brasileira, quais são os sentidos do trabalho para esses atores e como se apresenta a organização familiar nesse novo contexto, marcado por incertezas e por uma complexidade de informações.

A identidade dos sujeitos está, desse modo, circunscrita às mudanças históricas. Nesse desenvolver sobressaem-se nuances e problemáticas denominadas aqui como 'perdas de sentido', a partir das quais os indivíduos muitas vezes sentem-se inquietos, sem saber mais que sentido dar as suas vidas. Se antes "A identidade tradicional se inscrevia no registro da subordinação, do profundo e do autêntico. A preocupação de identificação que irrompe nas sociedades contemporâneas vem, sobretudo do jogo e do

arbitrário” (CLAVAL, 1999, p.20). Assim, em consonância com os relatos colhidos em campo, proponho refletir como se dá a afirmação destes sujeitos tendo como referência o campo e as mudanças da contemporaneidade no cotidiano dessas pessoas, no seu modo de ser e de viver.

#### **4.1 As perdas de sentido: mudanças e permanências**

*A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (Bosi, 2003, 31)*

Como forma de exaltar o esforço empreendido durante a colonização os atores exibem constantemente elementos retirados da vida rural – que os identifica com um passado camponês – contextualizando-os no cenário que a nova ruralidade apresenta “(...) antigamente os pais, os avós tinham que fazer tudo manual, derrubar o mato com machado, arar e plantar, tudo era difícil e, hoje em dia a tecnologia renovou tudo, então é diferente, mas o que vamos fazer né (...) é assim mesmo.” (agricultor, 67 anos, zona rural do município). Tal narrativa soma-se a tantas outras preconizadas pelo grupo. A categoria ‘colono’ referenciada em várias narrativas expressa segundo Seyferth (1991), uma identidade social que possui duplo significado: identifica um conteúdo étnico e, explícita um ‘condição camponesa’ fundada em costumes, modos de vida e valores ímpares.

Assim, as dificuldades encontradas pelos imigrantes sejam poloneses, alemães, italianos entre outros, possui no trabalho e no pioneirismo empreendido a base da construção das comunidades coloniais. Como exemplo comparativo destaca-se a obra de Beatriz Kanaan (2008) sobre a imigração italiana na cidade de Farroupilha/RS, em seu estudo a autora discute a representação da italianidade atrelada a valores e práticas da vida colonial. Pela afirmativa “colona é a nonna” presente no trabalho, pode-se fazer uma relação do trabalho colonial a que estes atores estavam destinados.

Saquet (2002) também problematiza a temática da imigração italiana referenciando a Colônia Silveira Martins, localizada no centro do estado

gaúcho. O trabalho envolve a constituição da colônia, as relações entre os colonos e a maneira de trabalhar com a terra. Produção, troca e venda dos produtos são abordados como uma forma de compreender a dinâmica do espaço geográfico neste local. Um ponto que ressaltamos na pesquisa realizada pelo autor, condiz com a valorização que estes descendentes conferem ao trabalho, é ele que dignifica a pessoa humana, a torna cidadã, ultrapassando apenas o caráter de ser uma fonte de renda. Em Saquet (2003), podemos visualizar o continuar desta pesquisa tendo como enfoque a produção e apropriação do território sob o viés econômico, considerando a inserção desta colônia no sistema capitalista de produção, suas estratégias e, as relações de exploração/dominação. Essa análise acompanhou também o contexto político e cultural que cerca o local.

Neste contexto, notamos que a condição camponesa consistia o alicerce das colônias étnicas. A afirmação de cada grupo girava sob alguns princípios e instituições. Para os poloneses a tríade escola-igreja-associação compunha a unidade e a busca de uma estabilidade para o grupo. Dessa forma, acreditava-se que a preservação de sua identidade dava-se pela continuidade religiosa e linguística entre as gerações.

Somada a essa assertiva reportava-se, também, à capacidade de recriar cenários que se assemelhassem ao contexto vivido anteriormente, com a finalidade de salvaguardar suas tradições, dessa maneira, muitas colônias foram organizadas seguindo os modelos de arquitetura e organização da propriedade típicos do seu país de origem. Essas características aliaram-se igualmente, a um discurso próprio, que os identificava e conferia coesão entre a etnia. Porém, com o passar do tempo a interação com outros grupos permitiu a troca de conhecimentos e a mescla de atributos culturais, até então compartimentados e estritamente separados. É nesta direção que se problematiza a identidade como um processo histórico e dinâmico.

Seguindo a concepção de que a (re) construção da identidade influem em negociações, perdas e novas aquisições, contrapondo os distintos tempos, passado e presente nota-se que, as relações de poder acabam por impor novos atributos ao meio, modificando-o. Essas transformações na estrutura da sociedade e da própria família são retratadas pelos moradores. Analisando seus depoimentos, visualiza-se uma mistura de inseguranças quanto a um

presente que está em constante movimento. A dificuldade de se adaptar ao novo sistema ainda precisa ser discutida no seio dessas famílias que, buscam organizar a propriedade e plantar segundo as exigências do mercado.

De acordo com as visões apresentadas pelos moradores da comunidade, interpretamos as mudanças que estão acontecendo, devido à inserção cada vez maior das novas tecnologias, segundo dois vieses: primeiro, a modernização traz a possibilidade de confortos e mantimentos que antes não eram de acesso para essas famílias (tratores, ordenhadeiras para agilizar o trato com animais leiteiros, acesso a diferentes canais de televisão, telefone, internet, etc.), tais ferramentas agilizam os processos produtivos e conferem outra dinâmica ao campo; numa segunda consideração, temos que esse acesso acaba por alterar o processo de sociabilidade entre as famílias e a comunidade, o trabalho coletivo quase não é mais praticado e, por mais que as novas ferramentas facilitem o processo de plantio e colheita, com a utilização de agrotóxicos, que dispensam a capina da terra, os relatos mostraram constantemente que já não há mais tempo de se ir à Igreja, de se reunir em família, entre vizinhos etc. Tais afirmações condizem com uma ‘certa’ perda dos costumes dos seus antepassados, que valorizavam firmemente uma vida em que o eixo norteador estava na família e na religião.

Analisando que o processo produtivo pode ser realizado em menor tempo, dispensando o trabalho manual, cabe neste espaço interrogar o porquê da falta de tempo para a vida comunitária? Segundo Cândido (2001, p. 212) a expansão do mercado desestrutura esta situação e

[...] tende a atrofiar as formas coletivas de organização do trabalho (mormente ajuda mútua), cortando as possibilidades de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. Entregue cada vez a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influencia da economia regional, individualizando-se.

A colocação do autor retrata a nova realidade que vem transformando o cenário dessas comunidades, porém tal modificação não pode ser considerada em sua totalidade, pois cada lugar responde de uma maneira diferente às ‘novidades da modernização’. Dessa forma, o caráter homogeneizador característico da globalização não neutraliza os valores tradicionais trazidos

pelos antepassados, os mesmos são (re) adaptados e permanecem como princípios guiadores para muitas pessoas da comunidade.

Então apesar de haver mais sofrimento e dificuldade acho que meus pais e avós se divertiam mais e, a única herança que a gente tem deles é o trabalho e a honestidade porque os antigos eram honestos, todos não só meus pais, todos! Tinha mais honestidade entre as pessoas e ficou a cultura que eles nos passaram, a religião. (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

Cabe destacarmos, nesse contexto, a contribuição de Carneiro (2005, p. 09). Para ela as transformações provocadas pela intensificação das trocas entre universos diferentes rural x o urbano

[...] não resultam, necessariamente, na descaracterização de um sistema cultural e social, tido como “original” ou “autêntico”, sobretudo por aqueles que vão à busca de uma autenticidade. Mudanças nos hábitos, na maneira de se relacionar com os outros e com a natureza, e na percepção do mundo, expressam-se de maneira irregular e diversificada, segundo os interesses e a posição social dos atores, o que não implica, necessariamente, uma ruptura decisiva no tempo nem no espaço.

De tal forma, o respaldo a valores tidos como ‘tradicionais’ e ‘autênticos’ denota uma realidade que seus antepassados viveram e professaram para as novas gerações. Essas concepções se fazem presente atualmente, ainda que, (re) interpretadas segundo um contexto que mostre outras visões e dinâmicas num espaço que está em constante transformação. Desse modo, tudo ainda é novo e em processo de adaptação e aceitação para os mesmos e, quando o sentimento de insegurança povoa determinadas situações, busca-se nos alicerces do passado sanar as dificuldades atuais.

Outro ponto que realçamos condiz com a utilização das novas tecnologias de maneira desigual, uma vez que, a mesma não chega a esses atores homogeneamente, “Hoje tem muitos mantimentos, antes a luz não tinha, telefone não tinha, carro não tinha e hoje tudo tem que manter, sai caro né, tem mais conforto, mas tem que ter dinheiro para manter tudo isso (...)” (agricultora, 68 anos, zona rural do município).

Nessa conjuntura que situa o novo cenário rural integrado aos bens de consumos que antes eram caracteristicamente urbanos, temos uma agricultura “(...) altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais

avanços técnicos e de responder as políticas governamentais (...)”, aquilo que era antes de tudo um modo de vida converteu-se numa profissão, numa forma de trabalho (ABRAMOVAY, 1992, p.22-127). Schneider; Silva e Oliveira (2010, p. 250) também corroboram com este sentido

De modo abrangente, pode-se afirmar que a mercantilização do mundo rural transforma formas sociais que antes produziam para viver, em formas sociais que passam a viver para produzir bens de troca ou mercadorias. Ou seja, deixam de ter os mercados como espaços de interação social e passam a tê-los como espaço de subordinação e dominação. Aqui a reprodução social passa a ser cada vez mais dependente dos mercados.

Esta alteração no modo de viver e produzir origina um discurso de perda de referência para esses atores, pois os mesmos vêm-se em desvantagem frente aos latifundiários, que possuem condições de modernizar sua lavoura e arrecadar altos lucros. Sendo pequenos agricultores, desvalorizados em face destas questões, há uma insatisfação e desestímulo para a sua permanência no campo.

(...) trabalho na agricultura, sou pequeno agricultor apesar de estar desanimando pelas intempéries climáticas, pela incoerência dos nossos governantes porque quanto tem a campanha política falam uma coisa, depois é uma coisa bem diferente, então a gente está desestimulado. (agricultor, 63 anos, zona rural do município)

Somados esses fatores que dificultam a prática da agricultura juntamente com o enfraquecimento dos costumes tidos como tradicionais, cria-se um clima de desconforto para as pessoas mais velhas. Moreira (2005, p. 15) se refere a esta problemática fazendo referência ao relacionamento global x local, “Os globalismos e localismos colocam em tensão identidades múltiplas que carregam elementos de ruralidades na alimentação, na vestimenta, na relação com a natureza, nas expressões culturais e nos comportamentos (...)”

Nesse processo de ‘perdas de sentidos’ e, de busca de um novo enraizamento, esses agricultores vêm suas múltiplas raízes se partirem ao perderem sua paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, de louvar a Deus (BOSI, 1983). Tal fato é ilustrado quando

(...) antes se tinha tempo de ir visitar todo mundo, vizinhos se visitavam, os parentes iam pra longe para se ver, iam de carro de boi, mas iam, meu pai ia de gaiota de boi até na missa no centro da cidade e, hoje tem carro e parece que é difícil de visitar até o próprio vizinho. Olha nessa parte fico assim: cada um pra si e, antes era mais sociável, muitas pessoas se juntavam pra fazer a colheita da soja (...) parece que o sistema mudou tudo, a cultura mudou né, se você precisa de alguém, se tu não paga essa pessoa não vem, dá para notar isso, não tem peão no interior, antes não se pagava, um ajudava o outro e, hoje praticamente não existe mais isso. (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

Desse modo, o relacionamento entre as pessoas e a prática de uma agricultura mecanizada indica um período de transição, porém isso não denota que técnicas rudimentares de produção não sejam mais utilizadas. Para Saquet (2011, p. 61) “(...) todos os dias vivemos o presente-passado, um híbrido de des-continuidades, mudanças/ inovações e permanências de um passado-presente; o passado está no presente e este, naquele”. Com isso, a vivência do tempo não é a mesma para todas as pessoas, o que para uns é presente, para outros pode ser passado. Esse fato pode ser ilustrado na narrativa do agricultor “A agricultura mudou muito, quando eu tinha quinze anos eu comecei a lavar com os bois, hoje a gente paga pra alguém vir plantar e colher, mas eu ainda capino minha lavoura e estou bem feliz com isso.” (agricultor, 53 anos, zona rural do município). Outra percepção colhida em campo também enfatiza este panorama de mudanças

(...) gosto muito daqui, gosto do povo, a diferença entre o tempo que eu estudei quando era criança e hoje é muito grande. A gente, na época, caminhava até 30, 40 km a pé e hoje os alunos têm transporte até a porta da escola e mudou muito, a cultura mudou muito, os meios de comunicação, na época não existia telefone agora a escola já tem internet, então tudo ficou mais facilitado, esta bem mais desenvolvida, mas fácil né, mas é gostoso lembrar que a nossa geração a qual eu pertencço, conhecemos muito bem o antigo, as dificuldades, os trabalhos das famílias dos nossos pais, os trabalhos tudo manuais e graças a Deus que dá a vida pra gente, conhece agora a vida com toda a facilidade, então a diferença é grande (...) (Irmã do Sagrado Coração de Maria, 78 anos, zona rural do município).

Assim sendo, essas relações são tecidas nas redes sociais, mesclando diferentes espaços a diferentes tempos. O território é a ilustração desse tecido, ele é o fruto das relações econômicas, políticas, culturais e ambientais que os atores praticam, por isso menciona-se as diferentes territorialidades. As

mesmas são analisadas em escalas variadas que vão desde o nível local até a sociedade global.

Dematteis (1964 apud Saquet, 2011, p. 65) denomina tais relações de âmbitos territoriais que abrangem: a família, a vizinhança, a comunidade, o campo-cidade, articulados então por relações sociais de influência (Figura 5).

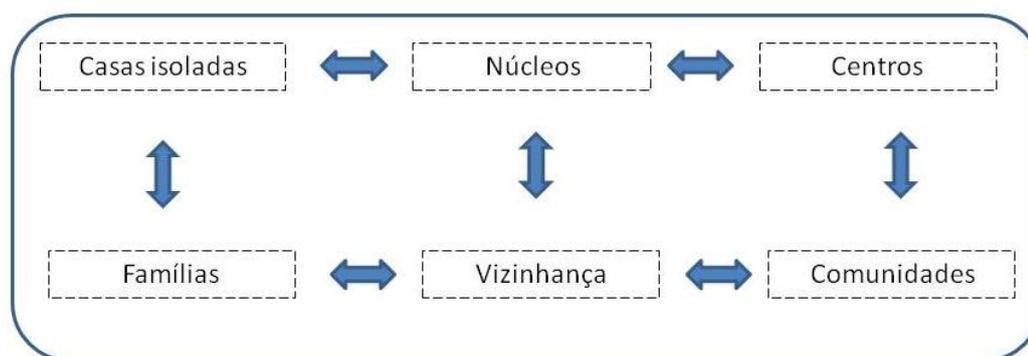


Figura 5: Ilustração dos âmbitos territoriais na concepção de Dematteis (1964).

Fonte: SAQUET, M. 2011.

Org.: SLODKOWSKI, A.C. 2013.

Baseando-se no esquema proposto destacamos, também, o pensamento de Carneiro (2005, p. 10) para compreender o atual estágio vivenciado pela comunidade em questão

[...] a heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, é também responsável pelo enriquecimento do tecido social, sem que isso resulte, necessariamente, em uma descaracterização das identidades culturais territorializadas.

Decodificando os discursos dos informantes e suas relações sociais, seja numa escala local, partindo para uma escala mais global, observamos que, para esses atores a realidade vivida condiz num primeiro momento com as trocas e ações que são realizadas na família e entre a vizinhança. Essas relações são influenciadas num segundo nível pelas atividades na comunidade e, num âmbito territorial maior pelas interconexões entre a cidade e o campo. Dessa forma, notamos que estes âmbitos territoriais referenciados pelo autor podem ser interpretados por seu viés simbólico, que envolve a rede de sentimentos e tradições entre a comunidade e, por seu viés material, onde as preocupações políticas e econômicas sobressaem-se nas narrativas, ressaltando o seu processo de inserção na atual economia e nas relações de sustentabilidade.

## 4.2 Atributos culturais de afirmação da identidade polonesa

Em face das vivências narradas e aqui interpretadas temos que, a identidade polonesa se apoia em um modo de vida camponês. Somam-se neste espaço alguns elementos diacríticos que unificam esta comunidade e que lhe conferem um caráter peculiar. Denominados de atributos culturais de afirmação passamos a refletir sobre a religiosidade polonesa, a língua e as suas festas. Tais predicados nos fazem discernir o modo de vida desses atores, suas relações afetivas para com o outro e com a comunidade, pincelando assim uma cartografia afetiva destes sujeitos. Nesse contexto, temos a contribuição de Rolnik (1997) quando nos fala da aproximação e densificação de universos distintos devido ao processo de globalização. Segundo a autora devemos analisar este processo sob dois pontos de vista:

(...) a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. Esta nova situação, no entanto, não implica forçosamente o abandono da referência identitária.

Aproximando-nos do aporte teórico da autora, temos de um lado, a desestabilização exacerbada e, de outro, a persistência da referência. Nesse momento, passamos a ilustrar como esta 'persistência' em manter viva a cultura é manifestada no município de Guarani das Missões, analisando as ações que são realizadas e as simbologias que as cercam.

Nesse mesmo sentido, aliamos os subsídios de Serferth (2000), para identificar os elementos culturais característicos do grupo cultural, os mesmos constituem referência para a comunidade e representam a continuidade cultural desta etnia. Entre estes elementos Serferth destaca a importância da língua como o instrumento diferenciador por excelência entre as colônias. No entanto, essa distinção contempla outros atributos do cotidiano que envolvem seus

participantes, como por exemplo, uma origem comum compreendida através da culinária, música, festas, arquitetura, organização do campesinato, distribuição das casas e das propriedades, traçado urbano, práticas esportivas, todos eles constituintes para a definição de cada grupo através de um *ethos* característico. É a partir desses traços de cultura que vimos distinguindo grupos como alemães, italianos e poloneses entre si.

Concomitante a essa assertiva, as narrativas identitárias impõem discursos de identificação cultural, destacando os *elementos* presentes em seu modo de ser e de viver, os quais configuram o grupo enquanto uma 'unidade'.

#### **4.2.1 A religiosidade preconizada**

Considerado um povo católico, o polonês venera figuras importantes como, a Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polônia, e o Papa João Paulo II. A construção de um santuário próprio e a confecção de uma estátua em tamanho original na praça do município são os exemplos mais claros de profissão da fé polonesa, porém o adentrar de muitas casas polonesas traz consigo quadros e adereços que recordam essas figuras religiosas.

Partindo dessas constatações iniciais, podemos dizer que os exemplos de religiosidade estão materializados na forma de marcadores "simbólicos" e marcadores "fabricados" expressos na paisagem no município. Essa concepção provém de Henriques (2003) para a qual, podemos identificar na organização do espaço elementos que se sobressaem e identificam o grupo. Caracterizados por sua materialidade os objetos "fabricados" são submetidos aos processos de sacralização, os santuários, grutas e estátuas são seus exemplos ilustrativos, já as simbologias que os mesmos apresentam e que carregam ritos, cores e sentimentos caracterizam os marcadores "simbólicos" que estes sujeitos professam em sua cultura.

Nessa mesma compreensão, Isnard (1982) nos traz suas exposições, para ele o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões. O simbolismo traduz "em sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, substituir, proteger-se,

sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”.

Ao referir-se a materialização dessas formas religiosas Rosendahl (2005) nos leva a refletir sob outro ponto de vista: qual a influência da religião no território? Apontada como territorialidade religiosa a mesma denota o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território.

Sendo a religião católica uma característica marcante do povo polonês podemos visualizar nas ações preconizadas a forma como este sentimento influi nos valores e atitudes destas pessoas

(...) desde criança, jovem eu sempre fui metida na comunidade, na religiosidade trabalhando assim a favor da evangelização e aí depois na comunidade da Linha Bom Jardim eu continuei trabalhando até que um dia a Igreja coloca estes ministros né para a palavra da eucaristia e, eu me candidatei, faz 18 anos que eu estou trabalhando neste setor da comunidade, estou consciente que estou evangelizando o povo do jeito que eu posso (...) (agricultora, 65 anos, ministra da eucaristia, zona rural do município).

Outro depoimento, também, exalta este sentir-se parte do catolicismo “(...) eu sou muito católica, isso não posso negar, sou muito da Igreja e muito da Nossa Senhora” (agricultora, 79 anos, zona rural do município). O exemplo de professar a fé católica entre os pequenos desenvolve-se como uma forma de ‘roteiro’ a fim de manter a religião entre as gerações “(...) os meus três filhos são católicos porque eu participei desde menina né e, meu marido é católico então passamos isso a eles” (agricultora, 64 anos, zona rural do município).

Outra moradora enfatiza como transcorria a passagem para a vida adulta através do casamento matrimonial

Eu comecei a estudar aos sete anos nesta comunidade e eu lembro muita coisa sobre aqui (...) sobre os princípios que a gente aprendia, sobre a parte religiosa, tinha os costumes né, quando eu nasci já tinha uma igreja que fui fundada pelos primeiros colonizadores que vieram para cá, eu fiz minha primeira comunhão ali, a gente participava, a gente tinha uma junção dos jovens né, a congregação

das filhas de Maria, então toda jovem antes de casar, até casar ela era filha de Maria aí depois que ela casou então ela deixou lugar para as outras né (...) (agricultora, 64 anos, zona rural do município).

Reafirmando a presença dos símbolos religiosos presentes nos lares das famílias polonesas, pode-se dizer que, é comum a presença dos mesmos nos cômodos da casa, as pessoas sentem-se a vontade em mostrar esses símbolos de referência religiosa e afirmar a importância de sua fé na busca de graças a serem alcançadas (FIGURAS 6, 7 e 8). Este respaldo é visível na fala da moradora

O papa pra mim não é só um ídolo, ele é um príncipe para mim, tenho uma grande fé nele e eu já consegui muita graça por ele, esse quadro do papa que eu tenho eu ganhei esse ano, porque o outro pequeno que eu tinha era da época que ele foi escolhido papa (...) tinha meu tio que me disse: *em cada casa polonesa deve ter um quadro do papa e*, eu disse assim: eu sou uma das primeiras que quero e, agora que ele foi beatificado eu consegui este quadro (...) (agricultora, 65 anos, ministra da eucaristia, zona rural do município).



Figura 6: Símbolos religiosos visualizados casas dos moradores do município.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.



Figura 7: Símbolos religiosos visualizados casas dos moradores do município.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.



Figura 8: Imagens de Nossa Senhora de Czestochowa, do Papa e também do folclore polonês na forma de ímãs de geladeira.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

As declarações de fé ao Papa condizem também com a construção de uma estátua em tamanho real homenageando a santidade localizada na praça

central do município. A mesma a partir do ano de 2006 passou a denominar-se “Praça Papa João Paulo II” (FIGURA 9). Este espaço carregado de afetividade e sentimentos que rodeia a imagem da Santidade pode ser analisado segundo a perspectiva de Rosendahl (2003, p.111) “Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte, torna-se território-santuário (...)”. As narrativas ressaltam este geossímbolo com orgulho e como forma de destaque para o município (APÊNDICE A e B).

O papa foi um dos grandes homens, ele visitou o mundo inteiro, ele não reparava a religião, ele ia lá onde tinha problema, não onde tava tudo resolvido, acho que ele revolucionou nesta parte, não ficou caseiro como os outros, porque não se pode ficar só lá na Basílica de São Pedro, tem que viajar o mundo, ele foi em busca do povo. *Então se existe a estátua na Praça de Guarani acho que é uma grande coisa viu, não é porque eu sou polonês que vou defender, mas na verdade ele foi diferente né e, eu acho que todos deveriam ser assim, não só ficar fechado, o papa tem que ir procurar as pessoas (agricultor, 67 anos, zona rural do município).*

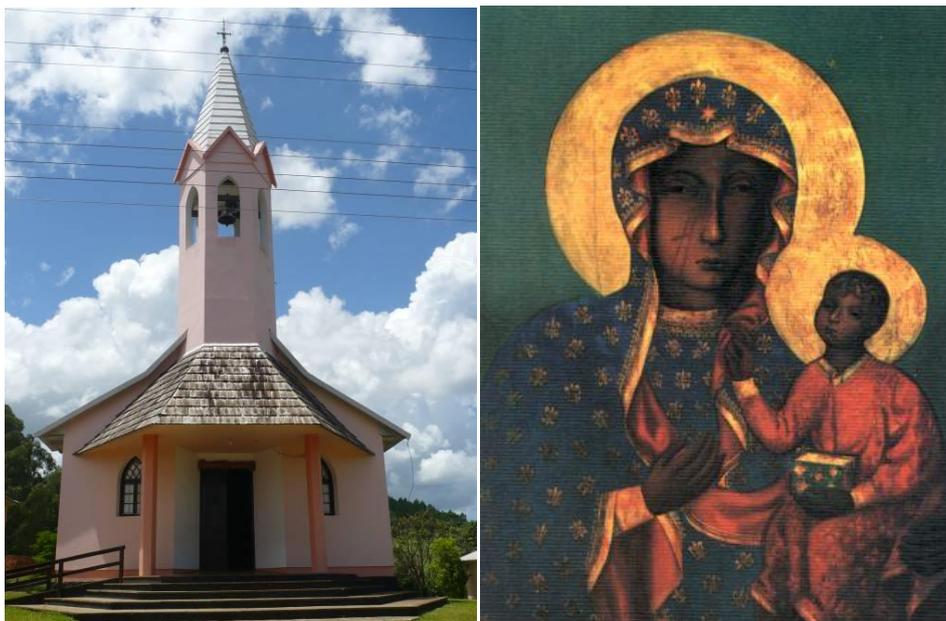


Figura 9: Estátua do Papa João Paulo II/Guarani das Missões/RS.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

Juntamente à imagem do Papa destaca-se outra figura religiosa; a Nossa Senhora de Czestochowa ou Nossa Senhora do Monte Claro, Padroeira da Polônia, a Santa também compõe referência religiosa no município. Segundo a história, sua imagem foi pintada por São Lucas, o evangelista e,

no seu rosto podem ser observadas cicatrizes, resultados das guerras pelas quais a Polônia passou e que agrediram a imagem da Santa. Ela é conhecida também como "A Senhora Negra" por causa da fuligem acumulada sob a sua superfície, fruto de séculos de velas queimadas junto a ela, outra lenda refere-se à cor escurecida pelo fato da madeira ao qual foi pintada envelheceu. Rodeada de ritos a ela foi construído o santuário em sua homenagem, localizado na comunidade da Linha Bom Jardim interior do município, o mesmo foi declarado Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico do Rio Grande do Sul pela Lei Estadual nº 13.038 de 25 de setembro de 2008 (FIGURAS 10 e 11). Sua história é lembrada com felicidade pelos moradores

Eu lembro bem da construção do santuário eu ajudei a levantar a torre, daí depois me acidentei, mas ainda consegui ajudar, depois eu levava com uma mão o balde de cimento porque a outra estava quebrada, a ideia da construção foi do senhor Pedro Wastowski e da Irma Fabíola e mais umas irmãs e padres, isso foi articulado antes (...) eles tiveram a ideia apresentaram para a comunidade e já apareceram uns que estavam interessados em ajudar a contribuir com mão-de-obra e com algum dinheiro também, teve uns que foram contrários a isso, como em qualquer situação, sempre tem os favoráveis outros que acham que vai dar muita despesa né e, no fim nem foi tanto gasto assim, e saiu a construção, teve um pessoal de fora de outras partes do Rio Grande que mandaram algumas somas de dinheiro (agricultor, 53 anos, zona rural do município).



Figuras 10 e 11: Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa e a Imagem da Santa/Guarani das Missões/RS.

Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

“A construção do santuário foi muito bonita, que alegria, eu e o meu marido levamos o quadro da Nossa Senhora para dentro da Igreja, porque tinha que ser pessoas que sempre moraram aqui, os mais idosos né”. (agricultora, 79 anos, zona rural do município). Outro depoimento marca com entusiasmo o destaque que hoje o santuário representa para a comunidade, ponto de encontro de fiéis e turistas, ele movimenta as atividades em seu entorno.

(...) já faz 14 anos que nós temos o santuário, e aquela imagem que tem da Nossa Senhora ela foi trazida da Polônia pela Irmã Fabíola que ela é mãe né da congregação, e cada dia 26 de cada mês nós temos uma missa no santuário não importa que dia que caí, se é numa segunda, quarta ou domingo tem a missa, por que dia 26 é o dia da Nossa Senhora do Monte Claro e no último domingo do mês de agosto tem a romaria a Nossa Senhora , ela começou assim bem pequena (...) e agora ela é reconhecida internacionalmente e já veio romeiros até da Alemanha, porque nós temos um livro para anotar esses dados e, nosso santuário fica a 500 metros do asfalto é bem pertinho para ir, fácil acesso, então vem romeiros da Polônia, do Uruguai, Argentina, *cada dia vem romeiros e não são todos poloneses hem*, acho que tem muitos outros, porque geralmente quem passa aqui vem conhecer o nosso santuário (...). (agricultora, 64 anos, zona rural do município).

Além da presença do Santuário destaca-se o Coral Polonês, participantes do Grupo de Mães que existe na comunidade, o grupo formado por dez mulheres recebeu o convite para a organização de um CD com o objetivo de divulgar as canções polonesas e religiosas, “(...) tudo senhoras e nós temos esse CD assim para cultivar a cultura, que nós moramos em Guarani a ‘Capital Polonesa dos Gaúchos’ (...) o CD foi um incentivo assim do professor Lauro Marmilicz que naquele tempo ele era prefeito aqui (...)”. (agricultora, 64 anos, zona rural do município). (FIGURA 12)

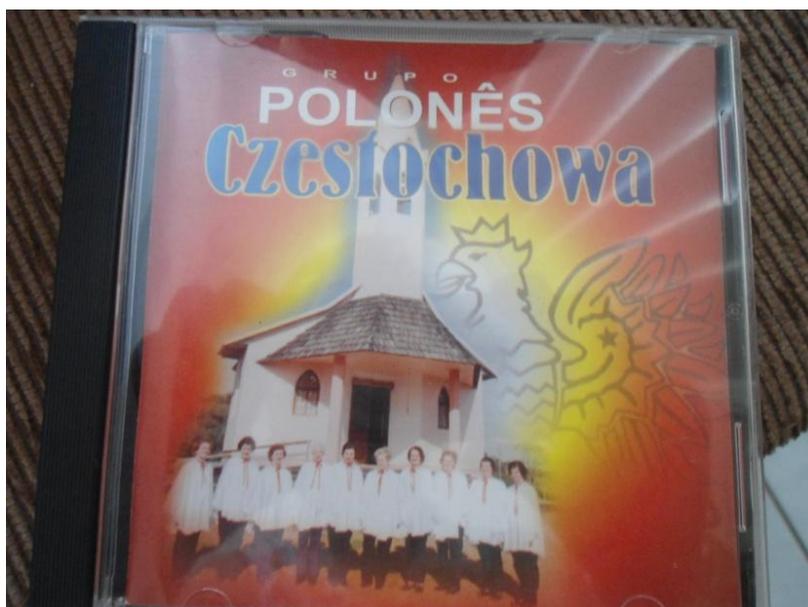


Figura 12: CD-ROM do Grupo Polonês Czesiochowa /Guarani das Missões/RS.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012, arquivo pessoal de WASTOWSKI, F.

Visualizando as demonstrações de religiosidade presentes no município, podemos dizer que, essas simbologias estão embutidas no cotidiano e ancoradas nas histórias do passado, seu principal alicerce. Isso faz com que, muitas famílias ainda preservem certos hábitos cultuados pelos seus ancestrais. O cultivo da fé polonesa foi um dos principais marcadores de afirmação em novas terras. Além da expressiva religiosidade católica podemos ressaltar o contato entre os diversos valores no compartilhamento das culturas, fazendo fluir novos símbolos e valores. Essa perspectiva de análise surge, aqui, como uma proposta para também elucidar a buscar por outras religiões dentro do município, fato que foi levantado durante o trabalho de campo.

Nessa linha de raciocínio, destaco o trabalho de Renata Siuda-Ambroziak intitulado *Mudanças na religiosidade e costumes religiosos dos descendentes dos poloneses em Áurea*, cidade considerada a Capital Polonesa dos Brasileiros, onde mais de 90% de sua população possui descendência étnica polonesa. A autora detém seu olhar na perspectiva da ‘mudança’ visualizada entre as novas gerações em relação à religiosidade. Para ela, a pesquisa desta temática encontra muitas barreiras, pois as respostas são evasivas e estereotipadas, porém afirma que

(...) igualmente a passagem para uma outra religião continua sendo em princípio equivalente a uma “alienação” da comunidade dos

descendentes de origem polonesa, sendo considerada como uma traição às raízes e à cultura, uma renegação. Ser descendente de poloneses, especialmente para as pessoas de idade mais avançada, equivale a ser católico. (2012, p. 87-88)

Retornando nosso olhar sobre a área de estudo em questão, nas entrevistas realizadas observou-se que a mudança de religião também não é vista com bons olhos entre os católicos. De acordo com narrativa, é visível esta relação entre os sujeitos “(...) achei que tinha amigos, senti preconceito igual às pessoas negras ainda sentem (...)” (dona de casa, 47 anos, zona urbana do município), a mesma ressalta que a escolha de outra religião refez algumas de suas ideias, uma vez que, na religião escolhida a pessoa era batizada a partir dos doze anos de idade, o que representa uma opção consciente pela mesma, diferente do batizado católico realizado nos primeiros meses de vida da criança. Outro exemplo igualmente retrata a difícil aceitação de outra concepção religiosa na comunidade

Tenho uma filha que quando foi casar teve que mudar de religião, já que o marido dela não era católico e, sim Testemunha de Jeová, assim eu não me sinto bem né, mas eu penso no outro lado, se eles vivem bem, eu tenho que dizer que está bom né (...) porque o que vamos dizer contra, foi uma escolha dela e, eles vivem bonito, mas o meu marido (*in memoriam*) não gostou disso, Meu Deus ele nunca gostou que ela mudou de religião, porque ela era catequista, batizada, crismada e depois ela abandonou isso que a gente se esforçou para passar a religião para ela, eu fiquei com receio, mas daí dizia para meu marido ficar quieto, deixar eles viverem pois, para os dois estava tudo bem (agricultora, 68 anos, zona rural do município).

As menções realizadas até então e, que enfatizam o sentido da religiosidade, seja ela católica ou não, nas relações sociais evoca a importância que a mesma possui no seio desta comunidade. Valor repassado pelos seus antepassados pode-se dizer que, de alguma maneira ou de outra, a religião confere um sentido à vida destes atores, expressando-se imaterial e materialmente no espaço de análise.

#### **4.2.2 A expressão polonesa pela língua materna**

Um dos códigos culturais mais relevantes é a comunicação dentro do grupo social. A língua funciona como um transmissor cultural, tendo como

ponto principal a difusão da cultura transmitida de geração para geração, tanto a língua falada, quanto à escrita. Wagner; Mikesell (2007, p.29) salientam que “A língua, como meio essencial da comunicação humana, é obviamente um componente crucial de qualquer cultura”.

Hall (1997, p.43-44) reforça o sentido da língua como código cultural do sistema social, pois

[...] podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela pré-existe a nós. Não podemos em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

Assim sendo, o discurso homogeneizador dentro das colônias de imigração dava-se pelo uso da língua materna. Como forma de proteger seus princípios a língua tornou-se um importante elemento na construção da identidade étnica polonesa. A língua é o símbolo de referência e também a marca da diferença entre os demais grupos. Dessa forma, cabe-nos perguntar como a mesma apresenta-se hoje nessa comunidade, uma vez que, seu histórico traz à luz suas perseguições, proibições e o próprio sentimento de acanhamento em expressar-se na língua polonesa.

Partindo de uma premissa que contemple o antes e o depois temos: o gosto de falar a língua materna x a timidez no tempo presente e, a busca por outras línguas que são mais atrativas ao mercado de trabalho. “Ah eu gosto de falar em polonês, quando vem uma vizinha polaca a gente sempre fala, mistura também com o português, mas eu prefiro falar polonês, pra mim se torna mais leve (...)” (agricultora, 68 anos, zona rural do município) e, “De pequeno a gente falava, mas depois a gente veio para a cidade e começa a achar o inglês mais bonito né, mais certo e acaba deixando as raízes de lado, a gente percebe isso em outras culturas também (...)”. (funcionário do poder municipal, 30 anos, zona urbana do município).

A análise dessas duas narrativas contrapõe tempos distintos, marcados por diferentes vivências. O costume de praticar a língua entre os mais velhos era muito comum desde pequenos, o que facilitou seu aprendizado e a fluência

em compreender e falar a língua atualmente, para os mais jovens está prática já não é mais frequente no seio das famílias, o que dificulta seu aprendizado, uma vez que, o polonês é considerado uma língua difícil, “Eu falo o polonês, mas meus filhos muito pouco, eles entendem, mas sempre na escola tiveram tudo em português daí é difícil né (...) então perdeu-se o incentivo de falar o polonês, porque o polonês é uma língua muito difícil para pronunciar” (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Outro depoimento, também, expressa este sentido ao fazer alusão as mudanças de hábitos, aos casamentos inter-étnicos, e a constante migração das pessoas da comunidade para outras cidades “Os filhos todos aprenderam a falar o polonês, só que hoje estão esquecendo, assim ó: uma filha casou com um alemão daí ela já não fala mais né, o outro foi pra fora na cidade grande então umas coisas ele entende, mas não fala mais (...)” a moradora também relata essa vivência quando afirma que “Agora moro com uma nora que é alemã, e as vezes, eu me esqueço e saio falando polonês, meu filho me xinga e eu logo repito em português, pois não se deve falar uma coisa que a outra pessoa não entende”. (agricultora, 68 anos, zona rural do município).

Fluindo para outros espaços, temos as conversas realizadas nas ruas e no comércio do município, que ainda retratam o modo de vida polonês, as pessoas que sabem falar procuram de certa forma encontrar outras que também cultivam este hábito, pois possuem o gosto pela expressão da língua materna “Aqui no comércio o pessoal sabe que eu sei falar em polonês e eles vêm diretos para falar a língua, contam piada, e eles vêm falar comigo, mas depois que eu sair o outro que trabalha aqui só entende, mas não fala, daí não sei como vai ficar” (funcionária pública, 53 anos, zona urbana do município).

Diante da diminuição constante desse atributo cultural, há certa indignação das pessoas que vêem cada vez mais essa tradição se perder no tempo, pois afirmam que a faixa etária idosa que ainda fala a língua em pouco tempo não estará mais presente para cobrar dos filhos e netos que continuem a preservar sua cultura, essa premissa além de ser defendida em falas ficou, também, explícita nos semblantes das pessoas ao narrarem suas histórias.

Quase não há conversas com as pessoas em polonês, para demonstrar que ainda somos poloneses né, que somos brasileiros descendentes de poloneses, temos essa tradição, mas bastante

esquecida, está enfraquecendo, devido à participação das outras raças também, tem essa mistura, e na escola não é prestigiado a fundo o polonês, enquanto que o inglês, o espanhol tem escolas próprias, e o polonês porque que não tem? (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Em contrapartida, há um trabalho por parte do poder público com o objetivo de que exista locais para a prática da língua, este fato é ressaltado segundo a narrativa

“(...) nós temos como matéria curricular a língua polonesa nas escolas municipais e vale ressaltar o trabalho da Braspol (Representação Central da Comunidade Polonesa no Brasil) em que, tem aula de polonês uma vez por semana, então a língua ainda é mantida, mas é mais presente nos antigos”. (funcionário do poder municipal, 30 anos, zona urbana do município).

A iniciativa de levar para a escola o estudo da língua materna configura-se de modo muito importante para a propagação dessa tradição cultural no município, se para uns ainda é constrangedor falar em polonês e possuir um sotaque “carregado”, há bons exemplos de aprendizagem nesse sentido “Algumas palavras eu sei falar, e quando eles falam entre si eu entendo, eu tive polonês de 4<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> série eu achava ótimo, adorava as aulas, eu achava fácil porque mais ou menos eu sabia as coisas, em casa os pais falam bastante em polonês (...)” (estudante, 13 anos, zona rural do município).

O trabalho realizado pelos professores que ministram essas aulas também apresenta alguns pontos a serem avaliados

(...) infelizmente o interesse dos alunos não é muito bom, mas é bem melhor do que quando eu comecei este trabalho. Quando eu comecei uma: eu não tinha experiência, outra; eu não tinha material e as crianças ficavam chocadas no sentido assim que, quando eu falava as palavras em polonês eles riam, não tinha jeito sabe, eles se deitavam de tanto dar risada (...) daí eu mesmo comecei com esta ideia de procurar os pequenos, eu criei esta ideia de dar aula para os pequenos e daí comecei a contar estas histórias (...) (professor, 62 anos, zona urbana do município).

Segundo relato do professor, o introduzir da disciplina para os alunos deu-se de forma despreparada, pois, os mesmos, muitas vezes, ainda não compreendem a importância de estudar a língua materna no ensino fundamental e, por isso a disciplina era motivo de brincadeiras entre as

crianças. Porém, esses condicionantes não desmotivaram o seu trabalho, buscando o gosto das crianças pela língua polonesa teve a ideia de realizar pequenas aulas nas séries iniciais, contando lendas, histórias da Polônia e propiciando que as crianças desenhasssem e pintassem desenhos característicos poloneses. Isso despertou o interesse desses pequeninos descendentes de poloneses e, hoje ele conta que seu trabalho dá-se de forma mais satisfatória, tanto para ele como docente como para as crianças.

(...) hoje com estas aulas nas séries iniciais eles gostam de mim, às vezes quando eu entro na sala eles chegam a dar um grito de alegria, então com esta introdução do polonês nas séries iniciais melhorou o desempenho de 5ª a 8ª séries, mas tem alunos que não tem nada a ver com isso né, não são descendentes de poloneses eles vem lá da Vila, e tem aqueles que são pouco interessados nas demais matérias e muito menos pelo polonês né (...) então tem uma série de dificuldades, mas a gente vai contornando. (professor, 62 anos, zona urbana do município).

Além dessa constante é importante o incentivo na relação entre pais e filhos, “Os filhos falam polonês, eles entendem, quando a gente os pergunta falam (...) tem que puxar a frente (...) eles respondem só o que tu pergunta (...)” (do lar, 59 anos, zona urbana do município). Dessa forma, unindo escola e família, talvez, seja possível a preservação deste código cultural, uma vez que, atualmente a prática da língua está a depender dessas pessoas mais velhas, o que conseqüentemente, com o passar do tempo tende a diminuir cada vez mais.

#### **4.2.3 O sentido das festas**

*(...) perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo uso social se prolonga bem além de sua duração. Esta simbólica festiva une e qualifica lugares (...) (DI MÉO, 2001, p.1-2).*

Unido ao ‘suor’ do trabalho e da fé preconizada, as colônias também aglomeravam famílias inteiras, vizinhos e amigos para momentos festivos. A confraternização constitui um atributo cultural de grande estima para estes

trabalhadores, onde se reuniam para conversas em roda, danças, comilanças e bebidas típicas.

De início, aliada a simplicidade da 'roça' faziam-se mutirões de trabalho durante o dia e, à noite as pessoas se reuniam para confraternizar "(...) se fazia junção, trinta quarenta pessoas todos vizinhos uma vez era na roça de um, se capinava toda a roça e de noite era aquele matine com música, uma gaita e se dançava nas casas, a gente comia qualquer coisa (...)" (agricultora, 79 anos, zona rural do município). Para esses camponeses o ato de encontro não se constituía em uma festa, mas sim como uma forma de agradecer e referenciar os alimentos colhidos em sua propriedade "A gente se visitava bastante nos aniversários não que era festa né, mas a gente fazia galinhada e vinho, se não tinha vinho fazíamos cachaça com casca de laranja, um pouco de água e melado porque nem tinha açúcar (...)" (agricultora, 79 anos, zona rural do município).

Os casamentos típicos, também, foram referenciados nas narrativas com alegria

(...) olha as festas de casamento que eu me lembro eram sempre domingo, começava de manha pelas dez horas tinha a missa e os preparos do casamento eram enormes porque faziam em casa então demorava e era sopa nos panelões grandes e massa, arroz e aqueles fervidos de carne, carne cozida (...) churrasco não tinha ainda (...) depois, mais tarde, começou a entrar um novo sistema, aí já foi diferente. Ah! e tinha que ter bastante bolacha não podia ter casamento sem bolacha, bolo não, mas bolacha sim! e café preto com salame (...) e isso era depois do almoço e ia até amanhecer o dia, terminava então na segunda-feira o casamento. (agricultora e ministra da eucaristia, 65 anos, zona rural do município).

E,

(...) nas festas nos casamentos ainda não tinha aqueles churrascos, sobremesas essas coisas que tem agora, nem bolo tinha (...) mas tinha galinha assada no forno feito a tijolo, no sábado de meio dia costumavam fazer sopa de galinha ou de osso de gado, com massa, cuca e a meia noite então cozinhavam salame, bolinho de carne e era café e vinho e tinha cerveja também, o casamento era sempre em casa, não era em salão e nós seguíamos esses costumes (agricultora, 64 anos, zona rural do município)

Segundo Santos; Kinn (2009, p.61) é comum no entorno destas tradicionais comunidades rurais hábitos de preparo de festas, para os autores

os “Costumes envolvem articulações de pessoas na realização da festa e representam a legitimação de um modo de ser, manifestado por meio de práticas sociais e de habilidades em se continuar organizando comemorações (...)”. As festas representam assim, a identidade do grupo, uma vez que, congregam em um mesmo ambiente vários dos atributos culturais que fazem parte de determinada cultura. O casamento polonês que hoje é encenado nas comemorações da POLFEST (Festa Típica Polonesa) é uma demonstração deste conjunto de códigos culturais que cercam as festas “As músicas eram em polonês e como a gente dançava, dançavam até o amanhecer (...)” e, “(...) antes dos noivos sair de casa tinha tipo uma palestra com o padre, a noiva toda maquiada chorava porque ela agora entrava em uma nova fase, virava mulher” (do lar, 59 anos, zona urbana do município). (FIGURA 13)



Figura 13: Casamento típico polonês.

Fonte: Trabalho de Campo, 2012, arquivo pessoal de WISCHINESKI, E.

A música marcava as festas polonesas e animava os aniversários e casamentos. Um instrumento bastante utilizado foi o bandoneon, (FIGURA 14) de origem alemã, ele ainda é destaque no município e, uma das formas de resgatar o uso desse instrumento musical está o seu cortejo durante as festividades da Polfest. Com o intuito de preservar a tradição foi organizado o Encontro de Bandoneonistas.

(...) o bandoneon a gente percebe ele muito mais usual no tango argentino e aqui na nossa região, na nossa cultura polonesa, na cultura eslava a gente tá percebendo que ela já tá ficando na história, e o que a gente fez, nós resgatamos, Guarani das Missões tem uns cinco bandonistas e a nossa região aqui Candido Godói, Campina das Missões, Porto Xavier tem bastante, então nestes encontros a gente consegue juntar em torno de 20 a 30 bandonistas onde a gente produziu um DVD, mas tudo foi muito experimental, nosso primeiro encontro foi em 2010, o segundo em 2011 e o terceiro em 2012 (funcionário do poder municipal, 30 anos, zona urbana do município).



Figura 14: Festejos nas famílias com a utilização do Bandoneon.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012, arquivo pessoal de WISCHINESKI, E.

Considerando essas narrativas que qualificam as festas locais e tomando como base teórica as contribuições de Katrib (2007) podemos analisar as festas sob dois pontos de vista um: enquanto momento de ruptura com o cotidiano, que se transforma (re) atribuindo um sentido especial ao dia-a-dia, diferenciado daqueles dias comuns, outro; ocorrendo um processo de re-significação dos espaços e dos valores culturais e sociais contidos nestas comemorações festivas. Para Guarinello “A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social” (2001, p.972).

Percorrendo outro viés, temos como exemplo bastante ilustrativo, diante da modernidade e dos processos produtivos atuais, os sentidos que assumem

as festas nas comunidades rurais atualmente, se as mesmas são marcadas no seu cotidiano por uma vida pouco movimentada, em dias de festa há uma congregação de pessoas de vários lugares. Para Santos; Kinn (2009, p. 65) realizar festas “(...) significa juntar pessoas e negociar espaços, bem como uma forma de manutenção das características religiosas, dos rituais e das procissões, que implicam tradições, e costumes no uso de vários conteúdos culturais.”

A preparação e o envolvimento da comunidade são citados nas narrativas com ênfase na organização da festa religiosa característica do município: a Romaria em Honra a Nossa Senhora de Czestochowa. O festejo ocorre no último domingo do mês de agosto, como homenagem a padroeira da Polônia, na localidade da Linha Bom Jardim. Inicialmente, a festa contava com a participação apenas da comunidade local, pois se acreditava que “A romaria da Nossa Senhora de Czestochowa ou do Monte Claro é uma participação do povo polonês, assim foi instalado isso, que seria um santuário para os poloneses”. (agricultora e ministra da eucaristia, 65 anos, zona rural do município). Com o decorrer dos anos as procissões despertaram um número maior de fiéis de diferentes lugares, de modo que, a comunidade receptora passou a se organizar para receber estes visitantes.

(...) quem organiza é a diretoria da comunidade e a comitiva, mas toda a comunidade tem que trabalhar, os sócios têm tarefas a executar antes da romaria e no dia também, não sobrou nenhum sócio acho que não vai trabalhar uns vão trabalhar no sábado outros, no domingo também, mas em outra tarefa porque não tem muita gente disponível, tem uns 60 ou 70 sócios, mas para as pessoas de idade não podemos delegar tarefas, quem tem que fazer são as pessoas mais novas. (agricultor, 53 anos, zona rural do município)

Neste tocante Bezerra (2008, p. 08) corrobora dizendo que, no processo de (re) invenção da festa, os rituais que “(...) inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos (...)”. Isso pode ser notado com veemência segundo o relato “(...) mas daí o poder municipal transformou, que seria uma romaria internacional para arrecadar muito dinheiro (...)” (agricultora e ministra da eucaristia, 65 anos, zona rural do município).

No ano de 2012, a busca de apoio junto ao Fundo de Incentivo a Cultura (PRO-CULTURA RS) repercutiu em uma organização diferenciada das demais romarias organizadas até então, comumente a procissão era realizada no domingo pela manhã com celebração da Santa missa e após o almoço, na parte da tarde seguia algumas programações com a tradicional Bênção da Saúde. Com a nova organização, a programação foi estendida para dois dias de evento contando com atrações culturais, shows e apresentações. (FIGURA 15). Porém, se para uns esta ideia foi bem recebida, pois há o intuito de divulgar a Romaria e a comunidade local para outros; há um posicionamento desfavorável e outra interpretação para o rito tradicional de uma Romaria.

Em relação à organização da romaria deste ano, no meu ponto de vista elas vão contra a formação, o parecer das romarias, quando foi construído o santuário, o início das romarias foi com o objetivo de dar continuidade na parte religiosa, cultural religioso, só que hoje em dia está sendo desmascarado por outro lado, parte religiosa propriamente é pouca e sim festa, folia porque estas apresentações acredito eu que não deveriam ser no momento da romaria (...).(agricultor, 63 anos, zona rural do município).



Figura 15: Folder de divulgação da 21ª Romaria de Nossa Senhora de Czestochowa. Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

Desse modo, a festa assume uma condição de mercadoria. Amaral (1998, p.9) afirma que a “festa à brasileira” possui uma tríplice forma de interpretação: a primeira por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e símbolos do povo brasileiro); a segunda, por servir como modelo de ação popular (no sentido que tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração de riquezas); e, por último, por servir como espetáculo de muitas cidades.

Outra demonstração, também, se manifesta ao novo formato de organização da romaria, “Eu não sei né, mas quando começam a fazer muitos shows parece que vai desvirtua a romaria, tem gente que vai vir só para o show daí?”, o agricultor ao refletir sob outra perspectiva completa “(...) mas, eu respeito o ponto de vista dos outros, se eles acham que é importante os shows para divulgar mais pelo Brasil afora a romaria daí talvez seja válido, se olhar por esse lado né”. (agricultor, 53 anos, zona rural do município).

Esse mesmo viés de interpretação é firmado quando se comenta a respeito da Festa Típica Polonesa

A polfest, também, no início era tudo bem pequenininho, agora cada vez ta maior parece, talvez o público não, mas têm mais coisas assim, mais propaganda, mais comércio, antes não tinha estes pavilhões, pra ter as coisas dentro, as lojinhas, hoje com certeza é mais negócio do que cultura. Os municípios fazem os negócios entre eles, um pouco pra apresentar o município né e, tem os grupos que vem se apresentar de Curitiba, da Argentina. (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

Assim, em meio à gastronomia típica, danças e festejos, a festa congrega também o comércio, onde produtos culturais são associados ao mercado e configuram-se como recursos econômicos na contemporaneidade. A consideração feita por Brandão enfatiza esse cenário “Uma inevitável passagem do ritual da tradição voltada para a vida camponesa comunitária, ao espetáculo agenciado, para ser visto, mais do que vivido, por seus habitantes e os de ‘fora’, desloca boa parte dos eixos dos sentidos e sentimentos (...)” (1995, p. 117).

Desse modo, essa confluência de sentidos evidencia a “dinâmica das festas” atualmente. Outra vez, podemos relacionar o pensamento de Saquet relacionando o passado x o presente. Cada ator social carrega sentimentos e

afeições determinadas sobre o sentido da festa para ele próprio e para sua comunidade. Esses objetivos amalgamam-se a um ponto central e a festa se realiza, pois é através dela que “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade” (Durkheim, 2003, p.409) e, as resistências e aceitações constituem aqui, a dinâmica constante que modela cada cultura, em tempos e espaços distintos.

Aliada as festas, como vimos a culinária típica também se fez presente nas narrativas identitárias, o preparo da alimentação reunia as pessoas, uma vez que, cada família auxiliava e doava certos condimentos. Durante nossas conversas, tive a oportunidade de participar de um almoço típico preparado por uma das informantes, a mesma contou sobre a preparação das sopas e, também do *pierogui* (pastel de requeijão ou de uva cozido) (FIGURA 16). Segundo relato, a mesma sempre está envolvida no preparo dos pratos típicos que são oferecidos durante a POLFEST, bem como, em outras festividades do município. Feliz, também contou sobre sua viagem a Polônia, suas impressões e a participação em uma missa rezada pelo Papa polonês.



Figura 16: Almoço típico polonês na residência da informante.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

#### 4.2.4 A cultura polonesa como referência identitária: algumas considerações

Religião, língua, festas, músicas, artesanato constituem juntamente com os marcadores simbólicos e afetivos um marco de referência para estes atores. Homens e mulheres, esses sujeitos são e exprimem de alguma maneira, ainda que tímida, durante o seu cotidiano, suas raízes polonesas. Somos todos sujeitos livres e estamos no “(...) mundo como diante de uma prateleira de supermercado.” (Rocha, 2004, p.142), porém, diante de tantas escolhas possíveis, o atual sujeito começa a repensar suas ações na busca de uma referência maior. Denominamos essa referência de *identidade* durante nossa dissertação e, compartilhamos nesse momento as reflexões de Bauman para compreender este processo “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo.” (2005, p. 35).

Analisando os discursos proferidos durante esse trabalho, visualizamos essas aspirações nas preocupações exaltadas por essas pessoas. O cruzamento entre o tradicional e o moderno revela uma instabilidade, uma vez que,

Em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, estas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. (Bauman, 2005, p. 38).

Então, buscar referências na cultura torna-se uma maneira de se reconhecer integrante de um grupo, de *ser-no-mundo* conforme propõe Giddens (1991). A alusão aos símbolos de uma cultura mãe desponta como uma forma de equilíbrio, de afirmação, que esses sujeitos sentem necessidade. Por isso, a diminuição de determinados costumes e tradições é ‘sentida’ e precisa de um tempo de adaptação e envolvimento com os novos atributos culturais. Canclini corrobora neste contexto quando nos diz que

Quando uma tradição ou um saber já não dão retorno, não se pode trocá-los por outro, como quem desloca um depósito de um banco a

uma empresa financeira, de um ramo de produção ao seguinte. A “investição” nos coloca diante do drama da temporalidade e dá uma chave a mais para entender a persistência e a obsolescência simultâneas das formas tradicionais do culto e do popular (Canclini, 1998, p. 363).

Dessa maneira, estes atores muitas vezes fazem referência a atributos ‘esquecidos’ mas que, ainda povoam suas concepções. Os mesmos se apóiam em uma versão autêntica como retoma Canclini “(...) algo que já não existe, mas que é resguardado porque alude à origem e à essência. Ali se conserva o modelo da identidade, a versão *autêntica*”. (1998, p. 191).

Podemos dizer que, a cultura polonesa se apóia nesses marcadores concretos para sua afirmação, destacando-se como geossímbolos na paisagem temos que, “A identidade tem seu santuário nos monumentos e museus; está em todas as partes, mas se condensa em coleções que reúnem o essencial.” (Canclini, 1998, p. 191). A ênfase em dizer que este espaço geográfico é a “Capital Polonesa dos Gaúchos” revela o orgulho e o enaltecimento desses sujeitos. A exaltação dos atributos culturais surge como uma maneira de representar esta cultura perante os outros grupos e, as tradicionais festas são um exemplo de representar estes sentidos da cultura em seu ápice.

Portanto, apontamos que o discurso identitário e a congregação com os códigos compõem uma forma de manter vivos os traços identificadores da cultura polonesa. E é nesse sentido, em nossa análise Geocultural que vemos, a cultura como um feixe de valores que confere um caráter peculiar a determinados espaços.

## 5. O espaço (re) transformado e o sentido da identidade

*Depois de mais de um século da chegada dos primeiros imigrantes, o brasileiro descendente de polacos já não pode mais ser considerado possuidor de uma identidade nacional ou cultural polaca. Quando muito, talvez, possa-se dizer que ele é um “polaco híbrido”, enquanto brasileiro que descende de polaco. (Iarochinski, 2010, p. 84)*

“O passado pioneiro e seu componente de progresso e civilização e um imaginado *ethos* do trabalho intrínseco ao colono” (Seyferth, 2011, p. 411) foram segundo a autora, os elementos simbólicos usados para classificar os imigrantes europeus. A incorporação de traços culturais discutidas até então nesse trabalho, foram responsáveis pela concepção de uma ‘paisagem cultural criada pelo colono’. Resistências e afirmações marcaram o evoluir destes ambientes. Mescladas às inovações da contemporaneidade esta trajetória acaba por moldar esses sujeitos, modificando sua maneira de pensar e agir. Por isso, analisar como as gerações desses imigrantes encontram-se atualmente, nos leva a decompor uma identidade que é híbrida.

A inter-relação dos diferentes grupos sociais revela a mescla cultural que hoje caracteriza a sociedade. Podemos dizer que, a cultura polonesa brasileira reside na coexistência de outras várias culturas, que possui seus elementos simbólicos de afirmação, mas também que acompanha os vários processos de transformação que vivemos atualmente. Nesse sentido, compartilhamos o entendimento de Siuda-Ambroziak:

O mundo contemporâneo e todos os processos que nele ocorrem constituem para cada cultura, inclusive a polônica, um grande desafio e acarretam a indagação a respeito do que na cultura polônica continua sendo polonês, do que é brasileiro e do que é o seu próprio produto “híbrido” polônico, ou um produto polono-brasileiro e a respeito das opções que essa “polonidade” assumirá no Brasil no futuro próximo: a liberal (identificada com a transformação das posturas e normas tradicionais com o objetivo de melhor adaptá-las às exigências atuais), ou justamente a tradicional (que apela às normas imutáveis de um polonismo compreendido algo folcloricamente). (2011, p. 102).

Sobressai-se, nesta análise, a relação que os elementos simbólicos possuem no tempo e no espaço. Para Baldwin et al. (2004, p. 36) observa-se

isso quando “Apresenta-se mais fielmente o relacionamento entre culturas falando-se delas como redes que se entrecruzam do que de territórios mutuamente separados”, assim sendo, a resistência da cultura polonesa pode decorrer justamente e especialmente da sua abertura, capacidade de transformação, imprecisão e elasticidade (SIUDA-AMBROZIAK, 2011).

Tais concepções vêm de encontro à volatilidade característica do período técnico-científico-informacional. Torna-se pertinente dessa maneira, elucidar as questões a cerca do hibridismo cultural, uma vez que, as culturas constroem-se por acréscimos (Anderson & Parker, 1971). Nesse processo, confunde-se a suposta pureza dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas, “A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços dela” (Silva, 2008, p.87). Segundo Burke (2003) uma reação comum ao encontro cultural ou com componentes de outra cultura é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional, que nas palavras do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss é denominado de “bricolagem”.

Temos assim, “(...) identidades ressignificadas no interior de uma outra, ela mesma, também, retrabalhada em seu significado (...)” (Pierucci, 1999, p. 157). Essa dinâmica leva a identidade a assumir novos padrões, para Woodward (2008) as transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo põem em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas, essa reconstrução proporciona um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza.

Para compreender este movimento incessante da cultura, podem-se delinear dois vieses de análise; um vendo a cultura como produção internacional, homogeneizadora com caráter “dominador”, o outro; como especificidade regional, pelas tradições locais que apresenta. Nesse contexto, os efeitos da globalização geram reações de afirmações de identidades culturais, que podem, algumas vezes, desencadear relações de resistência. Conforme Claval (1999, p.18) a abertura da sociedade “(...) multiplica os contatos com o Outro e mostra a sua complexidade e a sua diversidade. Esta

confrontação ampliada conduz com frequência a atitudes defensivas: a afirmação identitária torna-se explícita”.

Assim, “(...) ao lado da tendência em direção à homogeneização global, manifesta-se, também, o fascínio pela diferença alimentado pelo marketing da alteridade, da etnicidade, da localidade. Um novo interesse no “local” se forma em conjunção com o impacto do global.” (Peerucci, 1999, p.156). Nesta ênfase, percebe-se que, mesmo a identidade polonesa sendo (re) trabalhada constantemente no decorrer das gerações, ela guarda aspectos relevantes que fazem transparecer o grupo enquanto uma *unidade*. Se esta afirmativa é mais evidente em alguns momentos que extrapolam o cotidiano, esses encontros constituem o elo que os faz serem reconhecidos como poloneses brasileiros. No interior dessa compreensão insere-se o pensamento Raffestin (apud SAQUET 2011, p. 84) quando nos diz que “Há *três mundos*, o *real*, o das sensações e o das representações, isto é, o concreto-vivido, as percepções e as imagens criadas a partir das linguagens”. (2011, p.84).

Faz-se de sobremaneira importância delinear como se apresenta o *mundo real* para esses atores (que envolve as relações de poder que variam no tempo e no espaço, as ações cotidianas e a construção do território) e, o seu imbricamento com o mundo das sensações, sentimentos e representações. Esta realidade se apresenta diante das múltiplas influências globais, em que os mesmos procuram se adaptar e buscar alternativas, incluindo a permanência no campo, ou, o despertar para os grandes centros urbanos. A metamorfose visualizada no ‘modo de vida’ desses sujeitos e na organização do seu território traz à luz suas inquietações e representações sociais em relação à comunidade e a sua própria identidade polonesa/gaúcha/brasileira.

## **5.1 De ‘colono’ a agricultor**

Almejando interpretar a formação do território dos *colonos*, vimos que, o resgate das memórias vivas ilustrou, de maneira significativa, como se dava essa vivência e suas peculiaridades. Entendemos que, os imigrantes camponeses tinham como ímpeto a aquisição de uma propriedade própria,

onde poderiam realizar os ofícios trazidos do território portador, aprimorando-os.

Essa compreensão era repassada às novas gerações, sendo desta forma, uma tradição o filho homem continuar os ofícios desenvolvidos na lavoura e, a filha mulher como guardiã do lar, era dedicada ao casamento, quando raro exercia papéis nas comunidades, “E sabe como antigamente era, *a gente tinha que casar*, tem que ser agricultora, dona de casa mãe dos filhos, do marido e trabalhar com ele junto na roça (...)” (agricultora e ministra da eucaristia, 65 anos, zona rural do município), outra narrativa também elucida este fato “(...) sempre trabalhei na roça fiz até a terceira classe, mas acho que eu era inteligente porque o professor da época queria que eu fosse professora, mas como meu pai disse: *mulher tem que ser dona de casa*, professor tem que ser homem, daí não fui.” (agricultora, 79 anos, zona rural do município).

A organização emoldurada das famílias coloniais por muito tempo constitui um exemplo a ser seguido, contudo, a fase baseada na subsistência e venda do excedente lentamente se alterou para uma economia de mercado. Pouco a pouco, o antigo colono passou a ser visto com o *agricultor*, seguindo a lógica produtor-vendedor-comprador, ou seja, produzia em sua propriedade, revendia parte da produção e comprava mantimentos fabricados pelas indústrias locais.

Com isso, uma mudança relevante ocorreu na organização da produção, a qual merece destaque nas palavras do agricultor “Naquela época o pessoal tinha alimentação estocada para dois, três anos, hoje o agricultor planta e não vê mais o produto, ele vai diretamente para os armazéns, então antes eles tinham alimentação humana guardada.” (agricultor, 63 anos, zona rural do município). Este novo personagem passou a desenvolver um sistema agrícola intensificado.

Programas de incentivo à agricultura foram introduzidos para a busca de uma melhor rentabilidade no campo. Aliada ao cultivo de grãos, outros produtos se destacam diversificando a produção rural, a pecuária de corte, leiteira e os hortifrutigranjeiros ganham espaço nas propriedades, “(...) a gente criava porco também, produzia leite, mas agora no final é mais hortifrutigranjeiro e, me parece assim que deu mais lucro, é muito trabalho essa

rotina, tu não tens sábado e domingo por que tem que cuidar a horta, mas ele rende muito mais.” (agricultora, 64 anos, zona rural do município).

Essa nova lógica trouxe novos custos para os pequenos agricultores, que passaram a investir em artefatos para aumentar a rentabilidade da sua lavoura “(...) hoje se tem veneno né, não é preciso capinar, mas antes o lucro era limpo, não se pagava por adubos e veneno.” (agricultora, 79 anos, zona rural do município). O novo sistema possibilitou melhorias para os agricultores através do acesso a luz, água encanada, telefone e outros utensílios, modificando também a estrutura das casas e a organização da própria propriedade rural que se apresenta contemporânea, elementos arquitetônicos urbanos redefinem a imagem da nova espacialidade rural, tais características podem ser visualizadas perante a imagem a seguir, que ilustra a configuração que as propriedades rurais vêm tomando (FIGURA 17). Mas por outro lado, modificaram-se as relações sociais. A coletividade cedeu espaço ao individualismo e, a prerrogativa máxima é exaltada pelo agricultor “Hoje o que manda é o dinheiro e, isso não é bom né”. (agricultor, 67 anos, zona rural do município).



Figura 17: Exemplo da configuração de uma nova espacialidade rural, fotografia aérea da propriedade localizada na Linha Bom Jardim/Guarani das Missões. Org.: SLODKOWSKI. A.C.; Arquivo pessoal de WASTOWSKI. F.; 2012.

Niederle (2007), em seu estudo sobre as estratégias reprodutivas dos pequenos agricultores em Salvador das Missões/RS, município próximo a Guarani das Missões, enfatiza as mudanças e a constituição de um novo padrão agrícola para a região das Missões. É forçoso delimitar com precisão os processos que se desenvolveram nesta região, porém nota-se que, a partir dos anos 60 assistiu-se ali uma constante especialização produtiva assentada no cultivo da soja, com o aumento da mecanização, diminuição do uso da mão-de-obra, uso de corretivos agrícolas, adubos e defensivos (Brumer, 1994; Brum, 1988 apud NIEDERLE, 2007, p. 73). Neste ensejo, destaco a contextualização realizada pela mídia local sobre as mudanças visualizadas

Antigamente, o colono plantava milho, arroz, trigo, feijão, batatinha, algumas hortaliças; também tinha sempre na engorda um bom lote de porcos; criava galinhas, vacas de leite, etc. Desta maneira, ao longo do ano, obteve sempre rendas periódicas, seja pela venda dos produtos agrícolas que colhia nas diferentes estações, seja pela venda de alguns porcos aos frigoríficos e também de algumas reses que lhe sobrava do plantel. Hoje tudo está incrivelmente diferente; se vê agricultores dos municípios, entrar em armazéns para comprar desde banha, feijão, queijo, ovos, até verduras para o consumo. **Muitos pomares foram eliminados por completo por causa da majestosa soja.** Todo mundo só fala em soja (...) os colonos “sojicultores” jogam seu crédito total para levantar dinheiro grosso nos bancos, com o qual mandaram destocar até a última arvorezinha de sua terra, e arrancar as últimas leivas de grama de seus poteiros. Depois jogam tudo numa só cartada passam horas e dias, semana e meses na expectativa de que a estação seja favorável para o plantio, rezam para tudo quanto é Santo, implorando que livre suas lavouras das pragas; clamam um bom tempo para a colheita e por fim pedem a Deus que faça com que a safra americana se atrase e seja a pior possível. (Ely, 1974 apud NIEDERLE, 2007, p. 74) (Grifos nossos).

Essas transformações alinhadas na década de 70 mostram a força com que a monocultura da soja adentrou na região missioneira, substituindo em parte o sistema policultor característico. Conforme demonstra o gráfico a seguir, entre as culturas temporárias, a soja configura-se atualmente o principal cultivo desenvolvido no município (GRÁFICO 4).

O mesmo condiz com a figura capturada durante a realização da 9ª POLFEST em 2010, a qual demonstra a atual fonte de renda do município. Com grande destaque para o cultivo da soja e do milho e, também com a introdução da pecuária leiteira, que desponta como um meio importante, uma vez que, seu rendimento é mensal (FIGURA 18).

LAVOURA TEMPORÁRIA – AREA PLANTADA NO MUNICÍPIO DE GUARANI DAS MISSÕES/RS – PERÍODO DE 1990-2010

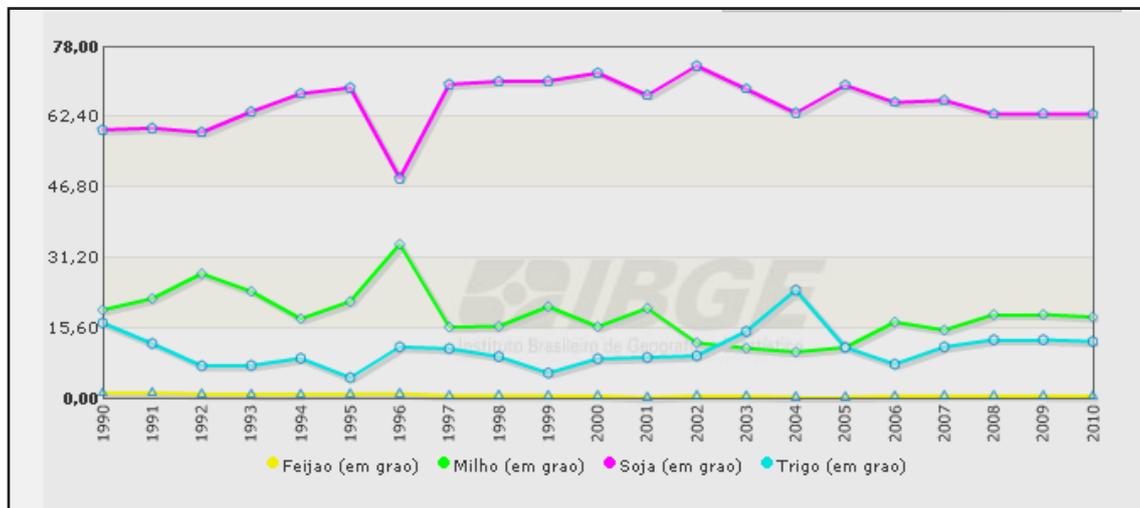


Gráfico 4: Porcentagem da lavoura temporária plantada no município de Guarani das Missões/RS.

Fonte: IBGE, 2013.

Org.: SLODKOWSKI, A. C. 2013.



Figura 18: Fontes de renda atuais do município de Guarani das Missões/RS.

Fonte: SLODKOWSKI, A.C., 2010.

Abramovay (2003) também contextualiza o cenário do campo analisando os fatores da mobilidade dos sujeitos e do envelhecimento da população rural, uma vez que, a monocultura dispensa o uso de mão-de-obra abundante, levando os jovens a procurar emprego em outros setores. Dessa maneira, é necessário um desenvolvimento territorial para avigorar este espaço. Na visão do autor

O novo rural é o espaço do consumo, por isso necessita de uma política de crédito. Dentro dessa lógica, cria-se o consumidor e um Estado assistencialista, que olha o homem do campo como um acomodado, dependente de políticas públicas.

A contextualização do autor vem de encontro ao pensamento expresso pelo morador, quando analisa o fluxo de pessoas que saem do campo, conseqüentemente há a mudança na estrutura populacional e também na economia do município

(...) aqui vai ficar cada vez mais vazio e não é só aqui, é em toda parte, na colônia ta ficando um vazio (...). Assim, vai mudar a economia do município, vão ter que procurar outro recurso, algum outro incentivo, formar algumas agrovilas quem sabe, assim as coisas parece que estão morrendo. A agricultura está ficando fraca nos municípios, aqui tem a Escola Técnica Guaramano que forma os técnicos agrícolas, mas muitos vão procurar as grandes fazendas, os outros que ficam aqui não estão na função deles, trabalham com outras coisas, são poucos, poucos mesmo, que trabalham com essa função (...). (agricultor, 67 anos, zona rural do município).

Nota-se com esse panorama, a falta de perspectivas de futuro para essa população continuar no campo. Por um lado, o grande latifundiário, detentor dos meios de produção, passa a atuar cada vez com mais expressividade e, por outro, o jovem, busca melhores condições nos centros urbanos. Há, contudo, uma terceira possibilidade vista no campo: a qualidade de vida.

A partir da década de 80, o modelo de desenvolvimento estruturado na modernização da agricultura passou a ser questionado, pois na medida em que se obtinham os efeitos positivos esperados (ganho de produtividade, crescimento admirável da produção mundial, avanços tecnológicos, etc), surgiram os efeitos negativos (desertificação, contaminação dos recursos

naturais, degradação ambiental, etc), esses condicionantes colocam em relevo o alto custo social e ambiental a serem pagos por este sistema (VIDAL, 2008).

De tal forma, está acontecendo uma mudança na mentalidade dos produtores familiares no que se refere ao processo de produção e sua relação com o meio ambiente. Já é sensível essa percepção no relacionamento com os alimentos naturais e no bem estar da família. A introdução dos agrotóxicos, primeiramente vista como um facilitador, para eliminar as pragas da lavoura, hoje é concebida como prejudicial à saúde. As maneiras de tratamento dos alimentos coloniais ganha cada vez mais espaço, não apenas no seio destas famílias, mas também configurando-se, como o *diferente*, o *exótico*, isso faz com que seja (re) descoberto um olhar para o *local*.

(...) assim eu nunca adoeci de ficar uma semana deitada, só que assim a mente trabalha quando tu trabalhas também, se eu fico sentada até acho que vou ficar com depressão e tem momentos que até ia chorar sem fazer nada. Às vezes adoecemos por que ninguém é de ferro mas, foram poucos dias assim e, a gente come as coisas tudo naturais, frutas, verduras, carne, ovos e o leite, isso faz parte da nossa vida, comendo muita coisa química a gente fica mais fácil doente, eu compro as coisas no mercado, mas muito pouco (agricultora, 68 anos, zona rural do município).

No tocante ao meio ambiente, as demonstrações também seguem esse sentido, a agressão constante realizada na natureza no decorrer dos anos trouxe malefícios que extrapolam o fator econômico, intervindo, também, na qualidade de vida dos mesmos. As mudanças climáticas e a ênfase nas constantes estiagens que ocorrem na região são retratadas pela alteração que ocasionam no cenário da paisagem

Que eu me lembro pelas histórias de meu pai em 1946 teve uma seca idêntica a essa ou pior ainda, porque pela contagem deles duraram oito meses e, não caiu uma gota d'água e neste ano deu umas garoas ainda, mas era diferente porque o ar era mais calmo, mais ameno e este ano não sei bem o motivo o calor era muito forte. Uns dizem que é o excesso de venenos, outros; que é o desmatamento, não sei se isso é verdadeiro, mas quando a gente tem mais matas, arbustos e árvores o ar é mais ameno, mais saudável então, antes também tinha estas secas só que o pessoal sobrevivia mais fácil (...) (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Há desse modo, uma preocupação em (re) viver essa espacialidade rural, que se encontra esquecida. Atualmente, os encontros de família e as festas são os momentos que congregam estes valores, mesmo que sejam eventos localizados, “Então a gente vive no interior com mais saúde e, quando os filhos vêm nos ver eles adoram levar coisas mais naturais, levam carne, feijão, frutas e, a comida do fogão a lenha que tem outro sabor, pão a gente faz no forno de barro”. (agricultora, 68 anos, zona rural do município). Essas afirmações são comuns entre os pais que possuem filhos nos grandes centros urbanos, nestes encontros é revivida a gastronomia típica que ainda marca essa população.

Para algumas famílias há a expectativa que os filhos retornem ao meio rural após atingirem os objetivos profissionais, pois a tranquilidade do campo não é encontrada em meio ao tumulto e insegurança da cidade.

Só que o filho ainda há de voltar, não tão cedo, mas, em pouco tempo ele há de voltar e dar continuidade porque ele disse: de que me adianta eu ter o dinheiro, se eu não vou ter a comida saudável, isso se deve pensar. Precisamos plantar primeiro para subsistência e, depois para os outros, porque na cidade não dá. Ele falou: aqui, o pai vende o quilo de carne a dois, três reais, lá eu pago doze reais para mais, eu ganho dinheiro, mas eu gasto todo esse dinheiro em alimentação e sempre naquele estado nervoso de assaltos, aquela barulheira que é a cidade. (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

## **5.2 A polonidade entre os jovens**

O que significa ser alemão, italiano ou polonês no Brasil? Talvez esta interrogativa seja demasiada complexa face à multiplicidade de relações que vivemos a todo o momento. Ser descendente de imigrante hoje, quiçá seja, ter uma matriz de atributos de sua cultura originária e conviver com representações múltiplas que se amalgamam conforme os objetivos que cada sujeito traça individual e coletivamente. Cuche (1999) já argumentava a importância das representações e dos contextos sociais para a construção da identidade, é no seio onde os atores vivem e articulam suas escolhas que se dá o constante processo de (re) construção, de tal forma, “(...) A construção da

identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas (Cuche, 1999, p. 181-183).

As múltiplas e distintas identidades que compõem o sujeito são interpeladas a partir de diferentes situações, instituições, agrupamentos sociais e contextos variados nas quais elas acontecem. Neste entendimento Louro compreende que

De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político [...] Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo “somando-as” ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes “posições” (LOURO, 1997, p. 51).

Assim, esse jovem descendente polonês que, também, narrou sua história para essa pesquisa, compõe-se enquanto sujeito, como que relacionado a uma teia de significações, sentimentos e desejos para o futuro, que se interpelam a todo instante. É no emaranhado dessas relações que sobressaem nuances de polonidade, porém de uma forma diferenciada às primeiras gerações. Paleczny (2004 apud IAROCHINSKI, 2010) nos auxilia nessa compreensão quando nos diz que, a análise da identidade étnica se dá ao longo de um processo histórico marcado por intensa assimilação. O autor divide sua análise entre a primeira, a segunda e as gerações subsequentes de poloneses-brasileiros. A primeira geração dominou a adaptação denominada direta, com relação à cidadania e a função social de moradia no país, alcançou também a etapa do bilinguismo, mas não o fez completamente nas duas culturas, ultrapassando assim, a fase de maior pico na assimilação estrutural. A segunda geração continuou envolta no universo dos dois idiomas e das duas culturas, esta fase esta relacionada com o mais importante tipo de identificação pautada ao grupo de polono-brasileiros. Nas gerações de netos e bisnetos, a identificação com a Polônia assume um papel secundário, ajudando e construindo de forma individual sua orientação de nacionalidade.

No entendimento de Sliwowska-Barth (2012, p. 87) “A identidade nacional da jovem geração dos polônios na América Latina é latina. A maioria dos jovens já não fala o polonês, e o ritmo da vida diária afasta-os da história e dos costumes do país dos seus antepassados.” A autora afirma também que, esta identidade é latina pelo fato de que pouco se comove se a referência é ou não um Papa polonês ou de que, os seus antepassados provêm desse país. Com isso

Não cabe discutir aqui quem é o culpado por tal situação, se são os pais ou os avós – que têm transmitido cada vez mais fragilmente o polonismo, ou se são os jovens – que, enraizados em seu mundo particular, não têm demonstrado interesse pelo país dos prêmios Nobel – da paz, da físico-química ou da literatura. Importa discutir aqui que tipo de valor é o polonismo e o que fazer para salvar esse valor no mundo de hoje, que se desenvolve tão rapidamente. (2012, p. 87).

Essas discussões suscitadas contribuem para pensar quem é este jovem e, de que forma o espírito de “ser polonês” pode atribuir algum valor simbólico no seu modo de ser e de viver. Vivendo ou não na comunidade estudada esta simbologia pode transcender para outros espaços geográficos.

Na minha turma de primeira série a gente era entre dezenove, destes apenas dois estão em Guarani e, destes dezenove somente três têm ensino superior completo. Então porque este êxodo? As oportunidades de trabalho na nossa região infelizmente são pequenas e os jovens que se formam têm oferta de emprego em outros estados também. (funcionário do poder municipal, 30 anos, zona urbana do município).

Nessa mesma perspectiva, outras tantas se somam ao objetivo: a busca de uma qualificação profissional. Se estes jovens saem para realizar o ensino superior, acabam não retornando para a região, uma vez que, não há oferta de empregos, conseqüentemente, deslocam-se para os grandes centros urbanos, “(...) eu curso psicologia na universidade em Santo Ângelo, depois desta formação eu tenho a pretensão de ir para uma capital continuar os estudos, quero ser PHD em psicologia (radialista e estudante, 22 anos, zona urbana do município). Aliado a esse desejo, a concretização de um curso no ensino superior é motivo de orgulho entre os pais, já que os mesmos não tiveram essa possibilidade “(...) naquela época quem sabia ler e escrever era uma grande

coisa, hoje em dia quem não tem pelo menos um curso técnico parece que é considerado um analfabeto.” (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Dessa forma, as questões que inquietam os jovens estão diretamente ligadas a sua formação, pois muitos deles não querem seguir a profissão desempenhada pelos pais “(...) penso que o estudo vale mais que ficar na colônia, ultimamente as coisas não estão dando, todo mundo tá optando pela cidade, pelo estudo, acho que estudar é melhor, que é a coisa mais correta, quero fazer uma faculdade”. (estudante, 13 anos, zona rural do município). Levando em conta tais afirmações, as referências polonesas ficam em segundo plano. Exalta-se a identidade polaca principalmente quando se parte para outro território e, o sentimento de topofilia, de apego ao lugar então é manifestado. Seguindo um modelo explicativo, se reconhece descendente de polônês quando o outro é italiano, se considera gaúcho quando o outro é catarinense e, brasileiro quando o diferente é argentino. Estas ‘escalas’ que identificam as representações dos indivíduos são visíveis quando se busca uma referência no novo território, elas podem ser consideradas como estratégias de inserção social e recomposição da identidade cultural. Os migrantes jovens continuam a ser descendentes de poloneses, mas são nestes pequenos detalhes que a identidade é revelada.

Então, símbolos que recordam sua cultura entrelaçam-se a outros incorporados ao seu cotidiano, aliada à cultura gaúcha o chimarrão é um exemplo ilustrativo desta mescla cultural. Os símbolos congregam-se, inter-relacionando os códigos da cultura gaúcha com elementos da cultura polonesa, o artesanato típico é um exemplo que destacamos (FIGURA 19).



Figura 19: Atributos da cultura polonesa e gaúcha no seio das famílias.  
Org.: SLODKOWSKI. A.C.; 2013.

Na interação dos elementos culturais não é necessário questionar a 'originalidade' em relação à tradição, o que é polonês ou gaúcho, mas sim, de buscar compreender o sentido que adquirem para uma população que migrou e que, no novo contexto fazem emergir símbolos ressignificados (MARTINS, 2009).

Entre os processos de assimilação cultural, existe, também, uma preocupação da juventude sobre o futuro de sua cultura, essa mentalidade é expressa por algumas interrogativas: *Essa cultura vai morrer? O que vai acontecer? Alguém vai incentivar? Algum jovem que goste da cultura?* Por fim, fica a reflexão da jovem descendente "A cultura polonesa depois de tanto tempo né, parece que parou, mas quem sabe num futuro próximo as pessoas se interessem mais, isso requer sabedoria. (radialista e estudante, 22 anos, zona urbana do município).

### 5.3 Ações para a continuidade da cultura polonesa

Sliwowska-Barth (2012) enfatiza alguns exemplos de marcos poloneses nas paisagens referenciando-os como sucessos da atividade polônica, entre eles cita: no Uruguai, houve o descerramento, na catedral de Montevideú, de um monumento do nosso papa João Paulo II e, em Punta del Este a inauguração da Praça da República da Polônia. Na Argentina, foi instituído o Dia do Imigrante Polonês. Atua ali a União dos Poloneses em Buenos Aires e, em Oberá desenvolve-se o escotismo polonês, promovido pelo Centro da Juventude Polonesa, funciona também a Biblioteca Inácio Domeyko, que conta com mais de 20 mil livros poloneses e na qual se realizam aulas de língua polonesa e serões literários. E em Guarani das Missões? Quais atividades são desenvolvidas com a finalidade de (re) viver a cultura polonesa?

Segundo depoimento, um caminho de dúvidas cerca os atores em relação a sua cultura

Eu tenho minha dúvida se nossa cidade é a Capital Polonesa dos Gaúchos, por que a polonidade, o polonês em Guarani está ficando escasso, desde a minha comunidade que tem o santuário de Nossa Senhora de Czestochowa que deveria ser cultivado a religião, não é tanto assim, muito pouco se fala em polonês, muito pouco se cultiva o polonês, como em todo o município (agricultor, 63 anos, zona rural do município).

Contudo, há espaços e marcos culturais que foram construídos na comunidade e precisam ser fortificados, uma vez que, os mesmos fazem parte de sua história e identificam o lugar. Assim, passamos a destacar alguns ícones expressos na paisagem e as iniciativas que são realizadas em prol da cultura polonesa. Tendo a máxima expressão nas figuras da Estátua do Papa e do Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa, que já foram sinalizados neste trabalho, investigou-se, também, que outras atividades são desempenhadas para manter este vínculo com a cultura (APÊNDICE C).

Fazendo respaldo ao trabalho realizado pela BRASPOL, tem-se que, de acordo com o seu estatuto (1992 apud MARMILICZ, 1996, p.104) seus objetivos abarcam "(...) tornar melhor conhecida a história de Guarani das Missões, tal como é, sem necessidades artificiais, surgiu a BRASPOL-GM,

filiada à representação Central da Comunidade Brasileira Polonesa no Brasil, de Curitiba-Paraná”.

A BRASPOL foi fundada no dia 4 de junho de 1991, sendo que a primeira diretoria foi empossada no mesmo ano em solenidade que contou com a presença do Bispo de Roma, Dom Szczepam Wesoly. Essa foi construída no ano de 1995, para a realização da 2ª Feira Agropecuária, Comercial e Industrial Regional (2ª FACIR), junto ao Parque de Eventos Clemente Vicente Binkowski. A construção recebeu reformas e melhoramentos e, no dia 24 de agosto de 2001 a sede foi reinaugurada destacando o estilo arquitetônico polonês. Durante todo o ano a sede da BRASPOL (FIGURA 20) oferece jantares e almoços típicos, além da bênção dos alimentos na véspera da Páscoa (Swieconka) e, no Natal, é abençoado o Pão Ázimo (optatek), este pão se configura em uma hóstia não consagrada, que durante a celebração natalina no seio da família, é repartida e distribuída para cada integrante, representando na tradição a união e a solidariedade (MAGROSKI, A. F., 2013).



Figura 20: Sede da Braspol em Guarani das Missões/RS.  
Fonte: SLODKOWSKI, A. C., 2010.

A construção da sede própria envolveu também o trabalho coletivo da comunidade

No início tinha BRASPOL em Guarani, mas não tinha Sede, quando nós começamos não tinha nada, cada uma tinha que levar prato, talheres porque nós fazíamos os pierogui, os pastéis de requeijão, eu fazia as encomendas, tipo no sábado vai ter pierogui, daí a gente fazia as encomendas e, cada uma levava uma coisa para fazer os pastéis: ovos, farinha etc. (...) daí a Dr<sup>a</sup>. Janina tinha dado um fogão para nós, enquanto umas iam fazendo, as outras iam distribuindo as encomendas. Assim, a gente foi arrecadando um dinheirinho para construir a Sede da BRASPOL (funcionária pública, 53 anos, zona urbana do município).

Junto ao Parque de Eventos destaca-se outro marco cultural, a Casa Polonesa (FIGURA 21). Ela retrata a arquitetura típica, sendo lugar de visitaçãõ aos turistas. Tem a função de ser a Sede Social do Grupo Folclórico Águia Branca, a qual abriga os diferentes trajes típicos do grupo. Outra manifestação condiz com a valorização do patrimônio cultural através do estilo arquitetônico das residências. A Prefeitura Municipal, através de lei municipal, isenta de impostos os habitantes que construírem ou reformarem suas casas em estilo polonês. Ressalta-se que, as casas neste estilo diferenciam-se das originais encontradas na Polônia, geralmente em formato enxaimel por causa da neve, no Brasil devido às condições climáticas mais favoráveis as mesmas possuem um estilo diferenciado. Destacam-se como características destas casas, os detalhes em madeira, que despertam a atenção pelo seu recorte minucioso.

A Prefeitura Municipal também está entre as edificações em estilo arquitetônico típico. Na entrada da cidade foi construído o Pórtico do Imigrante, em homenagem a todos aqueles que nesse município se estabeleceram e criaram as bases da sociedade local (FIGURA 22).



Figura 21: Casa Polonesa, Guarani das Missões/RS.  
Fonte: SLODKOWSKI, A. C, 2013.



Figura 22: Pórtico em homenagem ao imigrante, Guarani das Missões/RS.  
Fonte: MARCZEWSKI. M.  
Org.: SLODKOWSKI, A. C, 2013.

Dentre as manifestações artísticas enfatiza-se a presença do Grupo Folclórico Águia Branca (FIGURAS 23 e 24). Fundado pelo Padre Zenon Gonsorowski, com o objetivo de resgatar a cultura polonesa através da dança e da música. O grupo teve origem na Linha Bom Jardim, interior do município e,

em 1979, com a criação da Sociedade Cultural Guaraniense, a mesma passou a ser a sua entidade mantenedora. São realizadas diversas apresentações, tanto nas festividades do município, como também em nível nacional e internacional. Conta com mais de 300 trajes típicos, sendo a maioria provinda da Polônia. Estes, atualmente, permanecem guardados na Casa Polonesa. Segundo depoimento do presidente que coordena o grupo tem-se que

O nosso grupo folclórico Águia Branca tem mais de quarenta anos de trabalho. Hoje o grupo tem em torno de trinta bailarinos entre quatorze e vinte e seis anos. A gente tem um trabalho muito técnico, muito exato de resgate de cultura, da dança onde a gente trabalha muito a questão dos valores das pessoas, a primeira coisa que a gente considera são os valores humanos, a boa convivência, você saber viver em comunidade, isso dá bons resultados (...) a gente tem uma sequência de apresentações muito boa, na última semana nós estivemos em Campina das Missões, agora estaremos em Bossoroca e, final do mês apresentação em Guarani na Romaria, dia 15 de setembro vamos estar na Argentina na festa do Imigrante, então são trabalhos gratificantes (funcionário do poder municipal, 30 anos, zona urbana do município).



Figura 23: Grupo Folclórico Águia Branca.

Fonte: MARCZEWSKI. M.

Org.: SLODKOWSKI, A. C, 2013.



Figura 24: Grupo Folclórico Águia Branca.  
Fonte: MARCZEWSKI. M.  
Org.: SLODKOWSKI, A. C, 2013.

Há, também, no município a Casa do Artesão que desenvolve inúmeros trabalhos voltados à valorização da cultura polonesa, como a pintura de ovos de páscoa, artesanato típico, com bonecos decorados retratando o vestuário, o folclore polonês e pratos em madeira com gravuras alusivas ao município e a símbolos poloneses. Estes ícones também foram visualizados nas residências visitadas (FIGURAS 25 e 26). Outro marco é a casa da Cultura Helena Carolina que foi doada à comunidade pelos descendentes Helena e Boleslau Polanczyk e Carolina Kluczinski, como incentivo a Educação e Cultura.

Tais marcadores culturais constituem uma referência de afirmação para esses atores e, de valoração face ao outro. Juntamente a territorialidade vivida, que enfatiza “(...) o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, da rua, do bairro (...)” (Saquet, 2011, p. 87), estes personagens mantêm um vínculo com sua cultura, que de maneiras e intensidades diferenciadas caracterizam este espaço, (re) configurando-o entre um passado nostálgico e um presente complexo de relações.



Figura 25: Artesanato típico presente na residência da informante.  
Fonte: SLODKOWSKI, A. C, 2012.



Figura 26: Ovos de Páscoa, artesanato típico presente na residência da informante.  
Fonte: SLODKOWSKI, A. C, 2012.

#### 5.4 O desejo de conhecer suas origens: a Polônia hoje

“Os meus avós que vieram da Polônia, eu me lembro das histórias que eles contavam, ele tava na guerra, não lembro muito bem né, eu lembro que ele era da cavalaria e, ele era bem possante, grande né lutavam com as

espadas.” (professor, 62 anos, zona urbana do município). Estes retratos da Polônia ainda estão gravados na memória de algumas pessoas, mas hoje, não se quer mais lembrar das guerras, da tristeza de uma Polônia sofrida e, sim dos aspectos positivos que ajudaram a reconstruir o país.

O desejo de conhecer o que hoje é a Polônia, desmistificando as representações construídas ao longo da história, desperta o interesse de regressar ao território mãe. Alguns moradores da comunidade que tiveram essa possibilidade, seja, por meio de intercâmbios, ou na busca de reencontrar familiares, retratam essa experiência com alegria e com desejo de repetir a trajetória.

(...) assim, meu irmão mais velho tinha falecido e, o meu outro irmão André tinha prometido que ia levar ele para a Polônia e, aí depois que ele faleceu, eu adoeci e, então ele disse: já que não dei a oportunidade para o meu irmão mais velho ir, vou dar para a irmã. Pra mim! E por isso que eu fui pra lá (...) eu fiquei 15 dias, gostei muito, muito de lá (...) mas um dia ainda penso de retornar pra Polônia. (agricultora e ministra da eucaristia, 65 anos, zona rural do município).

Sendo o Papa João Paulo II uma figura de consagração na comunidade, entre as narrativas colhidas tive a oportunidade de ouvir com emoção a história do encontro da moradora com a Santidade, feliz por ter alcançado este ensejo, mostra a fotografia que marca o momento especial (FIGURA 27). Analisando sua descrição, os laços que se ligam ao passado fazem referência aos dois códigos culturais de afirmação da identidade polonesa: a religiosidade e a língua polonesa.

Tive a graça de receber a Santa Comunhão na Basílica São Pedro das mãos do Papa e depois ainda tive a graça (...) me ajeitaram lá (...) fui ao encontro do papa com três grupos poloneses, o Bispo que era chefe de lá me deixou no corredor para ver o papa passar de perto, mas jamais imaginei que ia falar com o Papa, quando ele ia passando o Bispo disse: essa aqui é uma missionária brasileira. E o Papa continuou a caminhada, mas eu espontaneamente falei em polonês: querido Papa é uma brasileira que sabe e gosta de falar polonês e, o Papa deu meia volta e veio falar comigo (...) Me segurou na mão e perguntou: minha filha onde você trabalha? Eu disse: lá no fim do Rio Grande do Sul perto da Argentina (...) (irmã do Sagrado Coração de Maria, 78 anos, zona rural do município).



Figura 27: Encontro da moradora do município com o Papa polonês.  
Org.: SLODKOWSKI, A. C, 2013.

A comunicação entre as pessoas idosas que viajam para a Polônia é facilitada pelo hábito cultuado de falar a língua no seio familiar, já para as outras pessoas esse diálogo encontra barreiras. Nesse sentido, alguns intercâmbios são realizados com o apoio da BRASPOL com a finalidade de aprimorar a língua e, também buscar materiais educativos para as aulas realizadas junto à rede municipal de ensino.

Eu fui em setembro do ano passado na Polônia, ficamos lá 15 dias, a gente foi lá para estudar, aprender um pouco mais da língua, aprender a escrever e ler melhor, a gente sabe, mas na gramática não tanto e a gente aprendeu bastante toda a turma que foi, tinha dois mais novos que sabiam pouca coisa quando saíram do curso tinha aprendido bastante. Essa viagem foi por intermédio da BRASPOL, nós tivemos aula na universidade uma semana e, também visitamos os pontos turísticos, conhecemos Varsóvia, a cidade onde o Papa nasceu e viveu e a casa do Papa também. (funcionária pública, 53 anos, zona urbana do município).

Dessa forma, essas manifestações de polonidade buscam (re) animar o sentido da cultura no seio do município. Supostamente enfraquecida, a cultura polonesa resiste em meio aos processos complexos da globalização. Envoltas, durante muito tempo por estereótipos negativos, as referências sobre esses atores tratam, especialmente, da disposição para o trabalho e do pioneirismo. No entanto, foi analisando seu discurso identitário que nos permitiu visualizar

os anseios dessa comunidade, suas preocupações, dificuldades e projetos para um futuro. Pode-se dizer assim, que esses descendentes de poloneses, não estão isolados e atrasados, mas sim, participam dos processos atuais e conseguem compreender como a cultura é de suma importância em suas vidas, guiando suas concepções e planejando as formas de organizar o seu espaço local e regional.

## REFLEXÕES FINAIS

Buscamos através desta dissertação, compreender o universo que cerca os atores sociais do município de Guarani das Missões, sob seus horizontes étnicos de descendência polonesa. Para tal propósito, consideramos a identidade, nosso conceito basilar, permeando diferentes temporalidades e espacialidades, expressando suas mudanças, permanências e continuidades, na busca de uma identificação para este grupo.

Iniciemos nosso estudo, caracterizando a área de estudo, sua origem e afirmação enquanto “Capital Polonesa dos Gaúchos”. Ponderamos também, sobre os aspectos políticos e econômicos a que o município se situa e, damos ênfase à evolução de sua população. Nessa feição, foi possível identificar as mudanças na estrutura das famílias, com a diminuição crescente dos filhos, o êxodo rural e o envelhecimento da população, tais fatores também se mostraram significativos nas narrativas visualizadas em nossas saídas de campo.

No terceiro capítulo, procuramos aliar os métodos de pesquisa a fim de realizar uma cartografia do tempo e do espaço, através do estudo das memórias vivas. Foi diante deste suporte metodológico que analisamos as conjugações de identidades que cercam estes sujeitos. Construimos no contato com a comunidade uma rede socioespacial de informantes, priorizando por um tecido social que abrange-se diferentes estratificações sociais, territoriais e instituições públicas e religiosas. Houve também, uma valorização quanto às memórias das pessoas idosas, apoiando-nos nesse sentido, nas contribuições de Bossi (1994), para a qual, é no seio dessas histórias que encontramos narrativas sociais bem desenvolvidas, que tramam diferentes relações, considerando sua maior vivência na comunidade. Estes informantes foram de suma importância para compreendermos as feições que marcaram a comunidade em um passado, as continuidades que estão no presente e, os anseios e preocupações quanto ao futuro. Para a interpretação das narrativas propomos uma aproximação junto à análise de conteúdo.

Constituído o alicerce da pesquisa, dividimos nossas reflexões sobre os frutos colhidos em campo em duas partes, num primeiro momento, buscamos

analisar como era esse espaço com o uso de técnicas tradicionais, a construção das propriedades, a organização das festas e a vivência com os costumes poloneses. Notamos que, as modificações nesse meio com a introdução de novas formas de se trabalhar com o território, que envolve suas faces sociais, políticas, econômicas e culturais, conduz a um clima de insegurança para estes atores. Observamos também, que antes de tudo, sobressai-se sua condição enquanto categoria profissional seja ele o antigo camponês, hoje considerado pequeno agricultor rural, seja ele urbano, empregado em outras funções. Ancorado nessa qualidade, o uso de valores que enfatizam o ‘trabalho empreendedor do imigrante e sua fé’ condiz com um sentimento de orgulho entre as famílias. Baseamo-nos nas contribuições de teóricos como Claval (1999), Rosendahl (2005), Serferth (2000), Henriques (2003) para decodificar a presença dos símbolos concretos e simbólicos que fazem parte desta comunidade.

No segundo momento, almejamos interpretar esse espaço sob a ótica da transformação e, do sentido que hoje se configura uma identidade polonesa híbrida. Optamos pelo uso da expressão de ‘colono’ a ‘agricultor’, a fim de mostrar as mudanças na agricultura praticada no município, com a inserção no modelo econômico vigente, o uso de instrumentos que detêm maior potencial de tecnologia agregado, a inserção da transgenia e, como tais condicionantes influenciam o modo de pensar e planejar sua lavoura. Em contraponto, visualizamos também, um resgate pelos costumes tradicionais, pois os mesmos representam qualidade de vida.

Em face desta discussão podemos tecer algumas reflexões e questionamentos que não esgotam o tema. Em primeiro lugar, damos proeminência à voz destes sujeitos que constituíram a pesquisa. Foram segundo suas histórias de vida que buscamos aqui, elaborar um trabalho na tentativa de delinear o perfil destes atores. Polaco/polonês, colono/pequeno agricultor, católico/não católico, rural/urbano foram as conceituações que se destacaram durante as conversas realizadas. Essas atribuições nos ajudaram a compreender o universo que cerca estes sujeitos e, quais são os seus anseios e apreensões.

Identificamos também que, a narrativa cultural de um povo, encontra-se além das suas ações concretas, na sua história, na literatura, na comida, nos

símbolos, ritos entre outros, que compõem o sentido e um meio de identificação. Esta força do imaginário situa e dignifica o sujeito e o grupo, explanando a bravura de seus antepassados, unindo sua trajetória, derrotas e vitórias, como uma forma de posicionar-se em relação aos outros.

Nesse mesmo sentido, observamos a necessidade da utilização dos discursos identitários para a busca de estratégias políticas e, como uma estrutura de alicerce para o seguimento da cultura polonesa entre as gerações, uma vez que, a pluralidade cultural característica do Brasil miscigena e põe em confronto diferentes concepções de vida. É sobre este composto híbrido que discorreremos durante a pesquisa.

A cultura é assim, um espaço sempre submerso em modificações, contrapondo-se às negociações e a criação de novos padrões. Este processo tenso é assinalado por articulações entre as influências culturais internas/externas, sejam elas novas ou pautadas nas tradições e, consideradas como 'autênticas'. Desta forma, estes descendentes de imigrantes, considerando num primeiro momento, as pessoas idosas e suas memórias significativas, arquitetaram a organização de um espaço mesclando os seus saberes e combinando-os com ensinamentos de outras culturas circunvizinhas, ou que, as novas gerações foram se apropriando.

Essa memória discursiva nos auxiliou a delimitar os espaços simbólicos presentes na área de estudo, destacando aqui os "territórios-santuários" e, também as coisas de *polaco*, ou seja, seus elementos culturais. Damos ênfase aos ícones da paisagem que foram ilustrados nas narrativas, em primeiro lugar referenciando sua religiosidade, ligada às imagens do Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa e o Papa João Paulo II e, num segundo momento as entidades que promovem eventos culturais no município. Também destacamos os costumes e tradições que as famílias realizavam durante suas festas, durante a colheita e, em participação com a comunidade.

Porém, essa interpelação e reconhecimento de pertencer a uma etnia, de sentir-se um sujeito polonês-brasileiro, já não é mais significativa entre as novas gerações. Para refletirmos sobre essa transição, foi considerada a sua inserção para um processo global, que não prioriza a solidez das relações sociais, os marcos simbólicos e o seu vínculo com o passado. De tal modo, a entrada nesta nova atmosfera não traduz apenas uma transformação nos

valores de uso da terra, mas, contudo, um processo mais complexo que penetra nas dimensões simbólicas da vida.

Essa dinâmica passa então, a impor um novo ritmo de vida a estas pessoas. O colono, profissão a que era destinado o imigrante, hoje dinamiza e incorpora conhecimentos científicos e tecnológicos a sua propriedade. O meio rural já não é mais considerado um local de atraso. Porém, o modo desigual que a globalização confere aos diferentes espaços e atores, acaba por deixar um rastro de inseguranças, que ainda precisa ser discutido, aceitado, incorporado. E, o seu 'refúgio' muitas vezes é encontrado na cultura mãe, com suas bases e concepções guiadoras. Nesse sentido, corrobora o posicionamento de Rocha (2004, p. 137), quando no diz que, em uma sociedade tradicional as instituições já dão como respondidas as questões fundamentais da existência humana "(...) o que é amar e trabalhar, o que é uma família; em que se deve acreditar, por que motivos se deve morrer; por que e para que se vive (...), já a sociedade de consumo não tem uma resposta, mas sim, muitas". Esta falta de referência, de desapegos quanto aos valores, pode ser visualizada nas expressões dos sujeitos, na diminuição da vida comunitária, no relacionamento com os vizinhos e, na prioridade máxima conferida ao dinheiro. Ainda segundo a autora, temos hoje um sujeito livre e soberano, inventor de si mesmo, de sua própria bibliografia e, por isso ele não sabe mais quem é, ou seja, ele sabe dizer o que não é, pois sua identidade está por vir, sempre sendo (re) inventada.

Por isso, indagar a um jovem qual seu sentimento em relação a uma cultura seja demasiado complexo. Este jovem é descendente de imigrante, é gaúcho, é brasileiro, sonha ser alguém na vida. Dessa maneira, a identificação com a cultura polonesa assume um segundo plano, uma vez que, o ritmo de vida a que estão inseridos acelera os contatos com outros ambientes e outras culturas. A saída do município para cursar uma faculdade e, a conseqüente busca de empregos faz o mesmo retornar a sua cultura mãe quando são realizados os encontros de família e as tradicionais festas do município. Nesses espaços são revividos, ainda que de uma forma 'diferente', seus laços culturais.

Acredita-se assim, que a cultura polonesa, que se mostrou enfraquecida na comunidade, está em um momento de transição em que, as novas gerações

cedem cada vez mais seu tempo às preocupadas profissionais. E, o atual camponês também se encontra num transitar de idéias que antes não lhes eram familiares. Contudo, essas transformações não destroem por completo o sentimento de uma referência polonesa, não há uma descaracterização de seus símbolos, que contabilizam anos de existência. Há sim, um entrelace no tecido social, trocas são realizadas, saberes, costumes, vivências são divididas entre diferentes atores sociais. A comunidade não é mais fechada e o encontro é festejado, as festas, como já enfatizamos, são o apogeu deste panorama, uma congregação maior onde não só descendentes de poloneses se encontram, mas também italianos, alemães, entre outros.

Temos expressões de identidades sociais abertas e múltiplas e, novas experiências convivendo com antigas estruturas sociais, políticas e culturais. Essa totalidade sempre inacabada, complexa e instigante é que despertou uma investigação geográfica deste cunho. Nesse enlace, realçamos o rico pensamento de Moreira (2005, p. 17) para de uma forma simplória compreender o que a polonidade representa hoje, assim “(...) uma identidade social carrega tudo aquilo que foi, criou e se tornou, bem como tudo aquilo que incorporou da sociedade, consciente ou inconscientemente”.

Queremos destacar também que, segundo a análise das narrativas e nossa vivência em campo não é possível afirmar quais os espaços exprimem uma relação mais forte com a cultura. A interação e proximidade do campo com a cidade no município possibilitam trocas e encontros constantes que, mesclam os artefatos e vivências culturais. O urbano está no campo e o campo está no urbano, assim como, a polonidade como um todo envolve estes lugares, seja em pequenos costumes praticados no do dia-a-dia destes sujeitos, seja em momentos especiais, festivos, etc.

Neste conjunto de reflexões a que este trabalho está envolto, afirmamos no momento, que ser “polonês” na atualidade exprime; um lado ‘exótico’, diferente, em face dos seus costumes peculiares que ainda existem e, por outro lado; revela um sujeito comum, sonhador, que acompanha ou tenta acompanhar o ritmo de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que, vai mesclando suas memórias aos discursos e valores presentes no território. Interpretar essa dinâmica sob outros aportes teóricos, ou interlocutores e espaços, talvez seja, um desafio para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC/UNICAMP, 1992.

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese (Doutorado Antropologia Social), Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ANDERSON, W. A.; PARKER, F. B. **Uma introdução à Sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

ARAUJO FILHO, L. **A dicotomia cultural do imigrante e a polonidade anunciada**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BANTON, M. **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho Guareschi- 6.Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARTH, F. A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas. In: LASK, T. (Org.). **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. (p.107-139).

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7-18, 2008.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

BORSTEL, C. N. V. O conflito étnico/cultural e interlingüístico de descendentes de poloneses. **Espéculo**: Revista de Estudos Literários. Madrid, n. 31, 2005.

Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

BOSSÉ, M. L. As Questões de Identidade em Geografia Cultural: algumas concepções contemporâneas. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. Tradução: Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. Ed. São Paulo, 1998.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, M. C. **Antropologia do Brasil**: mito história etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. "O território na transição da pós-modernidade", In: **Geographia**, vol 1, nº2, 1999, P. 7-26.

DARDEL, E. O Homem e a Terra. Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1990].

DAVATZ, T. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo. Edusp, 1980.

DI MEO, G. **La géographie en Fêtes**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

DURKHEIM; E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DMOWSKI, R. Z Parany. Varsóvia: Editora Interpress, 1982. In.: PALEZNY, Tadeusz. **Núcleos Polônicos no Brasil: reservas de monoetnicidade ou enclaves de multiculturalismo?**

DOUSTDAR, N. M. **A imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito**. 1990. 169f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.

ELY, B. O colono “sojicultor”. Folha da Produção, Cerro Largo, p. 16, 4 abr. 1974. In: NIEDERLE, P. A. **Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões/RS**. 2007, 219f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura: globalização, pós modernismo e identidade**. Tradução: Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_municipios\\_detalhe.php?municipio=Guarani+das+Miss%F5e](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Guarani+das+Miss%F5e)>. Acesso em: 20 de nov. 2012.

FOETSCH, A. A. **Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet – PR**. 2006. 96 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3ª Edição. Brasília: Líber Livros Editora, 2008.

FREITAS, H.; JANISSEK, R. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos**. Porto Alegre: Sphinx, Editora Sagra Luzzatto, 2000.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCSÓ, I; KANTOR, I (Orgs.). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GODOY, C. A. T., PÉREZ, F. I. C., WIZNIEWSKY, J. G. et al. **Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural**: A realidade do município de Santa Rosa/RS. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/714.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialidade**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio Janeiro: Access, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução: Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996.

HEIDRICH, A. L. Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. v. 1. 211 p.

HENRIQUES, I. C. **Território e identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola colonial. Lisboa, 2003. Disponível em: <[http://www.africafederation.net/DESMANTELAMENTO\\_AFRICANO.pdf](http://www.africafederation.net/DESMANTELAMENTO_AFRICANO.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2012.

IAROCHINSKI, U. **A saga dos Polacos**: A Polônia e seus Imigrantes no Brasil. Curitiba, 2000.

\_\_\_\_\_. **Polaco**: identidade cultural do brasileiro descendente de imigrantes da Polônia. Edição do autor. Curitiba: 2010.

\_\_\_\_\_. Porque Polaco! Disponível em: <[www.poloniapoa.org/artigos/porque\\_polaco.pdf](http://www.poloniapoa.org/artigos/porque_polaco.pdf)>. Acesso em: 15 de jan de 2012.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~iphan/upload/downloads/file934.pdf>>. Acesso em: 20 março 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Séries Estatísticas. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/s>>

eries.aspx?no=1&op= 0&vcodigo=PA01&t=lavoura-temporaria-area- plantada>. Acesso em: 20 jan. 2013.

ISNARD, H. **O espaço geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

JOHNSON, A. **Dicionário de Sociologia** – Guia Prático de Linguagem Sociológica, Rio de Janeiro, 1997.

KALACHE. A., VERAS, R. P., RAMOS, L.R., Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. In: **Saúde Pública**, vol.21 n.3, São Paulo, 1987.

KANAAN, B. R. **Imigrações contemporâneas e italianidade**: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS. 2008, 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

KATRIB, C.M.I. Espaços Desvelados: A Dinamicidade dos Festejos do Rosário em Catalão, GO. In: **Espaço e Cultura**, n.21, 2006.

KHOURY, Y. A. “Narrativas orais na investigação da História Social”. In: **Projeto História**, PUC-SP, São Paulo, nº 22, p. 84, 2001.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho Guareschi- 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARMILICZ, P. T. **A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais**. Ijuí: Policromia, 1996.

MARTINS. P. Manifestações expressivas de cabo-verdianos em Lisboa: identidade e estética. In: **Territórios e sociabilidade**: Temas e práticas interdisciplinares. Org.: MARTINS. P. 2009, Florianópolis.

MOREIRA, R. J. (Org.); CARNEIRO, M. J. et al. **Identidades Sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NIEDERLE, P. A. **Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões/RS.** 2007, 219f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NOGUÉ I FANT, J.; RUFÍ, J. V. **Geopolítica identidade e globalização.** São Paulo: Annablume, 2006.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, n° 10, 1993.

OLIVEIRA, M. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 22, n 43: 2009, p. 218-237.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

PAWLOWSKI, W. F. A difícil trajetória do imigrante polonês no Rio Grande do Sul. . **Revista de estudos polono-brasileiras Projeções,** Ano IV- 2/2002.

PIERRE, N. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC SP.** Volume 10, dezembro de 1993.

PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença.* São Paulo: USP, 1999.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro Volume 2. n. 03, 1989, p.3-13.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

POLONESES NO PARANÁ – Raro filme de 1953, Filmado em Santa Cândida Paraná, diretor Hermes Gonçalves. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3-c1jw2TaZ0>. Acesso em: 20 de Nov. de 2011.

POLONESES NO PARANÁ - 2011 (segunda parte) programa da RPC TV julho 2011. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=0DWRXMnL\\_tfo&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=0DWRXMnL_tfo&feature=related). Acesso em: 15 de fev. de 2012.

PLANQUE-KRIEG, A. A palavra *etnia*: nomear o outro – origem e funcionamento do termo *etnia* no universo discursivo Francês. In: **Revista Línguas e Instrumentos linguísticos**. Tradução: Marcos Aurélio Barbai. Nº 22, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARANI DAS MISSÕES. Disponível em: <<http://www.guaranidasmissoes.rs.cnm.org.br/portal1/intro.asp?ildMun=100143176>>. Acesso em: 7 nov. 2012.

RACOSKI, P. R. S. **O silêncio discursivo da imigração polonesa no Rio Grande do Sul**. 2006. 48f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais Bacharelado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

RAMOS, J. de S. O poder de domar do fraco: construção de autoridade pública e técnicas de poder tutelar nas políticas de imigração e colonização do serviço de povoamento do solo nacional do Brasil. In: **Horizontes Antropológicos** n.19. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2003. (p.15-48).

RELPH, E.C. As bases fenomenológicas da Geografia. In: **Geografia**, p.1-25, 1979.

RENK, V. E. **Aprendi a falar português na escola!** O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná. 2009. 243f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ROCHA, S. P. V. Homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. In: **Contemporânea**, n. 3, p. 136-144, 2004.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades, (Org.) Daniel Lins. Campinas: Papiurus, 1997; pp.19-24.

ROSENDAHL, Z. **Território e territorialidade**: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, R. J. ; KINN, M. G. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. In: **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 26, p. 58-71, jul./dez. de 2009.

SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume: 2003.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 1. Ed. São Paulo: Expressão popular 2007.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 1 ed. São Paulo: Expressões, 2011.

\_\_\_\_\_. Colonização italiana e agricultura familiar. Porto Alegre: EST, 2002.

\_\_\_\_\_. Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: EST, 2003.

SEAMON, N. D. **A geography of the lifeworld: movement, rest, and encounter**. New York: St. Martin's Press, 1979.

SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do do racismo na política de imigração e colonização. In: SANTOS, R. V.; MAIO, M. C. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

\_\_\_\_\_. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In: **Mana**, vol.3 n.1 Rio de Janeiro, Abr. 1997

\_\_\_\_\_. **Imigração e etnicidade: a mulher imigrante e a simbólica da identidade de grupo**. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, v. 1, 2006, UFSC/UEDESC: Florianópolis

\_\_\_\_\_. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.6, n.14, 2000.

SILVA; T. T. da (Org.); Stuart Hall; Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 8.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

SIUDA-AMBROZIAK, R. Mudanças na religiosidade e costumes religiosos dos descendentes dos poloneses em Áurea. In: **Polonicus** - Revista de reflexão Brasil-Polônia, Curitiba, ano 3, n. 6, 2012.

SCHILLING, I. C. Os traços da identidade cultural polonesa nas práticas educacionais da escola Casemiro Stachurski. In: **Linguagem e sociedade**. Criciúma, Santa Catarina.

SCHNEIDER. S., OLIVEIRA, D., SILVA, M. K. A conquista da autonomia através dos mercados: como pequenos agricultores mudaram sua forma de produzir e comercializar a produção em Ipê/RS. In: **Antropolítica**, Niterói, n. 28, p. 249-282, 2010.

SMOLANA, K. **Sobre a gênese do estereótipo do Polonês na América Latina** (caso brasileiro). Tradução: Almir Gonçalves, Estudios Latino americanos 5 (1979), pp. 69-80.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUSC, 2004.

VIDAL, L. R. **Dinâmica das espacialidades rurais em territórios coloniais**. 2008, 199f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

WALACHAI. Documentário disponível em: <<http://www.curtadoc.t v/curta /index.php?id= 369>>. Acesso em: 15 de fev. de 2012.

WACHOWICZ, R. C. **Abranches**: paróquia da imigração polonesa. Um estudo de História demográfica. 1974. 106f. . Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

WENCZENOVICZ, T. J. **Montanhas que furam as nuvens: Imigração Polonesa em Áurea-RS-(1910-1945)**. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2002.

## APÊNDICE A

01 mai 10:53

### **Dia de celebrar a beatificação do Papa João Paulo II (Clic RBS)**



No município de Guarani das Missões, cidade onde 85% da população é de origem polonesa, a beatificação de Karol Wojtyła foi comemorada com missa e procissão. Entre os cerca de 8 mil moradores está Maria Warpechowski Lacerda, 75 anos, devota fervorosa do papa João Paulo II, que atribui a ele a vitalidade que possui, apesar da idade.

Na casa da católica, assim como ocorreu na Páscoa – quando os quatro filhos e seis netos rezaram pelo polonês que liderou a Igreja Católica por mais de 26 anos –, hoje a oração será para agradecer pela beatificação do pontífice.

– Amo João Paulo II, a fé dele sempre me fez crer cada vez mais em Deus. Sempre rezo pelo papa e acredito que tenho saúde porque ele intercede por mim – diz Maria, que participou da missa e procissão na paróquia Santa Tereza D' Ávila, que celebrou a confirmação do título de beato.

Em 2005, ela se reuniu todos os dias com outros moradores na praça que leva o nome do sucessor do apóstolo Pedro para pedir a beatificação do papa. Após a morte de João Paulo II, Maria intensificou as orações para que a trajetória de fé dele fosse difundida.

– Conheci o papa em Curitiba no ano de 1980, e na Polônia em 2004, época que tive certeza de que ele era um santo em vida – lembra Maria, enquanto se prepara para rezar mais um terço, em frente ao quadro de João Paulo II, junto ao oratório particular.

Por wagner\_machado

## APÊNDICE B

### Guarani das Missões se prepara para celebrar a beatificação do papa João Paulo II

Leila Endruweit, Zero Hora



Em Guarani das Missões, sobrenomes com poucas vogais são comuns. A mais polonesa das cidades gaúchas, com 85% da população de descendentes da terra de Karol Wojtyła orgulha-se por ser uma das duas únicas cidades do país a possuir uma estátua do Papa João Paulo II. A obra, em tamanho real, foi construída em 2000, após autorização do Vaticano. Às vésperas da beatificação daquele que ficou conhecido como o "Papa do povo" agora, ao lado da estátua, também é possível encontrar um banner com a foto do pontífice com a frase "A capital polonesa dos gaúchos reza pela beatificação de João Paulo II".

A grande maioria dos cerca de 8 mil habitantes é católica. Em Guarani das Missões até mesmo a santa de devoção é polonesa: Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polônia, a quem é dedicada uma romaria todo o mês de agosto. Ansiosos, os católicos da capital polonesa dos gaúchos aguardam agora pela beatificação de João Paulo II, no domingo, e uma vasta programação, com tríduos, missa e apresentações folclóricas está sendo preparada.

"João Paulo II deixou saudades pelo seu alto espírito humanístico, pela pregação da fé e pela aproximação dos povos\_ destaca o prefeito Casemiro Warpechowski, que teve a oportunidade de se encontrar com o papa em 1980, em Curitiba.

#### **Programação Especial Guarani das Missões**

Durante toda semana: tríduos em todos os grupos de oração do município em honra a João Paulo II.

**1º de maio:** 8H30min: missa campal, procissão, homenagens e pronunciamentos na Praça Papa João Paulo II. Também haverá apresentações artísticas com o Grupo Folclórico Polonês Água Branca.

- De 26 a 29 de maio: homenagens a João Paulo II durante a programação oficial da 10ª Polfest Internacional.

## APÊNDICE C



### Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira

#### 9. Guarani das Missões – A Capital Polonesa dos Gaúchos

**Distancia da Capital:** 479Km

**CURIOSIDADE:** Quem passeia pela Praça Central de Guarani das Missões, encontra uma estátua em tamanho natural do Papa João Paulo II, falecido em 2005. A imagem representa a fé dos moradores.

Em 1996, a cidade conquistou o título de "**Capital Polonesa dos Gaúchos**" por ser o maior centro de colonização polonesa do País. Nas escolas é ensinada a Língua Polonesa.



#### GUARANI DAS MISSÕES – A CAPITAL POLONESA DOS GAÚCHOS

Categoria	Nome
<b>Atrativos Turísticos</b>	- Prédio da Casa da Cultura (1914)
	- Prédio onde funciona a APAE (1930)
	- Casa Comercial (1927)
	- Casa Braspol
	- Casa de Pedra Estilo Sueco
	- Casa da Esquina Ipiranga (Casa de pedra, em estilo sueco, datada de 1918)
	- Casa do Grupo Folclórico Polonês
	- Casa Italiana da Família Sallet
	- Casa sem pregos
<b>Casa de Cultura</b>	- Hotel da Serra (1929)
	- Casa de Cultura Helena Carolina Polangewski
<b>Monumento</b>	- Imagem do Papa João Paulo II (Bronze)
	- Cruz de Bom Jardim
	- Pórtico do Imigrante
	- Cruz dos Imigrantes (Madeira)

<b>Biblioteca</b>	- Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico junto à Casa de Cultura
<b>Museu</b>	- Museu Municipal
<b>Praça</b>	- Praça Carumuru
<b>Associações Culturais</b>	- Clube Social Pragua
	- Clube Social Grêmio Guarani
	- Casa Braspol
	- CTG Guerreiro das Missões
	- Clube Social ASM
<b>Times de Futebol</b>	- Loja Brinquelândia
<b>Cultos e Templos</b>	- Igreja Matriz Santa Tereza D'Ávila
	- Santuário Nossa Senhora de Czestochowa
<b>Atrativos Naturais</b>	- Cascata do Comandaí
	- Rio Ijuí
	- Rio Comandaí
<b>Eventos</b>	- POLFEST
	- Encontro da Cultura Polonesa
	- FACIR
	- Festa do Colono e Motorista
	- Rodeio Crioulo
	- Procissão de Corpus Christi
	- Romaria de Nossa Senhora de Czestochowa
	- Natal Luz
<b>Personalidades</b>	- Paulo Marmilicz - literatura

## Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira

### DIAGNÓSTICO TURÍSTICO DE GUARANI DAS MISSÕES

Situado na microrregião das Missões, Guarani das Missões foi emancipada em 27 de maio de 1959. Fundado por imigrantes suecos, italianos, alemães, russos, portugueses e poloneses. Na atualidade, a maioria dos 8.660 habitantes são descendentes de poloneses, o que faz o município ser conhecido como a “Capital Polonesa dos Gaúchos”.

Esta cultura é tão forte e enraizada por seus habitantes que tudo gira em torno desta etnia européia, desde o pórtico de entrada, a arquitetura (que possui lei de incentivo por parte da Administração da cidade para as construções no estilo polonês), a música, a culinária, a língua ensinada nas escolas municipais, os principais eventos e a dança.

O grupo folclórico Aguiá Branca possui sede própria, localizada no parque de exposições, ao lado da sede da BRASPOL. A construção é uma obra-prima, com local específico para guardar as centenas de trajes confeccionados na Polônia. Conta com três andares onde também abriga um grande salão de festas, com bar e no subsolo um restaurante onde são servidos pratos típicos durante os eventos. No local já funcionou a Secretaria de Turismo Municipal, hoje no centro da cidade. As coreografias do grupo são ensinadas por professores vindos da

Polônia e as apresentações acontecem na cidade e região. A tradição gaúcha também é apreciada, embora com menos ênfase.

A Casa de Cultura, inaugurada há pouco mais de cinco anos e localizada no centro da cidade, funciona em uma casa datada de 1914 e que foi doada por antigos moradores à comunidade. O prédio foi todo restaurado e em seu interior - bastante amplo - encontra-se um museu, uma biblioteca, uma videoteca, uma sala de leitura, uma sala de música, uma sala para ensaios do coral, uma sala para aulas de polonês e outra para mostra de arte.

A cidade possui uma casa de artesanato – anexo à Casa de Cultura – que abriga todos os trabalhos confeccionados pelos integrantes da Associação dos Artesãos local. Embora não confeccionem nada típico, as peças são bem diversificadas.

A 18Km da Sede, na localidade de Linha Bom Jardim, encontra-se a maior fonte de fé e religiosidade de Guarani das Missões. O Santuário de Nossa Senhora de Czestochova, que atrai em sua romaria anual, milhares de fiéis numa corrente de oração. O Santuário é pequeno, abrigando aproximadamente 100 pessoas. Em seu interior, além da grande imagem em quadro da Santa, apresenta ricos detalhes da arquitetura polonesa e adornos em madeira. Em frente a este Santuário há um local para estacionamento, sem calçamento, o que dificulta aos que ali chegam em dias de chuva. Também não há um local próprio para venda de souvenirs, não há sanitários, local para lanches ou informações sobre o lugar.

Alguns eventos como o Corpus Christi são organizados pela Igreja e Prefeitura, mas conta com o apoio de toda a comunidade. As principais ruas - por onde passa a procissão - são decoradas com serragens coloridas e seus desenhos lembram passagens bíblicas e a natureza, acontecendo anualmente.

### Mapa Turístico do Município de Guarani das Missões

